

I CONGRESSO MÉTODOS FRONTEIRIÇOS: OBJETOS MÍTICOS, INSÓLITOS E IMAGINÁRIOS



CADERNO DE RESUMO

08, 09 e 10 de Abril

Universidade Federal de Rondônia

metodosfronteiricos.wix.com/metodosfronteiricos

CADERNO DE RESUMOS

**I CONGRESSO MÉTODOS FRONTEIRIÇOS:
OBJETOS MÍTICOS, INSÓLITOS E IMAGINÁRIOS**

Porto Velho - RO
Abril de 2015



Maria Berenice Alho da Costa Tourinho
Reitora

Maria Cristina Victorino de França
Vice-Reitoria

Jorge Luiz Coimbra de Oliveira
Pró-Reitor de Graduação

Ati Miguel Teixeira Ott
Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa

Rubens Vaz Calvacante
Pró-Reitor de Cultura, Extensão e Assuntos Estudantis

Hélio Rodrigues da Rocha
Coordenador do Mestrado Acadêmico em Estudos Literários

Diagramação e revisão

Heloísa Helena Siqueira Correia
Raiane Girard Madeira

I CONGRESSO MÉTODOS FRONTEIRIÇOS: OBJETOS MÍTICOS, INSÓLITOS E IMAGINÁRIOS

COMITÊ CIENTIFICO

PROFA. DR. MARISA MARTINS GAMA-KHALIL
Universidade Federal de Uberlândia-MG

PROFA. DR. MIRIAM VIVIANA GARATE
Universidade Federal de CAMPINAS-SP

PROFA. DR. MIGUEL NENEVE
Universidade Federal de RONDÔNIA-RO

PROFA. DR. KARIN VOLOBUEF
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Araraquara-SP

PROF. DR. AGUINALDO JOSE GONCALVES
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/SJR. PRETO-SP

PROFA. DR. ELDA FIRMO BRAGA
Universidade do Estado do Rio de Janeiro-RJ

PROFA. DR. GISELE MANGANELLI FERNANDES
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/SJR. PRETO-SP

PROF. DR. JOSE BATISTA DE SALES
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-MS

PROFA. DR. JUREMA JOSE DE OLIVEIRA
Universidade Federal de Espírito Santo-ES

PROF. DR. TELMA MACIEL DA SILVA
Universidade Estadual de Londrina-PR

PROF. DR. SILVIA MARIA AZEVEDO
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Assis-SP

COMISSÃO ORGANIZADORA

PROFA. DR. ANA PAULA CANTARELLI

PROF. DR. ALEXANDRE PACHECO

PROF. MS. MARCIA MACHADO DE LIMA

PROF. DR. EDINALDO BEZERRA DE FREITAS

PROF. DR. HELIO RODRIGUES DA ROCHA

PROFA. DR. HELOISA HELENA SIQUEIRA CORREIA

PROF. DR. LUIS EDUARDO FIORI

PROFA. DR. LOU ANN KLEPPA

PROFA. DR. MILENA CLAUDIA MAGALHAES SANTOS GUIDIO

PROF. DR. OSVALDO COPERTINO DUARTE

PROF. DR. GABRIEL PEREIRA DE MELO

PROF. DR. VALDIR APARECIDO DE SOUZA

CARINE BARBOZA DA SILVA GOMES/Iniciação Científica

DIEGO BEZERRA JERONIMO/Graduação

MAISSA PIRES RAMOS/Iniciação Científica

JOSE GERALDO DA SILVA/Graduação

JOSIANE PAULA DA SILVA TAVARES/Graduação

RAIANE GIRARD MADEIRA/Iniciação Científica

REGYVANYA ALVES ARAUJO-Iniciação Científica

SIMPÓSIO

Amazônia: região depositária de objetos imaginários, insólitos e fantásticos

Coordenador: Prof. Dr. Valdir Aparecido de Souza (UNIR)

A EXPEDIÇÃO ROOSEVELT-RONDON: DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA OU ESPETACULARIZAÇÃO? (1913- 1914)

Aleandro Gonçalves Leite 18

IRACEMA E UMA OUTRA ICONOGRAFIA DA AMAZÔNIA

Claudio Aurélio Leal Dias Filho, Mário Cezar Silva Leite (orientador) 18

CINEMA E HISTÓRIA: A AMAZÔNIA EM PERSPECTIVA

Danilo Leandro da Silva, Valdir Aparecido de Souza (orientador) 19

VISÕES SOBRE A FLORESTA EM JOGO: O FOOTBALL NA AMAZÔNIA E AS TENSÕES NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE “MODERNIDADE NA SELVA” NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Elis da Silva Oliveira, Valdir Aparecido de Souza (orientador) 20

A RIQUEZA ICONOGRÁFICA DOS COMEDORES DE FARINHA

Joesér Alvares da Silva 20

IMAGENS E REPRESENTAÇÕES NO COBRA NORATO DO GIRAMUNDO TEATRO DE BONECOS: UM OLHAR SOBRE AS PERSONAGENS, FAUNA, FLORA, MITOS E LENDAS AMAZÔNICAS

Luciano Flávio de Oliveira 21

A MULHER QUE GEROU UMA SERPENTE

Márcia Nunes Maciel, José Carlos Sebe Bom Meihy (orientador) 22

O MITO NO CINEMA: COLONIALIDADE DO VER E INTERCULTURALIDADE EM TRADIÇÕES INDÍGENAS NA AMAZÔNIA

Maria de Nazaré Cavalcante de Sousa 22

A CRISE DA INVENÇÃO E A INVENÇÃO NA CRISE: INFERÊNCIAS PARA UMA PESQUISA AMAZÔNIDA

Sandro Adalberto Colferai 23

O MAPINGUARI E O MEGATÉRIO: ENTRE O SIGNIFICADO MÚLTIPLO E O PROPÓSITO ÚNICO

Valdir Vegini, Rebecca Louize Vegini 23

ESTRUTURAS ANTROPOLÓGICAS DO IMAGINÁRIO: O SILÊNCIO DA DIFERENÇA NA IDENTIDADE

João Paulo Afonso Neto, Osvaldo Duarte (Orientador) 24

JORGE LUIS BORGES E A SUBVERSÃO TEMPORAL EM “O MILAGRE SECRETO”

Andreza Moraes Branco Leria, Mário Cezar Silva Leite (orientador) 24

SIMPÓSIO

Mitologias e teratologias amazônicas: discutindo critérios indígenas de realidade, historicidade e verdade

Coordenadores: Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden (UFSCAR), Prof. Dr. Ari Miguel Teixeira Ott (UNIR)

AJAJ, GUBET E OUTROS SERES: NARRATIVAS ZORÓ SOBRE O CASAMENTO ANTES DA CRIAÇÃO DOS CLÃS

Alfredo Zoró e Gicele Sucupira 25

O BRANCO DO PÊNIS GRANDE: HISTÓRIA E CORPORALIDADE COMO ONTOLOGIA DO OUTRO ENTRE OS XAVANTE (MT)

Estevão Rafael Fernandes 25

O REAL DOS ÍNDIOS, O FANTÁSTICO DO FOLCLORE E A HIPÓTESE CIENTÍFICA: REALIDADE E FANTASIA NA CONTROVÉRSIA SOBRE O MAPINGUARI NO SUDOESTE AMAZÔNICO

Felipe Ferreira Vander Velden 26

AS METAMORFOSES EM PORANDUBA AMAZONENSE

Gabriela Ismerim Lacerda, Eduardo de Almeida Navarro (Orientador) 26

PALAVRA CONTADA, PALAVRA ESCRITA – NARRATIVAS DESANA NA CULTURA DO IMPRESSO

Jazilane Pessoa Oliveira Araújo, Heloísa Helena Siqueira Correia (Orientadora) 27

ESTUDOS LITERÁRIOS EM NARRATIVAS MÍTICAS INDÍGENAS ESCRITAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Joeliza Lamarão Bezerra, Wany Bernadete de Araújo Sampaio (Orientadora) 28

MITO-DRAMA: DA PERFORMANCE RITUAL A REPRESENTAÇÃO DAS NARRATIVAS INDÍGENAS DE RONDÔNIA

José Maria Lopes Júnior, Luiz Cláudio Cajaíba (Orientador) 28

SERPENTES BICÉFALAS, LOSANGOS, CRUZES E MÃES DA LOUÇA: A ICONOGRAFIA CERÂMICA DA SUBTRADIÇÃO JATUARANA NO ALTO MADEIRA

Odair José Petri Vassoler, Lilian Maria Moser (Orientadora) 29

NGURÁ: AS VOZES NO ESPAÇO COMPARTILHADO

Raiane Girard Madeira, Heloísa Helena Siqueira Correia (Orientadora) 30

A CRIAÇÃO DA MULHER: UM ESTUDO ESTRUTURAL DO MITO AMONDAWA

Wany Bernadete de Araújo Sampaio 30

SIMPÓSIO

Mitos, memórias e sociabilidades: a fronteira oeste do Brasil no século XX, o (re)ordenamento das espacialidades, disputas de poder e exclusões

Coordenadores: Prof.^a Dra. Gilmara Yoshihara Franco (UNIR) e Prof. Dr.
João Maurício Gomes Neto (UNIR)

**A CRIAÇÃO DO NOVO ELDORADO: AS REPRESENTAÇÕES
CONSTRUÍDAS PELA REVISTA VEJA DE UM IMAGINÁRIO
PROGRESSISTA PARA RONDÔNIA**

*Aleandro Gonçalves Leite, Alex Filipe Gomes dos Santos, Valdir Aparecido de Souza
(orientador) 31*

**A FRONTEIRA OESTE BRASILEIRA: POLÍTICAS DE ESTADO E REDE DE
CIDADES (1989-1930)**

Carlos Alexandre Barros Trubiliano 32

COLONIZAÇÃO DIRIGIDA NA AMAZÔNIA

Dieine Gomes de Andrade, Júlio César Barreto Rocha (Orientador) 32

**TRABALHO, IDENTIDADE E CULTURA DAS MULHERES ARTESÃS DO
REASSENTAMENTO SANTA RITA**

Elizabete Matia de Siqueira, Sônia Maria Gomes Sampaio (Orientadora) 33

**DAS NOVAS ESPACIALIDADES CULTURAIS: RELEITURA DOS MITOS
RIBEIRINHOS**

Marcela Arantes Ribeiro 33

**O OLHAR MIGRANTE SOBRE AS IDENTIDADES OU REPRESENTAÇÕES
DOS ‘AMAZÔNIDAS’ EM RONDÔNIA (1970-1980) E A FORMAÇÃO DE
NOVAS IDENTIDADES**

Maria Aparecida da Silva, Odete Burgeile (Orientadora) 34

**CONFLITOS DE IDENTIDADES NO CAMPO RELIGIOSO AFRO-
BRASILEIRO DE RONDÔNIA APÓS A DÉCADA DE 1960**

Marta Valéria de Lima 34

**“POÉTICAS DA MIGRAÇÃO” EM RONDÔNIA: OS FESTIVAIS DE MÚSICA
E POESIA DO MIGRANTE**

Renata da Silva Nobrega, Fernando Antônio Lourenço (Orientador) 35

**IMIGRAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADES: UM ESTUDO DE CASO EM
ROLIM DE MOURA/RO**

*Ronei Militino Silva Bueno, Patrícia Soares Nascimento, João Maurício Gomes Neto
(Orientador) 35*

**A (RE)INVENÇÃO DA RONDÔNIA: DOS SERTÕES DE ROQUETTE-PINTO
À AMAZÔNIA DE GETÚLIO VARGAS**

Sandro Adalberto Colferai 36

**MEMÓRIAS DO MASSACRE DE CORUMBIARA: A LUTA PELO DIREITO À
FUNÇÃO SOCIAL DA TERRA**

Solange Gonçalves da Fonseca, Cássio Allan de Abreu Albenaz (Orientador) 36

**A FESTA DO DIVINO – UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE E DE
FRONTEIRAS**

Uílian Nogueira Lima , Wilma Suely Batista Pereira (Orientadora) 37

A FRONTEIRA, A BORRACHA E A FERROVIA MADEIRA-MAMORÉ: UMA ANÁLISE A PARTIR DO ÁLBUM GRÁFICO DE MATO GROSSO

Wander Scalfoni de Melo, Gilmara Yoshihara Farnco (Orientadora) 37

SIMPÓSIO

“A Amazônia “real” e imaginária: colonização e descolonização em cena”

Coordenadores: Prof. Dr. Hélio Rodrigues Rocha (UNIR) e Prof.^a Ms. Maria de Fátima Molina (UNIR)

A IDENTIDADE DO COLONIZADOR RETRATADA PELO OLHAR DO ÍNDIO AMAZÔNICO NO CONTO “CABOU VIDA NOSSA DE ÍNDIO”

Alexandre Dourado Santos, Rosa Maria A. Nechi (Orientadora) 38

ANTROPOLOGIA E AS IMAGENS EM SALA DE AULA: AS REPRESENTAÇÕES E A DOCÊNCIA EM SALA DE AULA NO SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ana Claudia Muller, Wilson S de Paulo 39

“O PERFIL DO ADOLESCENTE AUTOR DE ATO INFRACIONAL NO MUNICÍPIO DE PORTO VELHO NA FAIXA ETÁRIA DE 13 A 18 ANOS”

Antônio Cardoso da Silva, Nilson Santos (Orientador) 39

REPRESENTAÇÕES RELIGIOSAS NOS SERINGAIS DA REGIÃO SUDOESTE DA AMAZÔNIA

Cledenice Blackman, Washington Heleno Cavalcante 40

SIMÁ E RAZA DE BRONCE: O INDIGENISMO E O CONTEXTO HISTÓRICO COLONIAL

Dante Ribeiro da Fonseca 40

VACINA ANTI-HEPATITE B NO RIO PURUS: CRENÇAS E MITOS NAS CAMPANHAS DE VACINAÇÃO DA CIDADE DE LÁBREA/AM AO SERINGAL ARACATY ENTRE 1989 A 1992

Fábio Teixeira de Lima, Hélio Franklin Rodrigues (Orientador) 41

FRAGMENTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO TEOLÓGICA

Josué Passos de Melo, Dante Ribeiro da Fonseca (Orientador) 42

IDENTIDADE CULTURAL INDÍGENA NA AMAZÔNIA EQUATORIAL

Lusilene Mariano de Sá, Hélio Rodrigues da Rocha (Orientador) 42

UM ESTUDO SOBRE O DISCURSO PÓS-COLONIZADOR EM “LEO HALLIWELL NA AMAZÔNIA”

Marco Rodrigues da Silva, Júlio César Barreto Rocha (Orientador) 43

LITERATURA E HISTÓRIA: A INTERRELAÇÃO ENTRE A FICÇÃO E A “REALIDADE” REPRESENTADA NO CONTO “O TAPARÁ”, DE ALBERTO RANGEL

Maria Odete da Silva, Hélio Rodrigues da Rocha (Orientador) 43

“INVISIBILIDADE”: UMA ANÁLISE VEROSSÍMIL DA AMAZÔNIA PURUENSE

Maria Odete da Silva, Tatiana da Silva Andrade, Hélio Rodrigues da Rocha (Orientador) 44

ANÁLISE DOS CONTOS “INVISIBILIDADE” DE HÉLIO ROCHA E “MAIBI” DE ALBERTO RANGEL, SOB A PERSPECTIVA DO PÓS-COLONIALISMO

Taianni Rocha de Santana Fernandes, Hélio Rodrigues da Rocha (Orientador) 45

O MISTICISMO RELIGIOSO PRESENTE NA OBRA DO AMOR E OUTROS DEMÔNIOS DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Ariane Rosas da Silva, Joelma Silva Ferreira, Ana Paula Cantarelli (Orientadora) 45

SIMPÓSIO

Estéticas telúricas e insólitas: experiência dos seres da terra-Terra

Coordenadora: Prof.^a Dra. Heloísa Helena Siqueira Correia (UNIR)

A RELAÇÃO ENTRE OS INDIVÍDUOS E A TERRA NA COMALA DE JUAN RULFO

Ana Paula Cantarelli 46

ORALIDADE, ESCRITA E AS RELAÇÕES TELÚRICAS EM TERRA SONÂMBULA DE MIA COUTO

Carine Barboza da Silva, Heloísa Helena Siqueira Correia (Orientadora) 47

MÁGICO, INSÓLITO E MARAVILHOSO: DO DISCURSO POPULAR À LITERATURA ERUDITA NA AMÉRICA LATINA

Elton Emanuel Brito Cavalcante 47

O MITO DA CRIAÇÃO DO MUNDO EM BORGES: “TLÖN, UQBAR, ORBIS TERTIUS” E “EL CONGRESO”

Gabriel Pereira de Melo 48

O ESTOICO BURRINHO PEDRÊS DE GUIMARÃES ROSA

José Geraldo da Silva, Heloísa Helena Siqueira Correia (Orientadora) 48

ENTRE O FANTÁSTICO E O MARAVILHOSO: UMA AVENTURA NO PAÍS DAS FADAS

Keily Martins Francisco, Heloísa Helena Siqueira Correia (Orientadora) 49

O REAL ENCANTADO: A ENCANTARIA NA AMAZÔNIA

Leonardo Lucas Britto 49

FICÇÃO CIENTÍFICA E MITOLOGIA GRECO-ROMANA EM JOGOS VORAZES

Izabel de Rohan, Lucia de La Rocque (Orientadora) 50

TRANSFIGURAÇÕES: AMÁLGAMAS SOCIOCULTURAIS FRONTEIRIÇOS

Lucineide Rodrigues Monteiro 50

FALSA INSENSIBILIDADE: VAIDADES, DESEJOS E DELÍRIOS NO JARDIM DE ASTRID CABRAL

Maíssa Pires Ramos, Heloísa Helena Siqueira Correia (Orientadora) 51

A AURORA DO COSMOS: SEMELHANÇAS E DESSEMELHANÇAS ENTRE O MITO GREGO E A NARRATIVA DESANA

Márcio Moreira Costa, Heloísa Helena Siqueira Correia (Orientadora) 52

DA ORDEM AO CAOS: O INSÓLITO MUNDO DOS VITIMADOS PELA CEGUEIRA BRANCA NA OBRA ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA, DE JOSÉ SARAMAGO

Maria da Saúde Gomes da Silva 52

A INVENÇÃO DO MARAVILHOSO NA POESIA DE ANDRÉ CARNEIRO

Oswaldo Copertino Duarte 53

A FRONTEIRA ENTRE O HUMANO E O ANIMAL: OS PERSONAGENS DE MURILO RUBIÃO

Regyvânia Alves Araújo, Heloísa Helena Siqueira Correia (Orientadora) 53

SIMPÓSIO

O imaginário da Amazônia que institui fronteiras exóticas, tensas, perigosas, conflitivas e violentas

Coordenadores: Prof.^a Dra. Maria do Socorro de Sousa Araújo (UNEMAT – Cárceres) e Prof. Dr. João Ivo Puhl (UNEMAT – Cárceres)

CONTEXTOS MITOLÓGICOS AMAZÔNICOS E SUAS CONEXÕES NA EDUCAÇÃO RIBEIRINHA DE PORTO VELHO: SABERES E PRÁTICAS DE APRENDIZAGEM

Clarides Henrich de Barba 54

AS RELAÇÕES CULTURAIS E SÓCIO-ECONÔMICAS DOS ASSENTAMENTOS RURAIS NA FRONTEIRA OESTE BRASIL/BOLÍVIA

Drielly Crystina Silva 55

A RELEITURA DO MITO NO ESPETÁCULO TEATRAL – PÁSSARO FORA DO AR

Éder Rodrigues 55

O GOVERNO DE OTTOMAR DE SOUSA PINTO (1991-1994): UM CASO DE POPULISMO?

Elen Patrícia da Silva Nogueira, Alexandre Pacheco (Orientador) 56

CINCO TENHARIN – UMA NARRATIVA TRANSMÍDIA (?)

Joesér Alvares da Silva 56

FOTOGRAFIA E RELATO ORAL: LINGUAGENS DA MEMÓRIA E PRODUÇÃO DA HISTÓRIA

Ludmila Araújo Benvenuti, Maria do Socorro de Sousa Araújo (Orientadora) 57

MORADORES DA FRONTEIRA: UM ESTUDO SOBRE A MIGRAÇÃO DE BOLIVIANOS EM GUAJARÁ-MIRIM

Magno Ferreira de Assis, Odete Burgeile (Orientadora) 57

MASSACRE DE CORUMBIARA: UMA AÇÃO DA HISTÓRIA DO VAZIO E O VAZIO DA HISTÓRIA NAS FRONTEIRAS DA CULTURA AMAZÔNICA

Mauro Antonio dos Santos 58

RELAÇÃO ENTRE O IMAGINÁRIO MÍTICO E A INFÂNCIA EM ÓRFÃOS DO ELDORADO

Rafael Rodrigues da Cunha, Joziane Pinto Ferreira 58

SIMPÓSIO

Literatura, Representação e Resistência: Estratégias de Narrativas como meio colonização e descolonização

Coordenadores: Prof. Dr. Miguel Nenevé (UNIR) Prof.^a Dra. Simone Souza Lima (UFAC)

AMAZÔNIA PARA OS BRASILEIROS

João Lucas Proença da Silva, Alexandre Pacheco (Orientador) 59

SOBRE O TRAÇADO DA ESCRITA LIBIDINOSA E TRANSGRESSORA EM CORONEL DE BARRANCO DE CLAUDIO ARAUJO LIMA

Adriano Araújo Pereira, Simone de Souza Lima (Orientadora) 60

A REPRESENTAÇÃO DE MONSTROS EM LITERATURA DE MASSA EM: UMA LEITURA DE SANGUE QUENTE E DEIXA ELE ENTRAR À MARGEM DO CÂNONE

Aldeir Paiva de Oliveira, Simone Souza Lima (Orientadora) 60

A MÁSCARA DA COLONIZAÇÃO NO POEMA “MANUELZINHO” DE ELIZABETH BISHOP

Alex Santana, Miguel Nenevé (Orientador) 60

FRONTEIRAS INTERCULTURAIS , LIMIARES PLURAIS , FRICÇÕES DO LOCAL E DO GLOBAL EM DOIS IRMÃOS – MILTON HATOUM

Amilton José Freire de Queiroz, Ezilda Maciel Silva 61

RESISTÊNCIA EM NARRATIVAS PÓS-COLONIAIS – MIA COUTO E POTYGUARA

Ana Beatriz Anjos, Simone de Souza Lima (Orientadora) 61

OS RESQUÍCIOS DO COLONIALISMO EM GALILEIA

Carla Piovezan da Silva, Milena Cláudia Magalhães Santos Guidio (Orientadora) 63

PAULINE MELVILLE E A VOZ AMERÍNDIA - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A MITOLOGIA AMERÍNDIA EM A HISTORIA DO VENTRILOQUO

Chirlaine Nobre, Miguel Nenevé (Orientador) 64

POR UMA POÉTICA DESCOLONIAL: SHE TRIES HER TONGUE, HER SILENCE SOFTLY BREAKS (1989) DE MARLENE NORBESE PHILLIP

Claudia Maria F. Correa 64

RECUSA- POR UMA DRAMATURGIA “OUTRA”

Dhaniel Graziane Ruggio 64

UMA REPAGINAÇÃO DA HISTÓRIA NA ESTRUTURA FICCIONAL EM O OUTRO PÉ DA SEREIA, DE MIA COUTO

Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina 65

TASTEVIN E O LENDÁRIO AMAZÔNICO

Glidia de Andrade Tojal, Humberto de Freitas Espeleta (Orientador) 65

A INFLUÊNCIA DA CULTURA INGLESA NA LITERATURA NORTISTA EM CORONEL DE BARRANCO DE CLAUDIO DE ARAÚJO LIMA: COLONIALISMO E PATRIARCADO

Janaíra R. Rodrigues, Mararete Edul P S Lopes (orientadora) 66

FEMININO NAS FRONTEIRAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Jeysiane Furtado da Silva, Simone Souza Lima (orientadora) 66

O CRIME DO TAPUIO: O FEMINISMO E ALTERIDADE RACIAL

Joyce Marcela de Souza Soares, Ezilda Maciel da Silva (Orientadora), Simone de Souza Lima (Orientadora) 67

A EXPERIÊNCIA DA REDE BANZEIRO: LINGUAGENS MUSICAL E POÉTICA EVIDENCIANDO POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIAS NAS IDENTIDADES DA ARTE ACREANA

Kelen Pinto Mendes, Ezilda Maciel da Silva (Orientadora), Simone de Souza Lima (Orientadora) 68

UM PASSEIO PELAS FRONTEIRAS IMAGINÁRIAS DO INFERNO: UMA LEITURA PÓS-COLONIAL DO CONTO A DIABO QUE ASSOVIAVA, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Kelvin Willians Vale da Silva, Simone de Souza Lima (Orientadora) 68

AS REPRESENTAÇÕES LINGUÍSTICO/CULTURAIS DA COMUNIDADE SURDA NA NARRATIVA ADAPTADA ADÃO E EVA

Larissa Gotti, Wany Bernadete de Araújo Sampaio (Orientadora) 69

A MULHER SEM PAR: REPRESENTAÇÕES DA SUBMISSÃO X RESISTÊNCIA EM ANGELES MASTRERA, ROBÉLIA FERNANDES E FLORENTINA ESTEVES

Margarete Edul Prado de Souza Lopes 69

FEMINIZAÇÃO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM XAPURI: MEMÓRIAS DE EXCLUSÃO E RESISTÊNCIA MARIA

Maria de Nazaré Uchoa Barroso, Margarete Edul Prado de Souza Lopes (Orientadora)

MITOLOGIA MADIJAS – UMA BREVE LEITURA DO TEXTO INDÍGENA QUANDO FIZERAM O JACU GRASNAR

Nalrizete da Silva Costa 70

PROJETO PORONGA (ACRE): ENTRE O FRACASSO ESCOLAR E OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

Maria Regiana Araújo da Costa 71

OS NOMES DE ORIGEM NORTE-AMERICANA EM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE RIO BRANCO

Michelly Souza Lira, Antonieta B. S. Hosokawa (Orientadora) 72

PRÁTICAS DE ENSINO E CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE NA AMAZÔNIA: UM ESTUDO REFLEXIVO COM BASE NO PERSONAGEM TOINHO DA OBRA SERINGAL, DE MIGUEL JERÔNIMO FERRANTE

Mysilla Alves da Silveira, Lusinilda Carla Pinto Martins (Orientadora) 72

A PRÁXIS POÉTICA DE MARY GUESO ROMERO

Ricardo Luiz de Souza, Maria Helena Valentim Duca Oyama (Orientadora) 73

A METÁFORA DO SÊMEN DE DEUS NO POEMA CÂNTICO V, DE JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO

Samila Calixto Silveira, Simone de Souza Lima (Orientadora) 73

A AVENTURA DESCOLONIZADORA DE HERÓIS RIBEIRINHOS

Simone Norberto 74

PROCESSOS DIASPÓRICOS NAS FRONTEIRAS AMAZÔNICAS – UMA LEITURA DOS DESLOCAMENTOS HAITIANOS PELO VIÉS POÉTICO

Thirson Rodrigues de Medina, Simone de Souza Lima (Orientadora) 74

SIMPÓSIO

Crise econômica mundial e respostas da literatura contemporânea

Coordenador: Prof. Dr. Thiago Martins Prado (UNEB-Seabra)

SUJEITOS DE INADEQUAÇÃO NO LIVRO BAQUE, DO POETA FABIO WEINTRAUB

Mislene de Oliveira, Milena Cláudia Magalhães Santos Guidio (Orientadora) 75

CRISE, CEGUEIRA E IDENTIDADE: UMA LEITURA DO ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA, DE SARAMAGO

Éverton Nery Carneiro, Vítor Westhelle (Orientador) 76

AS NARRATIVAS SOBRE A CRISE ECONÔMICA MUNDIAL E A MADLÂNTIDA DE PALAHNIUK

Thiago Martins Prado 77

SIMPÓSIO

Imaginário e Ensino de História

Coordenadores: Prof.^a Ms. Veronica Aparecida Silveira Aguiar (UNIR) e Prof. Ms. Mauro Henrique Miranda de Alcântara (IFRO-Colorado do Oeste)

URUPÁ: UMA FRONTEIRA ABERTA

Adelto Rodrigues Barbosa, Alexandre Pacheco (Orientador) 77

REGISTRO E REFLEXÕES: PERCEPÇÕES A PARTIR DO PIBID

Alana Alencar Souza Teixeira, Ana Caroline Morandi Gonçalves, Thays Souza dos Santos, Maurício Silva de Souza (Orientador), João Maurício Gomes Neto (Orientador) 78

RELIGIOSIDADES NA ÍNDIA: UM OLHAR SOBRE AS ABORDAGENS DO LIVRO DIDÁTICO

Ana Luísa Oliveira Fraga, Maurício Silva de Souza (Orientador), João Maurício Gomes Neto (Orientador) 78

PERCEPÇÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DOS DISCENTES CONCLUINTE

Cleya Monteiro Pacheco Sehnem, Erni José Gottselig Junior, Maurício Silva de Souza (Orientador), João Maurício Gomes Neto (Orientador) 79

DESAFIOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: “O EDUCANDO COMO SUJEITO HISTÓRICO”

Denise Pereira Rodrigues, Janiny Kélvia Pisoler Hell, Maurício Silva de Souza (Orientador), João Maurício Gomes Neto (Orientador) 80

OLHAR SOBRE RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO: INDAGAÇÕES A RESPEITO DOS IMPACTOS QUE ELA ACARRETA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA

Ediane Moreira Cipriano, Eliane Teodoro Gomes Maurício Silva de Souza (Orientador), João Maurício Gomes Neto (Orientador) 80

A IMAGEM DA IDADE MÉDIA NOS LIVROS DIDÁTICOS

Francine Machado, Veronica Aparecida Silveira Aguiar (Orientadora) 81

O USO DA MÍDIA NO ENSINO DA HISTÓRIA

Hinglidy Nayara Marques Souza, Daniele Pereira Coelho, Maurício Silva de Souza (Orientador), João Maurício Gomes Neto (Orientador) 81

OS ESPAÇOS DE MEMÓRIA E SUAS REPRESENTAÇÕES NO ENSINO DE HISTÓRIA

Letícia Mendes da Silva, Neuda Larissa Dias Perdigão, Flávia Rodrigues Lima da Rocha (Orientadora) 82

CHARLES DARWIN NOS LIVROS DIDÁTICOS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE LIVROS DE HISTÓRIA E BIOLOGIA

Luana Grassi da Silva, Mauro Henrique Miranda de Alcântara (Orientador) 83

A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE HISTÓRIA: ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA, O DESAFIO DE ENSINAR E APRENDER HISTÓRIA NUMA PERSPECTIVA DIFERENCIADA

Marlene Gabriel Ferreira, Rodrigo Mistrello, Maurício Silva de Souza (Orientador), João Maurício Gomes Neto (Orientador) 83

A ESCRAVIDÃO NO BRASIL NO “IMAGINÁRIO” DE DARWIN: A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DOS SUJEITOS COMO POSSIBILIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA

Mauro Henrique Miranda de Alcântara 84

O GÊNERO FEMININO NA PERSPECTIVA DO LIVRO DIDÁTICO: NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Renata Honório Barbosa Lima 85

A UTILIZAÇÃO DE MULTIMÍDIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Ronaldo Scher Bahia, Maurício Silva de Souza (Orientador), João Maurício Gomes Neto (Orientador) 85

IMAGINÁRIO MEDIEVAL E O ENSINO DE HISTÓRIA

Verônica Aparecida Silveira Aguiar 86

SIMPÓSIO

Diálogos sobre paisagens insólitas em cidades e florestas amazônicas

Coordenadores: Prof. Dr. Gerson Rodrigues de Albuquerque (UFAC) e Prof. Dr. Francisco Bento da Silva (UFAC)

'IMAGENS', 'DISCURSOS' E 'SÍMBOLOS': REPRESENTAÇÕES DE PROSTITUIÇÃO NA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA ACREANA

Altaíza Liane Marinho, Francisco Bento da Silva (Orientador) 86

O RETRATO AMAZÔNICO PINTADO PELAS TINTAS DE EUCLIDES DA CUNHA E LEANDRO TOCANTINS

Ana Cláudia de Souza Garcia, Vera Lúcia de Magalhães Bambirra (Orientadora) 87

CIDADES DO POVO: NOVAS PROPOSTAS DE URBANIZAÇÃO E O RETORNO DO DISCURSO DA “NATUREZA PERVERSA” NO ACRE

Armstrong da Silva Santos 88

DISCURSOS DE INTERVENÇÃO PARA UM TEATRO NA AMAZÔNIA

Carlos André Alexandre de Melo 88

O DAIME, AS PESSOAS, O ESTADO E OS DISCURSOS

Fernanda Cougo Mendonça, Gerson Rodrigues de Albuquerque (Orientador) 89

ARQUITETURAS DA 'CIDADE MODERNA' NA AMAZÔNIA ACREANA: IMAGENS DE UMA INSÓLITA 'PRINCESA' ENTRE O RIO E A FLORESTA

Gerson Rodrigues de Albuquerque 89

CARTAS AO 'PAI DO ACRE': SACRALIZAÇÃO DE UMA MEMÓRIA IDEALIZADA

Ítala Oliveira da Silva, Gerson Rodrigues de Albuquerque (Orientador) 90

QUANDO A CIVILIZAÇÃO CAMINHA SOBRE A FLORESTA: MARCAS DISCURSIVAS DE COLONIALIDADE NO RELATO DE VIAGEM DE UM VIAJANTE LITERÁRIO DO SÉCULO XXI

João José Veras de Souza, Marcos Fábio Freire Montysuma (Orientador) 90

HIDRELÉTRICAS NO RIO MADEIRA: DISCURSOS, SUJEITOS E TERRITORIALIDADES NA AMAZÔNIA DO SÉCULO XXI

Julia Lobato Pinto de Moura, Gerson Rodrigues de Albuquerque (Orientador) 91

ERRÂNCIA, MEMÓRIA E ARTE: NARRATIVAS DO TEATRO NA CIDADE DE RIO BRANCO - ACRE (1970- 1990)

Juliana Feitosa Albuquerque, Gerson Rodrigues de Albuquerque (Orientador) 92

PROCESSO DE MIGRAÇÃO DE CEARENSES AO ACRE: RUMO À VITÓRIA!?

Mayra Raelly da Costa Silva Saar, Alexandre Melo de Sousa (Orientador) 93

A FESTA POPULAR EM CONTRASTE COM O CÍRIO NA OBRA 'O CARRO DOS MILAGRES', DE BENEDICTO MONTEIRO

Odson Lopes Moreira, Lindinalva Messias (Orientadora) 93

CIDADES E PAISAGENS INSÓLITAS EM RELATOS DE VIAJANTES DO SÉCULO XIX

Raquel Alves Ishii, Gerson Rodrigues de Albuquerque 94

PODER PÚBLICO, SABERES MÉDICOS E MEDICINA POPULAR NO TERRITÓRIO DO ACRE (1904 A 1930)

Sérgio Roberto Gomes de Souza 94

SIMPÓSIO

Traços do imaginário: o fantástico e o maravilhoso nas Literaturas de Língua Portuguesa

Coordenadores: Prof. Dr. Pedro Manoel Monteiro (UNIR) e Prof.^a Ms.

Raquel Aparecida Dal Cortivo (UFAM)

O IMAGINÁRIO MARAVILHOSO CABO-VERDIANO NO CONTO CAPOTÓNA, DE IVONE AIDA

Pedro Manoel Monteiro 95

O FANTÁSTICO COMO EXPLICITACÃO DO SENTIDO DO ABSURDO NO ROMANCE “NO INFERNO”, DE ARMÊNIO VIEIRA

Raquel Aparecida Dal Cortivo 96

REAL COMO DELÍRIO NO VIÉS DO INSÓLITO E FANTÁSTICO NO CONTO: “O HOMEM QUE NÃO PODIA OLHAR PARA TRÁS”, DE NELSON SAÚTE

- Ana Yanca da Costa Maciel, Pedro Manoel Monteiro (Orientador) 96*
“O RAPAZ E O CRÂNIO” EM UMA PERSPECTIVA SOBRENATURAL, DE ACORDO COM TODOROV
- Andressa Viana da Silva, Pedro Manoel Monteiro (Orientador) 97*
O FANTÁSTICO GATO NO ESCURO
- Doane Braga de Carvalho, Pedro Manoel Monteiro (Orientador) 97*
O INSÓLITO NOS CONTOS: “A MENINA SEM PALAVRAS” E “O NÃO DESAPARECIMENTO DE MARIA SOMBRINHA” DE MIA COUTO
- Edinaldo Flauzino de Matos 98*
O FILHO DO VENTO, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA: O MARAVILHOSO EM FAVOR DA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE
- Emanuelly Mariana T. Guimarães, Pedro Manoel Monteiro (Orientador) 99*
A NORMALIDADE DO MUNDO DE ANDRÉ CARNEIRO: ENTRE O FANTÁSTICO E O REAL
- Joama Silva Diniz, Osvaldo Copertino Duarte (Orientador) 99*
AS MARAVILHOSAS MULHERES DO FANTÁSTICO!
- Julcy Emanuella da Silva, Pedro Manoel Monteiro (Orientador) 100*
O FANTÁSTICO PRESENTE NA PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA DE NELSON SAÚTE: O HOMEM QUE NÃO PODIA OLHAR PARA TRÁS
- Laíssa Pereira de Almeida, Pedro Manoel Monteiro (Orientador) 100*
O MARAVILHOSO E O FANTÁSTICO NO CONTO “A MORTA”, DE FLORBELA ESPANCA
- Arlene Leite de Almeida, Manuella Nogueira da Silva 101*
CONTRADIÇÃO ENTRE O REAL E O FANTÁSTICO NO CONTO “A MANCHA” DE MIA COUTO
- Michelle Cechin da Silveira, Pedro Manoel Monteiro (Orientador) 101*
CONSIDERAÇÕES SOBRE O FANTÁSTICO EM A CONFISSÃO DE LÚCIO
- Zeno Germano, Heloísa Helena Siqueira Correia (Orientadora) 102*

Simpósio
**Amazônia: região depositária de objetos imaginários, insólitos e
fantásticos**

Coordenador: Prof. Dr. Valdir Aparecido de Souza (UNIR)

**A EXPEDIÇÃO ROOSEVELT-RONDON: DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA OU
ESPETACULARIZAÇÃO? (1913-1914)**

Aleandro Gonçalves Leite

O presente trabalho pretende discutir e entender a relação que se pode estabelecer entre o caráter científico, que efetivamente possuiu a Comissão científica Roosevelt-Rondon (1913-1914), e o nível de propaganda política da pretensa aproximação das relações entre Brasil e Estados Unidos por meio da figura de Roosevelt. Nessa análise, se tem como foco de perspectiva, a observação dos discursos presentes nos jornais de grande circulação nesse período no Rio de Janeiro, que acompanharam os passos, do então ex-presidente dos Estados Unidos, desde os momentos de articulação com o governo brasileiro para a realização de uma expedição pelos seus sertões, até a recepção, pela comunidade científica do ocidente, sobre as impressões publicadas por Roosevelt quanto a sua "aventura" pela Amazônia brasileira. Tal proposta, se encaminha a confirmar-se a partir do momento em que se observa, nos periódicos publicados entre 1913 e 1914, que a figura de Roosevelt é muito mais exaltada e propagandeada do que os resultados científicos propostos e concretizados, em certa medida, pela comissão. Outro ponto importante, é a priorização, por parte do governo brasileiro, de se executar a expedição, sendo que, o então coronel Cândido Mariano Rondon, que havia sido convocado para comandar a expedição, estava, nesse período, empenhado na construção das linhas telegráficas que ligariam a Amazônia Ocidental ao resto do Brasil. A partir desses pretensos resultados, é possível observar que a Amazônia brasileira, nesse período, apesar de já ser conhecida pela população que a habitava, é vista e imaginada pelo Estado e pela grande mídia, como uma terra a ser descoberta e desbravada.

IRACEMA E UMA OUTRA ICONOGRAFIA DA AMAZÔNIA

*Mário Cezar Silva Leite (orientador)
Claudio Aurélio Leal Dias Filho*

O presente trabalho teve por objetivo analisar como a ocupação da Amazônia brasileira na década de 70 foi abordada no filme *Iracema Uma Transa amazônica*, de Jorge Bodansky e Orlando Senna. A análise está relacionada às teorias culturais e análises históricas do período da ditadura militar. Esse viés possibilita um debate sobre as representações da identidade cultural e os conflitos ocorridos dentro desse processo que marcou a história recente do Brasil. O filme é tratado como um documento histórico, um elemento de produção e reprodução de determinados valores culturais e políticos vigentes na sociedade. *Iracema - Uma transa Amazônica* é um referencial na produção

cinematográfica brasileira, contribuindo fortemente para a construção iconográfica do imaginário da Amazônia que surge a partir dos anos 1970. É justamente nesse momento que as cidades da região intensificam uma grande concentração populacional, integrando-se objetivamente à lógica de consolidação do processo de urbanização. Torna uma sociedade mais complexa, diversificada, contraditória e desigual, em sua dimensão social, cultural, econômica etc. A produção cinematográfica relacionada ao processo de ocupação da Amazônia pode propiciar uma reflexão sobre os processos de transformações recentes. O cinema, além de uma produção estética artística, é também um documento histórico que possibilita a análise e um melhor entendimento do discurso produzido em seu tempo. De igual forma, também possibilita levantar questões sobre o papel desempenhado pelo cinema como elemento de produção e reprodução de determinados valores e atitudes culturalmente vigentes na sociedade. Os elementos culturais dentro da análise fílmica se relacionam a questões culturais, econômicas, sociais, históricas, estéticas que o estudo sobre o filme pode abranger.

CINEMA E HISTÓRIA: A AMAZÔNIA EM PERSPECTIVA

*Valdir Aparecido de Souza (orientador)
Danilo Leandro da Silva*

As expedições na região amazônica foram guiadas pela idealização, pelo sonho faústico do “Eldorado”. Nessa região o Europeu depositou enormes esperanças de descobrir a mais fantástica fonte de riqueza daquele período, o ouro. Esta apoteose de fato nunca se realizou efetivamente, conforme o tempo passava e o sonho de riqueza não se concretizava, o que era visto como o “Eldorado” aos poucos ia se tornando um “Inferno Verde”. Esta perspectiva produziu um discurso, mesmo que tênue de conquista, que anos depois significaria um total fracasso. No final do século XIX a humanidade começou a entrar no mundo contemporâneo, marcado pela crença do avanço tecnológico, do evolucionismo e da ideia de progresso, ideais fortes de uma corrente de novas ideias daquela época, que entre elas se destacou o positivismo. E no século XX se perpetua junto ao positivismo o darwinismo social e o determinismo geográfico, todas as três, formas de pensamento importantes para se entender os estereótipos construídos sobre a região Amazônica. E principalmente para compreendermos as transformações culturais advindas das mudanças econômicas e sociais. O cinema surgiu nesse ínterim como um grande propagador da cultura burguesa, uma invenção capaz de transportar o homem a lugares antes apenas visitados por sua imaginação. Sua criação data de 1895, pelos irmãos Louis e Auguste Lumière, na França, de lá para cá, o cinema criou novas linguagens, novas técnicas e tecnologias, deixou de ser mero entretenimento. Durante esse processo de construção cinematográfica foi perceptível analisar a Amazônia em um ciclo, onde inicialmente se vê a descoberta, as primeiras imagens, os primeiros filmes e leituras, passando para aventuras com narrativas conciliando seu tempo e tentando passar analogias com fatos acontecidos, chegando a uma cinematografia buscando

revelar uma Amazônia desconhecida pela maioria, para além do aspecto turístico, uma Amazônia denunciada.

VISÕES SOBRE A FLORESTA EM JOGO: O FOOTBALL NA AMAZÔNIA E AS TENSÕES NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE “MODERNIDADE NA SELVA” NO INÍCIO DO SÉCULO XX

*Valdir Aparecido de Souza (orientador)
Elis da Silva Oliveira*

Neste trabalho proponho uma análise sobre a construção de determinadas visões para a região amazônica do início do século XX, notadamente o discurso de “modernidade da selva”. A partir de um estudo bibliográfico, análise de relatos de viajantes, textos literários e ainda descrição de determinadas práticas culturais das elites amazônicas, tenho como objetivo correlacionar a inserção do football nesta região durante o período de transição do século XIX para o século XX com a chamada “belle époque amazônica” e a construção de elementos de caracterização de cidades desta região, notadamente Belém, Manaus e Porto Velho como espaços modernos, civilizados e distintos, em detrimento do espaço rural amazônico, este último retratado na maioria das vezes de forma negativa. Com isso, defendo que uma das construções e representações sobre a Amazônia consistiria no processo de relacioná-la com o discurso do progresso tecnicista e com os projetos de urbanização na transição do século XIX para o XX, tanto por parte de viajantes quanto pelas elites nestas cidades. O desenvolvimento da prática do football ganharia destaque em sua apropriação nas cidades amazônicas por figurar na qualidade de representante do processo de valorização da cultura europeia (ressaltado pela origem britânica do futebol), integrando-se ao discurso hegemônico da modernidade e distinção social defendido pelas elites locais. De tal modo, ao observar o discurso e a prática do football nestas cidades, defendo a possibilidade em analisar as tensões e contradições neste discurso de “modernidade na selva” que privilegiava a urbanização do espaço amazônico (representado pelas cidades) e estabelecido numa relação de negação/superação do espaço rural (“selvagem”) e das práticas culturais diretamente relacionadas ao meio natural (banhos de rio e pesca), ainda que, com a economia da borracha, a principal fonte da riqueza para as elites locais fosse proveniente da floresta.

A RIQUEZA ICONOGRÁFICA DOS COMEDORES DE FARINHA

Joesér Alvares da Silva

Detectando um certo vácuo historiográfico relativo às Artes Visuais em Rondônia, a partir de um único livro publicado na região: *Artes Plásticas no Contexto Regional* (CREMA, 2001), o qual aborda a questão das artes visuais dentro ainda, de um contexto

restrito às artes plásticas, verificou-se a incorrência da referida publicação, em que pese sua qualidade e abordagens únicas, no apagamento de uma herança artística anterior, reduzindo o recorte abordado apenas à índole industrial trazida à região a partir da implementação da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, e com isso, anulando de certa forma, a questão identitária regional, como se nessa parte da Amazônia, nenhuma referência iconográfica, ou produção imagética digna de nota, existisse antes mesmo da nomeada Mundurucânia, ao passo que, estudos arqueológicos recentes, com o resgate de peças cerâmicas no vale do rio Madeira, apontam a existência de uma cultura complexa, cujos vestígios possuem datações de até sete mil anos, situando-a na Tradição Polícroma da Amazônia. Nesse ponto, a insistência em ampliar tal recorte no campo das Artes Visuais de modo crítico, dá-se no sentido de desvelamento e afirmação de uma identidade cultural ligada à herança das populações indígenas autóctones de origem aruwak, bem como, de seus sucessores tupi-guarani. Assim, essa tentativa de percurso, procura pelos lugares da memória devidamente documentados na arqueologia e na historiografia, tentando equilibrar no presente, essa herança vestigial e memorial, enquanto instrumentos de informação para construção de conhecimento no sentido de alimentar futuras práticas e pesquisas artísticas no campo da história das Artes Visuais em Rondônia.

IMAGENS E REPRESENTAÇÕES NO COBRA NORATO DO GIRAMUNDO TEATRO DE BONECOS: UM OLHAR SOBRE AS PERSONAGENS, FAUNA, FLORA, MITOS E LENDAS AMAZÔNICAS

Luciano Flávio de Oliveira

O *Giramundo Teatro de Bonecos* é um importante grupo teatral fundado, no final da década de 1960, em Lagoa Santa, cidade da região metropolitana de Belo Horizonte. Dentre os seus fundadores encontra-se o renomado artista plástico Álvaro Apocalypse. Contudo, na década seguinte, o *Giramundo* se instalou na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Estando ali por muitos anos, inclusive trabalhando como professor, Apocalypse montou diversos espetáculos, dentre eles *Cobra Norato* (1978 e 1979), a obra mais importante do grupo. Vencedor de vários prêmios nacionais e internacionais, em tal espetáculo encontram-se figuradas representações de personagens do imaginário amazônico, assim como da fauna, da flora, de mitos e de lendas locais como, por exemplo, o *Boto*, o *Cobra Norato*, a *Cobra Grande* e o *Saci Pererê*. Entre as personagens são figurados o Pajé e o próprio *Cobra Norato* (ou *Honorato*). Este último é representado de três maneiras distintas: *Honorato* mestiço, *Honorato* índio e *Honorato* híbrido — meio gente meio cobra. Enfim, pretende-se apresentar análises iconográficas e iconológicas de algumas destas representações, apontando ainda para especificidades do gênero teatro de formas animadas.

A MULHER QUE GEROU UMA SERPENTE

*José Carlos Sebe Bom Meihy (orientador)
Márcia Nunes Maciel*

A Maria gerou um bicho. Eu não fui nem olhar aquele bicho fui foi nada! (Francisca Nunes Maciel)

A proposta dessa comunicação é apresentar elementos míticos como explicação de mundo indígena presente em narrativas geradas em espaços de seringais construídos às margens do rio Madeira, tendo, como caso específico, a narrativa da mulher que gerou uma serpente presente na narrativa de experiência de vida de Francisca Nunes Maciel, (minha avó) que nasceu no seringal Uruapeara, (Chefe dos caracóis) filha de Antônio Maciel que veio dos contextos de desaldeamento do Estado do Pará e construiu família no seringal dentro de um modo de vida em que os saberes tradicionais indígenas predominaram. Por meio da narrativa da mulher que gerou uma serpente relacionada a outros registros presentes em obras historiográficas, antropológicas e da oralidade das comunidades e barqueiros do rio Madeira, entende-se que a presença de narrativas de cobras grandes em todo o rio Madeira, na região que foi denominada de Mundurukânia, marcam a ocupação indígena ainda hoje, mesmo que em outros contextos ocupações políticas.

O MITO NO CINEMA: COLONIALIDADE DO VER E INTERCULTURALIDADE EM TRADIÇÕES INDÍGENAS NA AMAZÔNIA

Maria de Nazaré Cavalcante de Sousa

Sobre a colonialidade do ver, Joaquin Barriandos afirma que esta é parte constitutiva da modernidade e, que, em consequência, opera como um padrão hierárquico de dominação. O artigo analisa através da oralidade e visualidade o conflito estabelecido pelo olhar ocidental em mitos e rituais de comunidades amazônicas presentes no curta-metragem *Qati Qati – sussure del muerte* – do diretor Reynaldo Yujira, produzido em 1999 pela comunidade Aymara. Ancorado em uma lenda indígena que foi se fixando enquanto mito, o filme mostra um embate familiar sobre a preservação das tradições e rituais que fazem parte da cultura de comunidades que vivem em regiões que integram a América Latina. Com a proposta de ser produzido e encenado por atores nativos, a trama incita pensar as assimetrias entre fronteiras culturais irão sendo definidas na perspectiva da colonialidade, mostra também, a reação de grupos que estão alertas para as interferências de poder para a continuidade de imposição culturais, gerando conflitos quando os ritos são manipulados e transgredidos. O filme propõe formas de reações para tais práticas, construindo uma perspectiva de interculturalidade crítica como define Catherine Walsh. A criação fílmica a partir do mito pode ser compreendida como uma abordagem *decolonial*, o que se apresenta como uma constituição epistemológica ocidental na colonização dos saberes e práticas contemporâneas que operam para a interiorização, ferindo a alteridade cultural de forma impositiva. Nesta criação

cinematográfica desmonta-se as hierarquias ocidentais presentes no viver de nativos, desenganchando o que pode ser entendido como entraves eurocentrados.

A CRISE DA INVENÇÃO E A INVENÇÃO NA CRISE: INFERÊNCIAS PARA UMA PESQUISA AMAZÔNIDA

Sandro Adalberto Colferai

O artigo discute a necessidade de assumir uma postura de pesquisa que dê conta das particularidades inerentes à região amazônica, esta tomada desde a sua imensa diversidade, natural e social, e como sendo capaz de oferecer soluções criativas para a produção de conhecimentos. As inferências acerca desta possibilidade exploram a crise de paradigmas enfrentada pela ciência moderna e as novas posturas científicas necessárias para dar conta das particularidades dos objetos de estudo. Com estes pressupostos considera necessário superar as ideias que concebem a América Latina como periferia e por isso fadada ao consumo de teoria e métodos exôgenos a esta região – e nesta conjuntura a Amazônia seria mesmo uma periferia da periferia, relegada à aplicação dos princípios de produção de conhecimento aceitos nos “centros” da pesquisa nacional. Ao cabo é apresentada a percepção de que há a necessidade de se assumir uma pesquisa inventiva, tal como aponta Martín-Barbero, que possa dar conta do fazer pesquisa diante das mais diferentes realidades que se configuram na região. Não se trata de renegar o conhecimento produzido a partir de métodos consolidados, mas da disposição de não se valer apenas deles, e ir em busca de modos criativos capazes de dar conta dos processos e particularidades amazônicas.

O MAPINGUARI E O MEGATÉRIO: ENTRE O SIGNIFICADO MÚLTIPLO E O PROPÓSITO ÚNICO

*Valdir Vegini
Rebecca Louize Vegini*

O artigo analisa as características do Mapinguari, personagem de narrativas amazônicas, e do Megatério, animal extinto que viveu na América do Sul meridional, do Mioceno ao Pleistoceno e - tendo por base estudos paleozoológicos, filosóficos e antropológicos - conclui que se trata de dois entes radicalmente diferentes e inconfundíveis, inclusive do ponto de vista físico. O primeiro, semelhante a um grande macaco ou um grande homem, sempre sem cauda, é uma personagem ainda ativa na memória coletiva de muitas comunidades amazônicas interioranas e resultante de sucessivas adaptações de narrativas ancestrais europeias e indígenas; o segundo, uma preguiça-gigante do gênero *Megatherium*, é um animal provido de cauda cuja presença no território amazônico é atestada por pesquisas e estudos científicos. O Mapinguari é uma personagem criada pelas comunidades humanas (de significado múltiplo) antes que a Revolução científica e Industrial chegasse efetivamente na Europa e na América do Sul; o Megatério é revelado como consequência da evolução cognitiva (de propósito único) da nossa espécie a partir dessa revolução.

ESTRUTURAS ANTROPOLÓGICAS DO IMAGINÁRIO: O SILÊNCIO DA DIFERENÇA NA IDENTIDADE

*Oswaldo Duarte (Orientador)
João Paulo Afonso Neto*

A proposta inicial é levantar problemas concernentes ao método, à maneira de reconhecer o conhecimento enquanto Conhecimento. As Ciências Sociais, a Linguística, a teoria da Literatura, principalmente essas ciências, nas suas divergências mostram o relativo e rico modo de investigação para as Humanidades como um todo. Para o segundo momento, trazer a teoria do imaginário de Gilbert Durand e Gaston Bachelard para o diálogo parece-nos um caminho fecundo para interpretações culturais, no que se refere às manifestações da arte, especificamente a literatura; fazendo pensar outras relações entre arte popular e a arte dita erudita enquanto representações da cultura humana. Essas literaturas sempre estiveram em diálogo daí a validade de se analisar a imaginação poética que as legitimam, essencializam enquanto constelação de imagens que perpassam toda a vida sociocultural dos povos. A relevância dos estudos do imaginário, mesmo quando da sua classificação de imagens no corpus poético e social, está em seu modo de análise que problematiza ao limite o objetivismo das ciências, mostrando o dinamismo das imagens, - a imaginação – sua capacidade de reorganização das sociedades, tanto ética quanto esteticamente. A ciência é uma das faces do Ser, um dos polos no campo das imagens; estrutura específica do campo das imagens. O conhecimento pensado nesses termos amplia e relativiza sua produção, o *lógos* traz em si sua condição de realização, seu oposto. Toda Identidade, Ciência é a infinda tentativa humana de criar sobre a criação, que não cessa, que é diferença.

JORGE LUIS BORGES E A SUBVERSÃO TEMPORAL EM “O MILAGRE SECRETO”

*Mário Cezar Silva Leite (orientador)
Andreza Moraes Branco Leria*

O objetivo desta análise é observar as relações temporais no conto “El milagro secreto” de Jorge Luis Borges. Borges, no conto, desmistifica a ideia de tempo fixo e brinca com o mesmo tomando-o “como objeto de especulação” (SANTOS & OLIVEIRA, 2001, p. 45). É partindo dessa habilidade para manipular o tempo e mostrar que, o que aparentemente se contrapõe ao mesmo tempo se articula que se observa a presença do fantástico no texto em questão. Tomar-se-á como premissa para a realização do “jogo” entre tempo cronológico e tempo psicológico que se relativiza, o tempo como personagem que constrói as tensões entre objetividade e subjetividade no enredo. Torna-se visível as simultaneidades dos tempos, a desconstrução do tempo convencional mostrando que ele pode ser subvertido e que a literatura tem total liberdade para fazê-lo, pois trata-se do texto ficcional. Jaques Derrida questiona a estabilidade dos sistemas tidos como fechados. A partir da negação dessa estabilidade, pode-se dizer, que não é possível atribuir apenas um significado a um significante. O significado foge ao

controle do autor do texto desencadeando a ideia de multiplicidade; tal questão parte da flexibilidade do termo “desconstrução”. Nesse projeto desconstrutivista não se valoriza o caráter conteudístico, contudo, no conto, é da estilística, partícipe de uma visão estética da vida que não exclui a experiência do real que resulta no que Derrida chamou de caráter performático do texto subvertendo-o e apresentando-o de uma forma não habitual. É justamente isso que Borges faz nesse conto quando refere-se ao tempo. Como resultado dessa experiência tivemos o tempo criativo, relativizado e subvertido.

Simpósio

Mitologias e teratologias amazônicas: discutindo critérios indígenas de realidade, historicidade e verdade

Coordenadores: Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden (UFSCAR) e Prof. Dr. Ari Miguel Teixeira Ott (UNIR)

AJAJ, GUBET E OUTROS SERES: NARRATIVAS ZORÓ SOBRE O CASAMENTO ANTES DA CRIAÇÃO DOS CLÃS

*Alfredo Zoró
Gicele Sucupira*

A partir das narrativas dos mais velhos do povo Zoró, este trabalho tem como objetivo discorrer sobre a relação de casamento entre seres tidos como humanos e outros seres, comumente tidos como não-humanos, como a abelha, o urubu e a perereca. Essas narrativas falam do tempo de Gura, o criador do mundo, e são diferenciadas atualmente por seus narradores como 'mito', época em que animais se transformavam em humanos, e 'história', período após o surgimento dos clãs. Gura é criador do dia, da noite, de animais, de humanos e dos clãs. As primeiras pessoas que Gura criou nesse mundo casavam com animais, que se transformavam em pessoas. A população daquele primeiro povo não era numerosa então não tinham com quem se casar. Mas o casamento entre eles - humanos e não-humanos - não dava certo, pois outras pessoas ou animais que ficavam na aldeia tinham ciúme deles. Por isso, sempre os não-humanos iam embora, deixando o seu marido ou sua mulher. O homem ou mulher que casava com os animais ia atrás destes e se transformavam em animal. Assim, iam para uma realidade parecida com aldeia, um outro mundo. A população humana então ficou extinta e os animais aumentavam.

O BRANCO DO PÊNIS GRANDE: HISTÓRIA E CORPORALIDADE COMO ONTOLOGIA DO OUTRO ENTRE OS XAVANTE (MT)

Estevão Rafael Fernandes

Este trabalho busca refletir sobre alguns aspectos da história do waradzu bo pá, literalmente “branco do pênis grande” contada pelos Xavante, conforme relato da

antropóloga Aracy Lopes da Silva. Ao fazer trabalho de campo entre os Xavante ouvi uma outra versão da história, mas cujo teor era o mesmo: um branco, com pênis enorme, matou uma índia no ato sexual, sendo morto em seguida. A questão passa a ser o que essa história, se comparada com outras histórias xavante cujo corpo em relação a um outro seja um protagonista, podem nos contar sobre a alteridade e a noção de pessoa entre aqueles índios? Uma das conclusões passa não apenas pelo outro como agressor, mas também de sua própria incorporação como algo cujos efeitos seria uma transformação neste outro: o pênis que diminui pela obesidade proveniente da comida do branco; a barriga que incha, por estar se transformando em branco; etc. As transformações do/no corpo nas histórias xavante (auwe watsu'u) nos fornecem assim uma importante porta de entrada para conhecermos sua ontologia, bem como suas teorias sobre o contato.

O REAL DOS ÍNDIOS, O FANTÁSTICO DO FOLCLORE E A HIPÓTESE CIENTÍFICA: REALIDADE E FANTASIA NA CONTROVÉRSIA SOBRE O MAPINGUARI NO SUDOESTE AMAZÔNICO

Felipe Ferreira Vander Velden

A existência de um mostro (ogro ou criatura fantástica) conhecido como Mapiquari é amplamente registrada em inúmeras localidades na Amazônia, especialmente nos estados de Rondônia, Acre e Amazonas. Os Karitiana, povo indígena de língua Tupi-Arikém que habita o norte do estado de Rondônia, também discorrem extensamente sobre o Mapiquari – termo com o qual eles nomeiam, em português, o ser que, na sua língua, é chamado de Owojo ou Kida harara –, relatando, inclusive, terríveis encontros com a criatura nas matas no entorno das aldeias. Nesse sentido, se o Mapiquari vem sendo tratado por copiosa literatura como exemplo de crença ou de folclore, para os Karitiana não parece haver dúvidas sobre a realidade deste ser – ou seja, não parece se tratar de uma crença, mas de um dado ontológico –, o que pode ser apreendido facilmente nos efeitos que a presença do “bicho” (kida) – modo como os Karitiana conceituam uma pletera de seres perigosos que vivem nas matas – têm no cotidiano indígena, incluindo os modos como este grupo indígena ocupa seu território e o explora. Soma-se a esta controvérsia a sugestão, por parte de alguns pesquisadores, de que o Mapiquari pode ser o que restou dos Megatérios (Preguiças-gigantes), animais geralmente considerados extintos, mas que alguns julgam ainda habitar certos recônditos amazônicos. É sobre este complexo diálogo entre crenças folclóricas, ontologias indígenas e hipóteses científicas que este trabalho se debruça.

AS METAMORFOSES EM *PORANDUBA AMAZONENSE*

*Eduardo de Almeida Navarro (Orientador)
Gabriela Ismerim Lacerda*

Este trabalho debruça-se sobre a obra *Poranduba Amazonense* a fim de pensar o processo de metamorfose na literatura oral indígena. A obra constitui-se fonte

riquíssima de pesquisa por reunir 59 narrativas divididas entre lendas mitológicas, contos zoológicos e contos astronômicos e botânicos, colhidos pelo botânico Barbosa Rodrigues em 1980. O mundo indígena amazônico, diferente do mundo cristão, não é compreendido como uma criação única oriunda de uma só potência em sete dias. Ele seria visto como algo em constante transformação, marcado pelas constantes metamorfoses e recomeços (e consequentes fins), o que lhe confere múltiplas gêneses. Parte dessa visão de mundo revela-se nos inúmeros exemplos de metamorfoses que povoam as lendas indígenas. Elas podem ocorrer apenas em determinada parte do corpo do indivíduo, ou ainda no corpo inteiro, com a finalidade de sanção ou mesmo para a criação utensílios, animais e alimentos que beneficiarão a todos os seres. Há, além disso, os personagens que viram estrelas e anunciam o verão e a época de plantio. Esta comunicação pretende, portanto, discutir as mais variadas motivações – internas ou externas ao texto – presentes nas narrativas para as metamorfoses na *Poranduba*. Investiga-se se motivações semelhantes resultam no mesmo padrão de metamorfose, transformando o indivíduo em constelações ou animais, por exemplo.

PALAVRA CONTADA, PALAVRA ESCRITA – NARRATIVAS DESANA NA CULTURA DO IMPRESSO

Heloísa Helena Siqueira Correia (Orientadora)
Jazilane Pessoa Oliveira Araújo

Em 1980 foi publicado o livro *Antes o mundo não existia*, de Firmiano e Luís Lana. Considerado a primeira obra de autoria indígena do cenário editorial brasileiro, retrata a origem do universo segundo os Desana, povo indígena da região do Alto Rio Negro. Em seu prefácio é relatado que Feliciano Lana, primo de Luís Lana, vinha escrevendo e desenhando a cosmogonia Desana, porém misturada a acontecimentos narrados por outros povos daquela região. Assim, segundo Luís Lana, uma das motivações para a escrita foi contar corretamente as histórias de seu povo. Falando sobre o fenômeno editorial de publicações de autoria indígena no Brasil inaugurado pelos Lana, Maria Inês de Almeida (2004) confirma que essa é uma característica comum a grande parte dessas publicações: o desejo de as comunidades indígenas contarem suas verdadeiras histórias por si mesmas. Levando em conta o contexto de oralidade em que essas narrativas ancestrais são normalmente difundidas e as características peculiares desse método de transmissão, tomar posse da letra é forte quebra de paradigma, pois pode perpetuar a palavra para além do som da voz e estender seu alcance para além das fronteiras da comunidade indígena. Desse modo, parece salutar discutir a questão dos impactos da migração desses saberes (antes restritos) para a página escrita/impressa. Usando como ponto de partida os estudos de Almeida (2004) e nas reflexões de Lynn Mário de Souza (2006) sobre a inserção do autor indígena no meio editorial; e as considerações de Geraldo Andrello (2010) a cerca da ocorrência de publicações no Alto Rio Negro, pretende-se lançar um olhar sobre a publicação de autoria indígena na contemporaneidade brasileira, mais especificamente a do povo Desana, na tentativa de melhor compreender a problemática apresentada.

ESTUDOS LITERÁRIOS EM NARRATIVAS MÍTICAS INDÍGENAS ESCRITAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

*Wany Bernadete de Araújo Sampaio (Orientadora)
Joeliza Lamarão Bezerra*

O presente trabalho propõe uma reflexão acerca das metáforas literárias e do cotidiano em narrativas de cunho mítico escritas em língua portuguesa por professores indígenas. A escolha pelo trabalho com textos escritos se fundamenta no fato de que o processo da prática escritural indígena possui como característica o aprimoramento e domínio da língua portuguesa, o que permitiu aos povos da floresta se expressar de maneira criativa e promover a manutenção e valorização de seus costumes e identidade cultural. A análise se fundamenta na Teoria Cognitiva da Metáfora de Lakoff e Johnson (2002), segundo a qual o elemento metafórico permeia todas as nossas ações e pensamento além da linguagem, por estar infiltrado no nosso cotidiano; as ocorrências da metáfora nas obras literárias acontecem não exclusivamente porque a literatura contém a linguagem cotidiana, mas porque mesmo que haja um desvio das formas mais comuns de expressão e de pensamento, a linguagem é realizada a partir de explorações criativas e inusitadas de mapeamentos metafóricos enraizados em nossos sistemas conceituais. Frye (1957) afirma que o mito é uma arte da identidade metafórica implícita e que os princípios estruturais da literatura estão estreitamente relacionados com a mitologia; por seu turno, Welles e Warren (1976) postulam que o objeto da investigação literária é a linguagem. Assim, a partir da análise das metáforas de cunho conceitual, realiza-se uma discussão acerca do caráter literário do mito, enfocando-se a atitude literária do narrador

MITO-DRAMA: DA PERFORMANCE RITUAL A REPRESENTAÇÃO DAS NARRATIVAS INDÍGENAS DE RONDÔNIA

*Luiz Cláudio Cajaíba (Orientador)
José Maria Lopes Júnior*

Esta comunicação é uma pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA. Busca-se apresentar os processos de ensino-aprendizagem de teatro com indígenas, que articulassem jogos e práticas teatrais a partir de seus próprios mitos. A pesquisa-ação foi realizada com indígenas do Curso de Formação de Professores Indígenas do Projeto Açaí II – curso de magistério indígena, na disciplina de Artes. O Projeto Açaí II abrangeu 157 (cento e cinquenta e sete) indígenas de 34 (trinta e quatro) etnias diferentes de Rondônia, divididos em 5 (cinco) turmas de 30 (trinta) alunos aproximadamente. Pretendeu-se, especificamente, criar, descrever e avaliar uma metodologia a partir dos processos de ensino experimentados, que dialogasse com o contexto indígena trabalhado, a que se chamou de mito-drama. Ou seja, uma metodologia de ensino-aprendizagem de técnicas, estratégias e conteúdos específicos de teatro, que buscou sustentação/inspiração nos mitos. A partir das narrativas trazidas pelos próprios indígenas das diversas etnias presentes no curso de formação foi possível buscar a teatralidade dentro do próprio mito – improvisação,

jogos teatrais, dança, música e dramatizações -, e assim criar instrumentos pedagógicos. Os conceitos que permeiam a pesquisa são: Educação Intercultural Indígena, ensino/aprendizagem de teatro na perspectiva intercultural, teatralização da narrativa mítica, o drama como método de ensino, improvisação e jogos teatrais para indígenas e o teatro do oprimido. Dão suporte ao estudo crítico desses tópicos, as concepções e reflexões em ensino/aprendizagem em teatro, principalmente discutidas por Viola Spolin e Sandra Chacra na improvisação teatral, Ingrid Koudela com jogos teatrais, Beatriz Cabral, no que diz respeito à discussão do drama como método de ensino, Augusto Boal e o teatro do oprimido, Maria Lucia Pupo nas questões relacionadas ao teatro e/na educação; Patrice Pavis e o teatro no cruzamento de culturas.

SERPENTES BICÉFALAS, LOSANGOS, CRUZES E MÃES DA LOUÇA: A ICONOGRAFIA CERÂMICA DA SUBTRADIÇÃO JATUARANA NO ALTO MADEIRA

*Lilian Maria Moser (Orientadora)
Odair José Petri Vassoler*

A região amazônica é extremamente afortunada devido à variabilidade de diversas fases e tradições cerâmicas, dentre elas, a Tradição Polícroma Amazônica ou TPA, na qual em Rondônia no Alto Madeira, temos como seu maior representativo as cerâmicas da Subtradição Jatuarana, identificada e nomeada pelo arqueólogo Eurico Theófilo Miller durante os trabalhos do PRONAPABA (Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica na Bacia Amazônica) na região nas décadas de oitenta. Suas vasilhas ritualísticas são ricamente decoradas com variações de motivos e padrões, distribuídos em campos delimitados em seus corpos cerâmicos. A partir das teorias propostas por Nancy Munn (1966) que estudou a iconografia na arte rupestre entre os indígenas Walbiri da Austrália; Ribeiro (1987) que pesquisou a iconografia da cestaria Kayabi; Denise Schaan (2008) e sua dissertação sobre a análise da iconografia das vasilhas marajoaras da coleção Tom Wildi; dos métodos de análise iconográfica de Panofsky (1986) e demais pesquisadores, foram levantados os principais motivos e padrões iconográficos existentes na decoração de vasilhas da Subtradição Jatuarana identificadas durante as escavações feitas pela empresa de arqueologia Scientia e Consultoria nos sítios arqueológicos localizados em torno da antiga Cachoeira de Santo Antônio, referente ao processo de licenciamento para a construção da Hidrelétrica de Santo Antônio. Desses motivos identificados, alguns foram isolados para um estudo comparativo com os motivos iconográficos de outros grupos indígenas da Amazônia utilizando-se para isso informações e dados de trabalhos etnográficos e históricos dos mitos e das crenças de diversos povos indígenas correlacionados à cerâmica.

NGURÁ: AS VOZES NO ESPAÇO COMPARTILHADO

Heloísa Helena Siqueira Correia (Orientadora)
Raiane Girard Madeira

A narrativa Cinta-Larga *Ngurá* revela como a terra e os seres que a habitam foram criados, em um diálogo entre o narrador, a entidade ascendente e a pedra – objeto mítico responsável pelas origens do povo Cinta-Larga. Essa cosmogonia indígena apresenta ao leitor uma narrativa repleta de vozes e sujeitos que intercambiam as formas e funções sociais e culturais, fragmentando os processos de compreensão e interação conhecidos das sociedades não-indígenas. *História de maloca antigamente* (Cinta-Larga, 1988) é a obra-objeto desta pesquisa, que surgiu da coleta de histórias comuns às tradições orais ameríndias, mais precisamente as que pertencem ao povo Cinta-Larga, em que a principal preocupação do autor-narrador foi preservar a oralidade das memórias no texto escrito. As narrativas Cinta-Larga permitem a visualização de imagens ordinárias aos seres que integram a maloca, mas que, para os indivíduos não nativos, podem criar certo estranhamento, pois esbarram no que é não é o compreendido ou aceito. Para isto, torna-se necessário inquirir sobre o produto do contato da literatura indígena com a cultura ocidental. Pretende-se utilizar ideias apresentadas por Sérgio Medeiros (2008) que procura refletir sobre as “situações anormais” que a literatura indígena apresenta ao leitor; Dominique Lestel (2011), quando se tratar do conceito de “comunidade híbridas”, ao investigar os espaços para discutir os meios de interação das vozes presentes na maloca; e Florencia Garramuño (2011) que investiga a presença de uma *região comum e compartilhada* pelo animal e o humano. Portanto, procura-se examinar os limites fronteiriços existentes no relevo da *narrativa de criação* e a forma que esses traços apresentam e definem as origens do povo Cinta-Larga.

A CRIAÇÃO DA MULHER: UM ESTUDO ESTRUTURAL DO MITO AMONDAWA

Wany Bernadete de Araújo Sampaio

Neste trabalho apresentamos uma análise estrutural do mito de criação da mulher, segundo a cultura do povo indígena amondawa, habitante da região central do estado de Rondônia - Brasil. A análise se pauta na abordagem greimasiana, a qual busca estabelecer uma gramática da narrativa, considerando-se: (i) o nível da manifestação, (ii) o nível das estruturas narrativas e (iii) o nível da estrutura profunda. A narrativa é considerada, aqui, como uma série de enunciados concatenados entre si e definidos pela relação existente entre os actantes (sujeito e objeto). Nesta perspectiva, estamos tentando compreender a estrutura básica dos textos míticos, os quais buscam explicar fatos inexplicáveis pelo homem diante de suas relações com a natureza. Acreditamos que uma narrativa mítica, enquanto unidade geradora de sentidos, buscará este sentido exatamente nas contradições existentes entre o plano do real e o não real: entre o que parece ser verdade e o que é verdade; entre o que parece ser verdade e o que não é verdade; porém, o mito, enquanto uma fala, é sempre real e tem um sentido lógico

dentro de cada cultura. Por este caminho, uma das contribuições científico-sociais desta pesquisa se aplica à educação, visto que a educação escolar indígena pode contribuir para com a reavivatação da cultura tradicional indígena. A escola pode discutir estes temas, registrar, ler, (re)contar a história e as estórias do povo, rever suas formas de narrar, de construir-se enquanto sujeitos de sua própria história.

Simpósio

Mitos, memórias e sociabilidades: a fronteira oeste do Brasil no século XX, o (re)ordenamento das espacialidades, disputas de poder e exclusões

Coordenador(es): Prof.^a Dra. Gilmara Yoshihara Franco (UNIR) e Prof. Dr. João Maurício Gomes Neto (UNIR)

A CRIAÇÃO DO NOVO ELDORADO: AS REPRESENTAÇÕES CONSTRUÍDAS PELA REVISTA VEJA DE UM IMAGINÁRIO PROGRESSISTA PARA RONDÔNIA

Valdir Aparecido de Souza (Orientador)
Aleandro Gonçalves Leite
Alex Filipe Gomes dos Santos

O presente trabalho pretende fazer uma análise das representações sobre Rondônia na revista *Veja* no período que vai de 1970 a 1989. A análise teve por base o levantamento das edições da revista *Veja* que no referido período trazem reportagens que versam sobre Rondônia. A técnica metodológica empregada nesta pesquisa foi a de análise de conteúdo que propiciou a organização e sistematização dos materiais levantados, bem como a utilização da interpretação inferencial que possibilita a compreensão da produção e recepção das mensagens. O recorte temporal foi escolhido em razão do expressivo fluxo migratório e pelas mudanças de bases políticas, econômicas e sociais ocorridas na região. A partir dessas matérias, buscou-se compreender as representações transmitidas pela revista na tentativa de elaborar no imaginário social, Rondônia como Novo Eldorado. As representações edênicas, da terra do progresso e da terra de riquezas incalculáveis sobre Rondônia vinculam-se, contudo, ao alinhamento da revista ao projeto militar de ocupação da fronteira oeste e integração econômica da região ao sul-sudeste industrializado. Nota-se, entretanto, que as dificuldades e os perigos que envolvem os conflitos na região também são expostos, estes, porém, são constantemente minimizados frente à abundância de recursos naturais que podem ser potencialmente explorados. Nesta perspectiva, a presente pesquisa analisa as representações construídas no imaginário social pela revista *Veja* e a sua relação com o projeto político-econômico do governo militar empreendido para a região correspondente ao atual estado de Rondônia.

A FRONTEIRA OESTE BRASILEIRA: POLÍTICAS DE ESTADO E REDE DE CIDADES (1989-1930)

Carlos Alexandre Barros Trubiliano

Desde o período imperial a bacia platina é um dos marcos fronteiriços mais avançados a oeste dos domínios do Brasil. No entanto, a eclosão da Guerra contra o Paraguai (1864-1870) revelou as fragilidades dessa fronteira, uma vez que, por mais de seis meses, o bloqueio paraguaio às vias de navegação deixou a província do Mato Grosso praticamente isolada do restante do país. Diante de tal vulnerabilidade, já no período republicano, algumas ações como a expansão das unidades militares, a construção das Linhas Telegráficas e da ferrovia Noroeste do Brasil objetivavam a demarcação e, efetiva, integração dessa região ao território nacional, ao mesmo tempo que impulsionou o surgimento de uma *rede de cidades*, nas primeiras décadas do século XX. Nessa comunicação, refletiremos sobre o processo de formação dessa *rede de cidades* e de que forma ela se articulou com uma política de defesa do território nacional.

COLONIZAÇÃO DIRIGIDA NA AMAZÔNIA: FORMAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA GRANDE PROPRIEDADE RURAL EM RONDÔNIA

Júlio César Barreto Rocha (Orientador)

Dieine Gomes de Andrade

Tal qual o título sugere, o artigo visa relacionar o tipo específico de colonização ocorrido na Amazônia entre as décadas de 60, 70 e 80, e a formação e consolidação da grande propriedade em Rondônia. O mito da “terra vazia” e os grandes incentivos oferecidos pelo governo militar às empresas capitalistas que se instalavam Amazônia, tinham por objetivo a ocupação e o desenvolvimento capitalista da região, além de evitar a necessária reforma agrária no Nordeste e Sul do Brasil, com a vinda de grande contingente de mão de obra excedente daquelas regiões. O resultado catastrófico foi a expulsão, exclusão e dizimação de diversos núcleos indígenas e colonos posseiros que há anos ocupavam as terras para trabalho e sustento, chamadas, apesar disso, de vazias. Acirraram-se os conflitos agrários entre indígenas, posseiros, grileiros, latifundiários. Trabalhadores da terra recém chegados, vindos na esperança de obter um pedaço de terra, são recebidos em situação precárias, sem apoio do poder público em sua maioria, não restou alternativa à fome, doença ou à venda seu trabalho a preço de sustento. O tipo de colonização executada e a política de modernização e desenvolvimento na região Amazônica resultaram, por fim, na ação absolutamente predatória do meio ambiente, a fragmentação e conseqüente enfraquecimento da cultura local e, sobretudo, a exclusão social.

TRABALHO, IDENTIDADE E CULTURA DAS MULHERES ARTESÃS DO REASSENTAMENTO SANTA RITA

Sônia Maria Gomes Sampaio (Orientadora)

Elizabete Matia de Siqueira

O presente estudo tem como objetivo abordar os fatos sobre o trabalho, cultura e identidade da mulher artesã do Reassentamento Santa Rita, pois está sendo construída na medida que apresenta resultados específicos, elas se reconhecem no artesanato que é vendido e lhe proporcionam renda e ajudam de forma significativa na renda da família. O espaço público ocupado por essas artesãs constitui uma nova percepção de ver-se no mundo do trabalho, pois de acordo com Hall (2011) as identidades são construídas dentro do discurso. Esse fato é perceptível por meio da forma como se expressaram ao responder os questionários aplicados. Além de Hall (2011), outros autores fundamentaram este estudo como Marx (2004), ao afirmar que a força produtiva do trabalho é determinada pelas circunstâncias, meios de produção e condições naturais. O tema é relevante, uma vez que há poucos estudos acadêmicos sobre a história das mulheres reassentadas. Segundo Chauí (2000), a cultura surge de um modo de vida, as mulheres do reassentamento citado, enquanto artesãs se reafirmam como protagonistas em oposição ao modelo capitalista patriarcal que buscam enfrentar. Essa nova ocupação trazida pela inovação e pela necessidade, ainda está longe de lhes dar visibilidade na cena social, entretanto é uma prática que vai se concretizando a partir do diálogo e pode ser compreendido e reelaborado junto com elas. Quiçá possa ser incorporado como parte de sua nova identidade e principalmente como ferramenta de lutas, tanto no campo do trabalho enquanto direitos de mulheres artesãs, bem como na percepção das identidades adquiridas.

DAS NOVAS ESPACIALIDADES CULTURAIS: RELEITURA DOS MITOS RIBEIRINHOS

Marcela Arantes Ribeiro

Esse texto apresenta uma releitura dos mitos ribeirinhos, aqui trabalhados como seres encantados na concepção de Loureiro (1995). Dessa forma, procurou compreender como ocorre a relação do ribeirinho com o rio e a mata a partir de uma das representações da cultura ribeirinha - os seres encantados - demonstrando um modo de viver subjetivo descrito aqui como espaço ribeirinho cultural. O espaço ribeirinho apresenta-se embutido de representações tornando-o complexo aos olhos daqueles que não fazem parte do grupo. Destacamos que, assim como todos os outros espaços, este também está sujeito a dinâmica da vida passando por re-leituras de suas representações, re-significações dos elementos simbólicos presentes na cultura e espaço ribeirinho. Ao apresentarmos a temática do espaço ribeirinho enfocando o Boto, a Cobra-Grande, o Curupira e o Matinta-Perera como representações simbólicas que inter-ligam o homem/rio/mata demonstra um diferente modos de vida que conduz a sobrevivência da organização dos ribeirinhos do Rio Madeira.

O OLHAR MIGRANTE SOBRE AS IDENTIDADES OU REPRESENTAÇÕES DOS ‘AMAZÔNIDAS’ EM RONDÔNIA (1970-1980) E A FORMAÇÃO DE NOVAS IDENTIDADES

Odete Burgeile (Orientadora)

Maria Aparecida da Silva

Este trabalho é resultado das discussões das aulas do curso de Mestrado em Estudos Culturais – UNIR, e tem o objetivo de fazer uma descrição bibliográfica dos múltiplos olhares do migrante em relação a algumas comunidades tradicionais e suas identidades próprias como “amazônidas” que se apropriaram do espaço geográfico em questão e estabeleceram um equilíbrio com a natureza. Equilíbrio este herdado dos povos indígenas e que foram repassados e/ou mantidos pelos ribeirinhos, seringueiros e que aos pouco vem sendo assimilado pelo migrante cuja interpretação destas representações identitárias amazônicas vem se alterando ao longo do tempo. Além da pesquisa bibliográfica, o texto em questão foi subsidiado por documentários que abordam a situação dos ribeirinhos e seringueiros que vivem em Rondônia em pleno século XXI, e que abordam as dificuldades enfrentadas pelos grupos ora representadas. Assim sendo, o debate ocorre basicamente em torno dos encontros e desencontros culturais, a vida em comunidade, a simbiose com a floresta e as mudanças na dinâmica das relações sociais impostas pelo sistema de exploração capitalista e automaticamente experimentados pelos grupos humanos supracitados. Em síntese, verifica-se que há duas faces: o modelo avassalador capitalista e a experiência do colono que passa pelo processo de aprendizagem e adquire o jeito de ser e viver na Amazônia rondoniense.

CONFLITOS DE IDENTIDADES NO CAMPO RELIGIOSO AFRO-BRASILEIRO DE RONDÔNIA APÓS A DÉCADA DE 1960

Marta Valéria de Lima

A historiografia de Rondônia desde há algumas décadas vem registrando os impactos dos modelos modernizantes e os seus reflexos econômicos, políticos e sociais na vida das comunidades urbanas e rurais dessa região. Porém, os efeitos destes impactos sobre a cultura religiosa local recebeu raríssima atenção. Essa historiografia não se ocupou do estudo da expansão das religiões afro-brasileiras nesse Estado e de relacioná-la ao contexto das migrações e dos projetos de integração de Rondônia ao país. Com os migrantes que afluíram à região amazônica durante o período de modernização da mesma (1956-1960/1964-1985) chegaram novos modelos religiosos (GABRIEL, 1980; FURUYA, 1994). No processo de transformações do campo religioso ocorreu o declínio das religiões afroamazônicas (a exemplo do Tambor de Mina) e a ascensão de novos modelos religiosos afrobrasileiros. Nesse novo contexto, modelos religiosos locais tornaram-se menos amazônicos e mais “brasileiros”. Em vista do exposto, o problema e o objetivo geral desse texto é analisar conflitos de representações e alteração de identidades religiosas decorrentes das políticas desenvolvimentistas em Rondônia. Ressaltamos que as informações constantes nesse texto resultaram do recurso a

diferentes aportes metodológicos, onde relatos orais e publicações em jornais de circulação local sobre o tema retratado foram fundamentais.

“POÉTICAS DA MIGRAÇÃO” EM RONDÔNIA: OS FESTIVAIS DE MÚSICA E POESIA DO MIGRANTE

Fernando Antônio Lourenço (Orientador)

Renata da Silva Nobrega

A presente comunicação vincula-se a uma pesquisa de doutorado em andamento, voltada à transformação de Rondônia de uma área de expansão da fronteira agrícola em um significativo foco de emigração internacional. Tenho denominado de “poéticas da migração” o diversificado repertório cultural composto por filmes, fotografias, músicas, poesias, cartas, anúncios e notícias em jornais e revistas e narrativas orais a respeito de experiências migratórias em Rondônia. Considerando o forte conteúdo ideológico que perpassa as migrações, tais poéticas expressam a emergência e circulação de um discurso público acerca da migração, produzido não apenas o Estado mas também pelos sujeitos que migram. Elas compõem um imaginário social que pelo menos há cinquenta anos projeta Rondônia como uma “terra de migrantes”, seja ao legitimar e atualizar o “mito do eldorado rondoniense”, seja ao apontar suas fissuras. Sem perder de vista os aspectos estruturais que desencadeiam e ordenam as migrações, neste trabalho discutirei a dimensão subjetiva implicada nos massivos deslocamentos em direção ao antigo território federal nos “tempos da colonização” recente, examinada a partir de poesias e canções inscritas nos diversos festivais culturais fomentados pela Pastoral dos Migrantes. Tais festivais contaram com ampla cobertura do Informativo “O Migrante”, editado pelo Centro de Estudos e Pastoral dos Migrantes (CEPAMI), de Ji-Paraná, entre 1988 a 2002, disponibilizados no arquivo da Pastoral dos Migrantes deste município.

IMIGRAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADES: UM ESTUDO DE CASO EM ROLIM DE MOURA/RO

João Maurício Gomes Neto (Orientador)

Ronei Militino Silva Bueno

Patrícia Soares Nascimento

Esta comunicação visa apresentar os resultados parciais obtidos no Projeto de Pesquisa PIBIC intitulado Imigração, memória e identidades na Amazônia ocidental: um estudo de caso em Rolim de Moura/RO. Busca-se compreender, por meio de memórias publicadas, como a experiência da migração é narrada por sujeitos que se deslocaram para Rolim de Moura, no período entre 1970 a 1990. Parte-se aqui da ideia segundo a qual eles, ao relatarem a história do município, o fazem por diversos motivos, a exemplo da busca por construir uma memória oficial para esta espacialidade, de forma que se colocam também como partícipes e protagonistas desse processo, num claro imbrincamento entre memória e experiência vivida. Neste trabalho, pretende-se investigar as estratégias de apresentação presentes na obra Rolim de Moura, um pontos

de vista de Maria do Socorro Pessoa forma a perceber como projetos identitários tiveram guarida nessas memórias.

A (RE)INVENÇÃO DA RONDÔNIA: DOS SERTÕES DE ROQUETTE-PINTO À AMAZÔNIA DE GETÚLIO VARGAS

Sandro Adalberto Colferai

O artigo apresenta as ideias precursoras para o surgimento de Rondônia como estado amazônico em meados do século XX. Para isso aborda as formulações e ações do Estado brasileiro que levaram à particularização e à consequente constituição de um território na fronteira oeste do país, numa região que inicialmente era compreendida como sertões contíguos à atual região Centro Oeste e, numa operação político-discursiva, passa a ser tomada como parte constituinte da floresta amazônica. São abordadas obras como *Rondônia*, de Roquette-Pinto, esta tida como fundamental para a constituição do pensamento acerca da região que viria a ser política e ideologicamente delimitada a partir de ações do Estado. Fundamental neste processo é a revista *Cultura Política*, editada pelo Estado Novo e órgão importante na disseminação e legitimação do ideário a partir do qual se estabeleciam as políticas, entre elas as territoriais, do regime de Getúlio Vargas. O que se apresenta no artigo é a análise da série de textos e discursos políticos acionados para legitimar o avanço do Estado na borda sul da Amazônia brasileira, no que ficou conhecido como a Marcha para Oeste, e a reordenação territorial especialmente nas regiões de fronteira, além das pretensas disposições para a revalorização da Amazônia durante o Regime Vargas.

MEMÓRIAS DO MASSACRE DE CORUMBIARA: A LUTA PELO DIREITO À FUNÇÃO SOCIAL DA TERRA

Cássio Allan de Abreu Albenaz (Orientador)

Solange Gonçalves da Fonseca

Através da leitura do diário de uma sobrevivente do massacre de Corumbiara, analisa-se a função social da terra na região. Constata-se que o camponês, usa o costume, de tomar posse da terra e migrar; contrariando as leis de regulamentação fundiária; como ferramenta para a manutenção e sobrevivência da sua cultura. Tal constatação possibilita entender as contradições da defesa da Reforma Agrária entre a cultura camponesa e os discursos políticos e ideológicos. A função social da terra, em Rondônia, opõe o Estado e as elites agrárias, de um lado e os camponeses de outro. O Estado e a elite agrária entendem ser a função social da terra, gerar emprego e renda; proletarizando os camponeses levando-os ao êxodo rural e a morte; já para a cultura camponesa, a função social da terra, é o direito sagrado à posse e propriedade da terra para gerar alimento e moradia, para quem nela trabalha. A defesa política e ideológica da Reforma Agrária depende de acordos e arranjos entre os dois lados. A contradição, na interpretação da função social da terra, é provocada pelas Leis de Regulamentação

Fundiária, que não se miscigenou com a cultura camponesa, que, durante séculos criaram e mantiveram o costume de tomar posse da terra e migrar. Apesar do Estado e a justiça, interpretemos; a função social da terra; diferente da cultura camponesa, o costume e a tradição camponesa estão consolidados na identidade e memória. A defesa do direito sagrado à posse e propriedade da terra e as contradições da defesa política e ideológica da Reforma Agrária, resume a memória do massacre de Corumbiara, escrito por uma trabalhadora rural, sem terra.

A FESTA DO DIVINO – UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE E DE FRONTEIRAS

Wilma Suely Batista Pereira (Orientadora)

Uílian Nogueira Lima

Este estudo tem por objetivo discutir a Festa do Divino, realizada no Vale do Guaporé Rondoniense, considerando-a como um local da cultura, um espaço de fronteiras históricas e sociais, em que são construídas as territorialidades individuais do sujeito quilombola. Para tanto, contextualizamos o Vale do Guaporé tanto geográfica quanto historicamente, em seguida descrevemos as noções de identidade e de representações culturais, intencionado situar o homem negro para então, apresentar a Festa do Divino como uma prática híbrida e também como parte da fronteira humana do sujeito que a pratica. Recorremos a Hall (2005), Bhabha (2010), Chartier (1990), Santos (2001) e Teixeira (2004) principalmente, os quais nos auxiliaram a entender as concepções de identidade, cultura, representações nas dimensões conceituais e nas histórico-geográficas. Os resultados são reconhecidos na ideia de que a Festa do Divino, o homem dos quilombos e o Vale do Guaporé são territorialidades construídas individual e coletivamente.

A FRONTEIRA, A BORRACHA E A FERROVIA MADEIRA-MAMORÉ: UMA ANÁLISE A PARTIR DO ÁLBUM GRÁFICO DE MATO GROSSO

Gilmara Yoshihara Farnco (Orientadora)

Wander Scalfoni de Melo

A presente comunicação é parte de minha pesquisa de iniciação científica, vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC, da Universidade Federal de Rondônia, *campus* de Rolim de Moura. O texto que aqui apresentamos busca analisar o *Álbum gráfico de Mato Grosso*, obra lançada em 1914, que tinha como a finalidade explícita propagandear o Estado e suas atividades econômicas, notadamente, no que diz respeito a região norte. O objetivo da comunicação é expor os resultados do estudo, desenvolvido até o momento, destacando a análise que da economia da região na virada do século XIX para o século XX. À época, a área que é hoje a correspondente ao Estado de Rondônia possuía vastos seringais nativos que eram explorados para a extração do látex. Pretende-se abordar, então, alguns aspectos das relações entre fronteira, extração e comércio da borracha nas zonas do Guaporé e do Madeira e a

propaganda sobre o tema presente no *Álbum Gráfico*. Em outras palavras, o que buscamos é avaliar as expectativas que o Álbum traz em relação as vantagens em se viver e investir nessa região que acabava de receber um estímulo fundamental ao seu desenvolvimento econômico: a construção da estrada de Ferro Madeira Mamoré.

Simpósio

**A Amazônia “real” e imaginária: colonização e
descolonização em cena**

Coordenador(es): Prof. Dr. Hélio Rodrigues Rocha (UNIR) e Prof.^a Ms. Maria de Fátima Molina (UNIR)

**A IDENTIDADE DO COLONIZADOR RETRATADA PELO OLHAR DO
ÍNDIO AMAZÔNICO NO CONTO “CABOU VIDA NOSSA DE ÍNDIO”**

Rosa Maria A. Nechi (Orientadora)

Alexandre Dourado Santos

O estudo pós-colonialista expõe a caracterização colônia, em que a identidade do colonizador e colonizado compõe a formação da ideologia colonizadora. Assim essas noções explicam o colonizador inteiramente senhor e o ‘Outro’ como escravo a ser explorado, mas não basta que seja apenas explorado, pois é preciso que aceite sua inferioridade. Os estudos pós-coloniais nos indicam como algumas obras clássicas retratam os sujeitos nativos, evidenciando a relação de desigualdade-submissão do sujeito índio pela literatura e nos contos, no entanto ainda não foi muito analisado pela investigação científica literária como o índio amazônico retrata o colonizador. Após tantas ações sofridas, o índio da tribo Cinta Larga, da reserva florestal de Roosevelt, Estado de Rondônia, Brasil, é autor de uma obra em que usa os contos como formas que traduzem os efeitos da colonização, das agressões e exclusão. Sendo assim, o objetivo deste estudo é entender qual o retrato que o índio faz do colonizador e como ocorre essa imposição ideológica colonizadora. Para tanto, o aporte teórico é a obra de Albert Memmi, *Retrato do Colonizado Precedido do Retrato do Colonizador*, 1977, sendo que explique como o “colonizado é obrigado, para viver, a aceitar-se como colonizado.”(MEMMI, 1977, p.84). O dispositivo para este estudo é uma análise que identifique pelo olhar do colonizado quem é o colonizador e seus efeitos. Desta forma, iniciou-se o estudo que envolve leitura da bibliografia, busca e seleção do Corpus, análise do conto e resultados da análise. O resultado é a análise teórica de como decorre a submissão do colonizado neste processo ideológico, comprovando que a complexidade colonizadora produz a formação da identidade do Outro, sendo assim o conto do indígena Cinta Larga descreve sobre vários ângulos de observações como ocorre às formas de agressão e a imposição.

ANTROPOLOGIA E AS IMAGENS EM SALA DE AULA: AS REPRESENTAÇÕES E A DOCÊNCIA EM SALA DE AULA NO SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Ana Claudia Müller
Wilson S de Paulo*

O trabalho que se segue, visa discutir sobre as representações antropológicas presentes no livro didático e as articulações possíveis que o docente em História pode desenvolver com os educandos em sala de aula. Para além da “imagem pela imagem”. A discussão se deu conhecendo as possibilidades de articulações docente para com o livro didático, assim como as que se mostraram ausentes, em que questões de ordem teleológica, genealógica e axiológica não foram pensadas para que o conhecimento histórico dos indígenas e o encontro com os portugueses. O referencial teórico utilizado foi desde leituras que discorrem sobre os conceitos e articulações sobre a imagem, até a compreensão de autores que salientam sobre o processo de ensino e aprendizagem em História, constituindo-se fundamental na construção de ideias que se relacionam as imagens e os textos. A proposta consiste em refletir a imagem do livro didático História: **Sociedade & Cidadania**, organizado pelo historiador Alfredo Boulos Júnior em que concernem as representações antropológicas dos povos Tupi-Guarani e a articulação didática desenvolvida pelo professor da disciplina, relacionadas às percepções das imagens do material didático e problematizações das mesmas com os educandos de História no 7º Ano do Ensino Fundamental na Escola Cândido Portinari, na cidade de Rolim de Moura/ RO.

O PERFIL DO ADOLESCENTE AUTOR DE ATO INFRAACIONAL NO MUNICÍPIO DE PORTO VELHO NA FAIXA ETÁRIA DE 13 A 18 ANOS

*Nilson Santos (Orientador)
Antônio Cardoso da Silva*

O presente trabalho tem por objetivo estudar o perfil dos adolescentes autores de ato infracional, no município de Porto Velho, RO, bem como conhecer a outra face de sua história, enquanto pessoa em processo de desenvolvimento e sujeito de direito amparado no ordenamento jurídico brasileiro. E, ainda, tornar possível a compreensão dessa imagem, com aquela que imprensa apresenta diariamente à sociedade, qualificando-os com os seguintes adjetivos: violentos, cruéis, perigosos, assassinos e bandidos. Conhecendo o mínimo de sua realidade, com este trabalho, pretende-se propor uma ação, que vise minimizar o conflito social, envolvendo os adolescentes, familiares e a comunidade em geral e do poder público. É preocupante ver e ouvir que cada dia aumenta a quantidade de crianças e adolescentes envolvidos com ato infracional, seja por comércio ilegal de entorpecente, receptação, furtos ou assaltos. Este trabalho foi realizado, através de uma pesquisa realizada nos processos representados pelo Ministério Público estadual de Rondônia e julgado pelo 1º juizado da vara da infância e juventude da comarca de Porto Velho, no período outubro de 2011 a julho de 2012. Nesta pesquisa, foi analisado um total de 398 (trezentos e noventa e oito)

processos, transitados em julgados, sendo os mais diversos atos reconhecidos e assumidos pelos autores; envolvendo tanto os gêneros masculinos e femininos. Os documentos consultados neste trabalho foram as Atas de audiência realizadas no 1º juizado da vara da infância e juventude na comarca de Porto Velho, RO, e ainda, os questionários de entrevistas realizados pelo pedagogo no atendimento, após a Sentença.

REPRESENTAÇÕES RELIGIOSAS NOS SERINGAIS DA REGIÃO SUDOESTE DA AMAZÔNIA

Odete Burgeile (Orientadora)

Ednaldo Bezerra de Freitas (Orientador)

Cledenice Blackman

Washington Heleno Cavalcante

O presente trabalho foi pautado em pesquisas já realizadas sobre o assunto, visa compreender o processo de formação da interculturalidade, mitos, e festas religiosas como forma de extravasamento do sentimento religioso contido em um grande número de seringueiros vindos para a Amazônia, a partir da segunda metade do século XIX. Como metodologia foi necessário a realização de consultas em fontes bibliográficas, que ocorreram através de investigações elaboradas em livros e bases de dados encontradas na *internet*. Em conjunto, aliamos a pesquisa quantitativa para obtermos um percentual de imigrantes que chegaram a Amazônia para trabalhar nos seringais do cenário amazônico. O suporte teórico foi subsidiado em Bourdieu (2007) que nos fundamenta o tema voltado à alquimia religiosa, Chartier (1988; 1991) que nos esclarece sobre o conceito de representação, Hall (2003; 2006) vai nos orientar no processo de hibridismo que vem ocorrendo diante dos processos culturais, Williams (1969) norteará a base para fundamentar a temática sobre cultura e Candau; Russo (2011) nos ajuda a entender a interculturalidade. Diante disso, observamos que o aprofundado senso religioso destes seringueiros nordestinos, somado as dificuldades de penetração da Igreja, nas áreas de barracões de seringa e colocações, possibilitou o surgimento de imagens representativas dos ritos e símbolos cristãos nos seringais da região sudoeste Amazônico, sobretudo nas regiões mais avançadas, ou seja, distantes dos principais núcleos urbanos da região.

SIMÁ E RAZA DE BRONCE: O INDIGENISMO E O CONTEXTO HISTÓRICO COLONIAL

Dante Ribeiro da Fonseca

Em contraponto ao romance *O guarani* (1857), de José de Alencar, os romances *Simá*: romance histórico do Alto Amazonas de Araújo Amazonas (1857) e *Raza de Bronze*, do escrito boliviano Alcides Argueda (1919) apresentam a realidade do índio no mundo colonial mais em acordo com a História. Se a situação de Peri, em *O Guarani* é ambígua, não há dúvidas quanto a *Simá* e *Wara Wara*, personagens femininos dos demais romances. São aquilo que no período colonial se denominava tapuios, indígenas vivendo no mundo colonial. Tal situação, conforme a narrativa dessas obras expôs esses nativos aos abusos dos novos colonizadores. Em *Simá* e *Raza de Bronze* o motivo

principal do romance não é o amor romântico, mas a brutalidade sexual do conquistador. O desenlace da trama realiza ficcionalmente a História desses nativos. Em Raza de Bronze, romance mais tardio, o enredo termina com uma grande rebelião indígena, prenunciando aquela que ocorreria nos Andes bolivianos 33 anos depois. Já em Simá, a solução do nativo, para fugir às maldades da conquista foi, como de fato essa foi a opção de inúmeros grupos nativos desde 1500, viver nas regiões mais remotas da Amazônia. Na Bolívia a reação indignada e coletiva, no Brasil a fuga silenciosa, solitária e resignada, retratam fielmente duas realidades da colonização europeia: aquela que mantém a língua, e portanto a identidade, mantendo a comunidade indígena e aquela que constrói o índio genérico, solitário e atomizado

**VACINA ANTI-HEPATITE B NO RIO PURUS: CRENÇAS E MITOS NAS
CAMPANHAS DE VACINAÇÃO DA CIDADE DE LÁBREA/AM AO
SERINGAL ARACATY ENTRE 1989 A 1992**

Hélio Franklin Rodrigues (Orientador)

Fábio Teixeira de Lima

O objetivo deste trabalho é verificar as ações de prevenção e controle no tratamento da hepatite B, tendo como temática as campanhas de vacinação anti-hepatite B, no município de Lábrea/AM, no final da década de 80. O artigo apresenta os métodos utilizados pelas autoridades na busca de amenizar a proliferação da doença, devido à facilidade de transmissão, mas sem orientar a população da importância da vacinação, e muito menos prepará-los, sobre as reações provocadas pós-vacinação, ainda se tratando de prevenção, não existia uma orientação, principalmente sobre as mudanças de hábitos e costumes que as pessoas deverão seguir no cotidiano, tanto as populações residentes da cidade, como os moradores do rio Purus. Durante as pesquisas percebemos dados preocupantes em se tratando da prevenção da doença, pois Lábrea em um passado recente foi destaque na mídia com grande foco da hepatite B, e mesmo assim, ainda se percebe o descrédito, que ocorre em relação à aceitação da vacina. A metodologia para a elaboração deste artigo foi um levantamento bibliográfico, documental e entrevistas com agentes comunitários de saúde, líderes comunitários e pacientes portadores do vírus da hepatite B, no município de Lábrea/AM e rio Purus até o seringal Aracaty. Dialogando com teóricos que trabalham a temática na orientação e organização dos diagnósticos, como: Crescêncio. Revolta da Vacina: higiene e saúde como instrumentos políticos (2008); Fonseca. História das Hepatites Virais (2010); Hall. A identidade cultural na pós-modernidade (2006). Lopes & Polito. Para uma história da vacina no Brasil: um manuscrito inédito de Norberto e Macedo (2007); Luz. A História das Vacinas: uma técnica milenar (2012); Moulin. O Corpo Diante da Medicina (2009); Scliar. História do Conceito de Saúde (2007); Sevcenko. A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes (1984), por trabalharem com visões distintas de poder, saúde pública, cultura e hábitos.

**FRAGMENTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NO
PENTECOSTALISMO BRASILEIRO NAS DUAS ÚLTIMAS DÉCADAS DO
PERÍODO DA PRIMEIRA REPÚBLICA – 1910 A 1930: PRIMEIRAS
TENTATIVAS METODOLÓGICAS**

Dante Ribeiro da Fonseca (Orientador)

Josué Passos de Melo

Por ocasião da comemoração do seu centenário a Igreja Assembleia de Deus publicou várias obras rememorando sua trajetória no Brasil, que começou pela cidade de Belém do Pará, alcançando toda a Amazônia tendo como base a cidade de Belém do Pará. Nestas obras pode-se constatar o registro de fatos históricos que se constituem fragmentos históricos. Nesses fragmentos históricos serão identificadas metodologias utilizadas pelos líderes pioneiros do movimento pentecostal para munir os primeiros obreiros de instrução teológica, no período da Primeira República, entre os anos de 1910 a 1930. Pensar no tema fragmentos históricos da educação teológica no pentecostalismo brasileiro nos remete ao um questionamento: quais metodologias educacionais foram utilizadas na formação teológica dos quadros pastorais na primeira geração de pastores pentecostais no Brasil nas duas últimas décadas do período da Primeira República? Os fragmentos históricos disponíveis e acessíveis nos permitem concluir que os pioneiros do movimento pentecostal brasileiro, surgido no Brasil, no período da primeira República utilizavam como metodologias de educação teológica dos primeiros pastores pentecostais, veiculando suas ideologias e doutrinas em revistas, jornais e nas escolas de obreiros que ocorriam anualmente. Essas narrativas viabilizaram compreender o pensamento dos primeiros líderes do movimento pentecostal quanto à necessidade de viabilizar educação teológica aos pastores. Ainda, nos permitiram identificar os registros de fatos históricos que revelem a preocupação dos líderes pioneiros do movimento pentecostal com a educação teológica daquela geração de pastores pentecostais; o apontamento de fatos identificados como fragmentos históricos da educação teológica no pentecostalismo brasileiro no período da primeira República; e a enumeração, a partir dos fragmentos históricos apontados, as metodologias utilizadas na educação teológica no pentecostalismo brasileiro nas duas últimas décadas do período da primeira República.

IDENTIDADE CULTURAL INDÍGENA NA AMAZÔNIA EQUATORIAL

Hélio Rodrigues da Rocha (Orientador)

Lusilene Mariano de Sá

Este trabalho mostra exemplos de como os indígenas amazônicos da etnia Jivaro e Shuar são representados no romance latino-americano *Um velho que lia romances de amor* (1989), primeiro romance do escritor chileno Luís Sepúlveda. Utilizando-se de recortes teóricos do conceito de transculturação, assim como dos estudos culturais fundamentados por Stuart Hall, Homi Bhabha e outros, sobre cultura e identidade cultural. O estudo pretende compreender a representação da identidade indígena na

Amazônia Equatorial e suas manifestações, das várias concepções de sujeito construídas e assumidas, e que determinam as identidades, uma vez que a identidade cultural é um conjunto vivo de relações sociais e patrimônios simbólicos historicamente compartilhados que estabelece a comunhão de determinados valores entre os membros de uma sociedade. Para essa demonstração serão utilizadas as ideias de discurso e interação verbal, propostos por Bakhtin em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de onde pode-se discutir a questão do discurso de outrem, do diferente e do estranho, observando-se que a identidade de um povo não é marcada por um único aspecto que o diferencia de outros grupos, mas sim, por um conjunto de práticas culturais vivenciadas entre os membros do grupo e a sociedade “civilizada”.

UM ESTUDO SOBRE O DISCURSO PÓS-COLONIZADOR EM LEO HALLIWELL NA AMAZÔNIA

Júlio César Barreto Rocha (Orientador)

Marco Rodrigues da Silva

Este estudo se direciona a análise do processo neocolonial na Região Amazônica, no Século XX, tomando como instrumentos de controle o discurso religioso e médico a partir dos relatos do missionário Dr. Leo Halliwell, considerado pioneiro da missão Luzeiros no Rio Amazonas. Através da obra *Leo Halliwell na Amazônia*, veremos que todo relato é justificado não apenas pela higienização e normatização do controle social, no que se refere as doenças tropicais, mas no caráter de difundir o cristianismo as comunidades ribeirinhas. Portanto, cabe aqui analisar o discurso pós-colonial pelo prisma religioso e do controle social. Servindo de metodologia a esta pesquisa, será relevante o uso da Análise do Discurso, em Michel Foucault, permitindo entender a elaboração de um discurso religioso enquanto saber consolidado de uma sociedade moderna, que sobrepuja e modifica toda uma cultura. Também será relevante usar o estudo de Neide Gondim em *A Invenção da Amazônia*, percebendo como o olhar da religião em combinação com o olhar médico consolidam o imaginário da Metrópole em relação a Colônia, colaborando com a invenção de uma visão “exótica” sobre a Amazônia. Nesta situação veremos a presença de um médico estadunidense que, ao se deparar com este novo lugar, percebe a possibilidade de fixar seus conceitos religiosos e sociais.

LITERATURA E HISTÓRIA: A INTERRELAÇÃO ENTRE A FICÇÃO E A “REALIDADE” REPRESENTADA NO CONTO “O TAPARÁ”, DE ALBERTO RANGEL

Hélio Rodrigues da Rocha (Orientador)

Maria Odete da Silva

De acordo com alguns teóricos e pesquisadores existe uma linha tênue que separa as narrativas ficcionais do discurso histórico e, muitas vezes, esses dois tipos de discursos tornam-se semelhantes, ficando, desta forma, difícil distinguir o “real” do imaginário. Partindo deste pressuposto, objetiva-se, neste trabalho, investigar como a representação literária presente no conto “O Tapará”, de Alberto Rangel dialoga e/ou se relaciona com

fatos relatados por meio da historicidade. O conto supracitado foi extraído do livro *Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas*, publicado em 1908. Como se sabe, Rangel foi um dos escritores ligados aos princípios positivistas em voga no século XIX, inserido na tradição literária realista-naturalista. Este autor produziu um vasto trabalho em que retrata a Amazônia através da ficcionalidade, porém, muitas vezes, essas representações coincidem com fatos retratados pela historiografia. No conto “O Tapará” a sua prosa narrativa reproduz por meio de um quadro alegórico (imagético), um olhar fantasioso sobre a região a que se refere o conto, o lago do Tapará (Amazonas), com descrições de belezas naturais, vistas como um paraíso para os seres autóctones (animais, vegetais e humanos nativos). Em contrapartida, reproduz uma imagem de uma natureza selvagem, de infernismo, insalubridade e inadaptação aos exploradores, posto como a representação da fúria da natureza ao colonizador, desconstruindo, desta forma, o mito do Eldorado Amazônico. Portanto, a visada da pesquisa é realizar uma análise do conto “O Tapará”, na tentativa de tentar discernir o que difere a “realidade” da ficção.

“INVISIBILIDADE”: UMA ANÁLISE VEROSSÍMIL DA AMAZÔNIA PURUENSE

Hélio Rodrigues da Rocha (Orientador)

Maria Odete da Silva

Tatiana da Silva Andrade

O escopo deste estudo pretende realizar uma análise do conto “Invisibilidade”, de H. R. Rocha. O conto em questão foi extraído da obra *Dias contados: contos sobre o fim do mundo* (2009). Narrado em terceira pessoa, “Invisibilidade” retrata o cenário imaginário da ocupação das terras, às margens do rio Purus, onde fora fundada por A. R. Labre, a atual cidade de Lábrea. A saga dos desbravadores, em especial, o coronel Antônio Rodrigues Pereira Labre, um dos principais colonizadores da região, responsável pela dizimação de muitos indígenas das tribos Apurinã e Paumari, indígenas da região. Sendo assim, o estudo focalizar-se-á na verossimilhança entre o objeto literário e a historicidade da referida ocupação do Médio Purus. Neste percurso, transcorremos diferentes disciplinas e áreas do conhecimento, com o intuito de uma abordagem sobre a cultura indígena, pertencentes a esta tribo (tradições, rituais e simbologias), comparando-a às ações colonialistas. Posto que, o conto evidencia a falta de alteridade, preconceito do colonizador em relação aos nativos, denominados bugres, seres bestiais e desumanos. Por fim, investigar-se-á a importância e relevância destes povos na cultura da população amazônica, pois “Invisibilidade” encena de forma cruel a desumanidade dos povos ditos “civilizados” em prol do progresso e da modernidade. Desta forma, acreditamos que o conto promove reflexões sobre o processo de invasão territorial naquela localidade, bem como o discurso colonizador, da irmandade cristã. Neste sentido, trabalharemos sob o viés proposto pelos teóricos pós-colonialistas, dentre eles: Frantz Fanon e Homi Bhaba. Indagaremos: se a vontade colonizadora imperou, ocorrendo dizimação total, no conto, dos autóctones (conforme a historicidade há muitos destes povos). Quais relevâncias teriam para a região Purus? Não houve sequer

escolha, liberdade de expressão aos nativos. Seria, talvez, sentimento de culpa que atormenta até hoje o colonizador? Questões como estas propomos explorar ao longo da nossa leitura.

ANÁLISE DOS CONTOS “INVISIBILIDADE” DE HÉLIO ROCHA E “MAIBI” DE ALBERTO RANGEL, SOB A PERSPECTIVA DO PÓS-COLONIALISMO

Hélio Rodrigues Rocha (Orientador)

Taianni Rocha de Santana Fernandes

Pretendemos apresentar uma leitura crítica dos contos “Invisibilidade” de Hélio Rocha (2009) e “Maibi” de Alberto Rangel (1927). Dentre as diversas possibilidades de análise, objetivamos fazer uma comparação dos pontos ficcionais presentes nas obras apontadas, buscando analisar por que razão esses autores da região amazônica escrevem seus textos literários tendo como temática a contextualização de elementos históricos, haja vista que o primeiro conto faz referência ao período de colonização da Amazônia e o segundo retrata o período dos Seringais nesta mesma região. Ao propormos um aprofundamento dos estudos sobre os elementos históricos da cultura amazônica, ficcionalizados em cada um dos contos supracitados, buscaremos associá-los aos estudos da teoria pós-colonial. Desse modo, verificaremos aspectos literários comuns ao gênero conto, fazendo um contraponto com as práticas discursivas correntes nos textos, sob a perspectiva dos estudos pós-colonialistas. Pretendemos apontar, portanto, os reflexos do pensamento pós-colonial que versam sobre o resgate histórico das nações que sofreram com o processo de dominação, por intermédio de texto com possibilidade de leituras descolonizadoras. Outrossim, pretendemos estudar o processo de descolonização que os autores de países colonizados propõem ao tratar de rememoração e de ressignificação das concepções de mundo desses povos. Para tanto, utilizaremos como referencial teórico Edward Said (1991), Frantz Fanon (2005) e Homi Bhabha (1998), posto que a teoria pós-colonial, da qual estes e outros autores fazem parte, vale-se do dismantling das concepções de colonização, descolonização, estereótipos, discriminação, cultura X Cultura, Identidade etc.

O MISTICISMO RELIGIOSO PRESENTE NA OBRA *DO AMOR E OUTROS DEMÔNIOS* DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Ana Paula Cantarelli (Orientadora)

Ariane Rosas da Silva

Joelma Silva Ferreira

As obras de Gabriel García Márquez, sem dúvida, são de grande importância na literatura hispânica. Autor, laureado com o Nobel em 1982, nos apresenta com o romance: *Do amor e outros demônios*, uma história de amor, marcada por mistério, magia e feitiçaria, juntamente com o auge e domínio que a igreja exercia na época. Objetiva-se analisar a construção do misticismo religioso presente na obra *Do amor e outros demônios*. O misticismo e a religião são temas eternizados na literatura, por isso, busca-se salientar como o autor desenvolve nesta narrativa, temas como: ciência x

misticismo, o fanatismo religioso, a feitiçaria, o sortilégio sobre a visão do amor, e a supremacia da igreja. Tem-se como desígnio mostrar como o místico é trabalhado na obra, sabendo que as formas em que a igreja impôs seus dogmatismos violentaram os princípios da humanidade. Avaliaremos neste trabalho, como a ciência e o empirismo eram tratados como algo demoníaco pelas pessoas, ocorrendo o antagonismo entre (religião e ciência). Vamos nos delimitar em identificar como a narrativa retoma a tradição para empenhar-se em questões de ordem mística, fantasiosa e religiosa, e nos instiga a pensar sobre valores agregados a sociedade da época. Procuramos realizar este trabalho para expor a visão ironizada do autor em relação à igreja e seus dogmas, e a fértil imaginação popular que por medo de ser opor à religião, via tais comportamentos não eventuais como algo, sobrenatural, demoníaco, e imoral. Analisaremos determinados diálogos presentes na obra, que demonstram como o misticismo é construído ao longo da narrativa. E de que forma a igreja tinha o poder de influenciar na vida das pessoas. Surgindo, assim, o sincretismo como uma necessidade de manter as crenças vivas.

Simpósio

Estéticas telúricas e insólitas: experiência dos seres da terra-Terra

Coordenadora: Prof.^a Dra. Heloísa Helena Siqueira Correia (UNIR)

A RELAÇÃO ENTRE OS INDIVÍDUOS E A TERRA NA COMALA DE JUAN RULFO

Ana Paula Cantarelli

Em 1955, o mexicano Juan Rulfo publicou a obra *Pedro Páramo*. Esse romance é considerado pela crítica uma das obras-mestras da literatura latino-americana e da literatura mundial, sendo objeto de estudo de diferentes áreas do saber (história, filosofia, sociologia, etc.). A narrativa inicia com a morte de Dolores Preciado e com a promessa que seu filho (Juan Preciado) lhe faz: ir a Comala e cobrar de Pedro Páramo (pai de Juan) as terras que lhe pertencem. Assim, o filho de Dolores parte em busca do pai e das terras. Ao chegar a Comala, Juan se depara com uma cidade em ruínas e com uma série de mortos que são atraídos pela presença deste e que passam a contar a história do povoado. Ao longo do romance, a questão da identificação dos indivíduos com a terra assume diversas configurações: ora se apresenta através do mito bíblico da criação do homem, sendo manifestada através de um casal de irmãos que pode ser associado a Adão e Eva; ora se manifesta na construção de personagens que, mesmo depois de mortos, seguem atrelados a terra na qual viveram; ora se faz presente na aridez do próprio protagonista que traz em seu nome (Pedro Páramo) uma alusão à brutalidade e à esterilidade do solo no qual a narrativa está ambientada; além de outras tantas construções textuais. Neste estudo, buscou-se analisar tais construções, tratando de elaborar uma proposta de leitura da obra que considere a relação entre os indivíduos e a terra a partir de discussões sobre memória e identidade.

ORALIDADE, ESCRITA E AS RELAÇÕES TELÚRICAS EM *TERRA SONÂMBULA* DE MIA COUTO

Heloísa Helena Siqueira Correia (Orientadora)

Carine Barboza da Silva Gomes

O objetivo desta pesquisa é identificar e analisar os modos pelos quais as relações telúricas entre os personagens humanos e a terra são construídas na narrativa que constitui o romance *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto; explicitam-se assim as relações telúricas desses personagens e a força engendradora de tais relações, provenientes dos sonhos, dos mitos, da memória e da oralidade. A pesquisa dialoga com o estudo de Eliade (1998) que demonstra como o mito matem-se vivo ao longo do tempo e como as representações míticas são concebidas com significações variadas nos diversos povos; o estudo de Vansina (2010) acerca da tradição oral presente nos povos africanos e as obras críticas de Secco (2000) e Santilli (2003), estudiosas das literaturas africanas. Percebe-se, no romance, a constante relação entre os sonhos, a terra e a oralidade. É na oralidade que se encontra a memória e a tradição desse povo, que tem a crença de que a sabedoria está no passado. Dessa forma, a oralidade resgata a tradição, que conseqüentemente é carregada pela mítica, pelo imaginário e pelo sonho. Assim, o que é supostamente evanescente: os sonhos, e o que é concreto: a terra, são íntimos ao longo da narrativa a ponto de tecerem uma realidade com matéria própria, que tem relação direta com os destinos dos personagens.

MÁGICO, INSÓLITO E MARAVILHOSO: DO DISCURSO POPULAR À LITERATURA ERUDITA NA AMÉRICA LATINA

Elton Emanuel Brito Cavalcante

O mágico, o insólito e o maravilhoso sempre existiram na literatura popular e, em particular, no mundo amazônico, repleto de entidades mitológicas ou, em muitos casos, fantasmagóricas. Autores como Walter Benjamin, entretanto, afirmam que os discursos mitológico e maravilhoso estão em vias de extinção, pois, graças ao advento da sociedade industrial, eles estariam desaparecendo não porque deixaram de ser contados, mas sim pelo fato de, cada vez mais, aumentar o número de ouvintes que os tomam apenas como um passatempo efêmero, ingênuo e divertido. Porém, em contraponto a tal pensamento, iniciou-se na América Latina, a partir da década de trinta do século passado, um discurso erudito que resgatava o mágico e o maravilhoso pertencentes aos segmentos mais pobres das sociedades americanas, convertendo-os em literatura culta. A literatura popular, mestiça, passava a ser tratada então como algo importante para a compreensão do contexto sociocultural de um povo. Desta forma, criavam-se as bases para o advento de novas correntes literárias: o Realismo Mágico e o Maravilhoso, os quais surgiram quase que simultaneamente em várias regiões da América Latina, principalmente em locais onde a floresta tropical ou as intempéries eram constantes. Gradativamente, o maravilhoso e o insólito foram se disseminando também para temas sociais tipicamente urbanos e, não raro, metafísicos. Assim, de tudo isso, pode-se tirar

alguns questionamentos: Quais acontecimentos históricos e culturais permitiram o surgimento das supracitadas correntes literárias? E por que elas tiveram sua germinação na América Latina? Quais seus antecedentes históricos? Elas podem ser consideradas de fato algo novo, em termos literários? Como se desenvolvem em autores como Gabriel García Márquez, Alejo Carpentier, Jorge Amado e Adolfo Bioy Casares, por exemplo? Tratar de responder a tais indagações é o objetivo deste simpósio.

O MITO DA CRIAÇÃO DO MUNDO EM BORGES: “TLÖN, UQBAR, ORBIS TERTIUS” E “EL CONGRESO”

Gabriel Pereira de Melo

O Mito da criação do mundo encontra-se abordado na narrativa do autor argentino Jorge Luis Borges. No conto “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius”, presente na obra *Ficciones* (1944), encontramos um grupo de benfeitores que almejam a criação de um mundo distinto da Terra. Tal mundo, aos poucos, acaba adentrando-se, por meio de eventos extraordinários, na Terra. Observa-se, desse modo, a criação de Tlön como um mundo construído por mãos humanas e dedicado aos homens, ou seja, mundo humanizado, e não mais divinizado construído por um ser metafísico. Já no conto “El Congreso”, presente na obra *El Libro de Arena* (1975), encontra-se um grupo que busca a criação do Congresso do Mundo. Para isso, são realizadas várias discussões para que esse congresso seja concretizado, tanto que o mundo começa a escapar das mãos de seus idealizadores. Os dois contos aqui mencionados trabalham com uma perspectiva do mito da criação do mundo, mas acrescentam a ideia de uma realidade sob os olhos dos próprios homens. Uma crítica ao entendimento de que o mundo foi criado por um ser superior que congrega todos os anseios dos homens de salvação é percebida quando os mundos começam a agir por conta própria. Procura-se, neste trabalho, analisar os dois contos borgeanos, de modo que, a criação do mundo seja percebida como um fazer fantástico que proporciona ao homem o poder de criação de uma outra realidade e de outros universos.

O ESTOICO BURRINHO PEDRÊS DE GUIMARÃES ROSA

Heloísa Helena Siqueira Correia (Orientadora)

José Geraldo da Silva

“Era uma vez, era outra vez, no umbigo do mundo, um burrinho pedrês” (ROSA, 1984, p. 58). A literatura brasileira tem em João Guimarães Rosa um de seus expoentes, cujos talentos são inquestionáveis. Na obra *Sagarana*, por exemplo, os animais têm um lugar privilegiado. No conto “Conversa de bois”, há uma extensa discussão acerca do jeito de ser animal humano e do jeito de simplesmente ser animal. E o narrador do conto recorre a um tempo em que os bois “conversavam, entre si e com os homens...comprovado nos livros das fadas carôchas”. E no conto “Sete de Ouros”, o burrinho pedrês. Este burrinho não é nenhum animal desprevenido e sem tino. Além disso, o termo “resignado” remete ao estoicismo, de modo que não é uma resignação determinista e sem um sentido em si, mas está mais para uma atitude preventiva, própria de quem já

viveu o suficiente para compreender que a vida exige desapego. Bem ao jeito como descreve Walter Benjamin (1987), o burrinho é narrado como alguém que veio de longe, “vindo de Passa-Tempo, Conceição do Serro, ou não sei onde no sertão”. O narrador é desconhecido, anônimo, mas toma o cuidado de não dar detalhes informativos exatos. Seu objetivo não é fazer um relatório, é transmitir um saber. Nesse contexto, este artigo busca apresentar como o burrinho do conto recria o ideal de vida estoico, que por meio da resignação e da aceitação do que lhe é proposto como missão, toma as decisões necessárias para chegar vivo ao seu agir.

ENTRE O FANTÁSTICO E O MARAVILHOSO: UMA AVENTURA NO PAÍS DAS FADAS

Heloísa Helena Siqueira Correia (Orientadora)

Keily Martins Francisco

O presente trabalho objetiva analisar o conto “No país das fadas” presente no livro *No país das fadas e outras histórias fantásticas* do escritor britânico Herbert George Wells (1866-1946) a partir de elementos da teoria literária com aporte teórico do gênero conto, conceitos e características do narrador de acordo com Norman Friedman (1967) e teoria do gênero fantástico e maravilhoso a partir das reflexões de Tzvetan Todorov (1980). A leitura desse último teórico é de extrema importância devido ao fato do conto analisado estar na fronteira entre o gênero fantástico que se caracteriza pela dúvida, hesitação e ambiguidade e o gênero maravilhoso, no qual o acontecimento que desafia as leis desse mundo é aceito com facilidade pelas personagens e pelo leitor implícito sem provocar surpresa nos mesmos. Todorov aponta também qual é o tipo comum de narrador da história fantástica. H. G. Wells cria uma narrativa na qual o próprio narrador mantém a ambiguidade do gênero afirmando não saber se a aventura realmente aconteceu ou se Skelmersdale (personagem que afirma ter estado no país das fadas) imaginou ou sonhou com ela. Retomaremos, ainda, importantes reflexões de Julio Cortázar (1974) sobre o conto, cuja construção implica os conceitos de significação, tensão e intensidade.

O REAL ENCANTADO: A ENCANTARIA NA AMAZÔNIA

Leonardo Lucas Britto

“O Real Encantado: a encantaria na Amazônia” é um artigo que visa comparar três trabalhos antropológicos: *Santos e Visagens* de Eduardo Galvão, fruto de um estudo realizado em 1948 no baixo Amazonas; *Padres, pajés, santos e festas* de Raymundo Heraldo Maués, etnografia produzida nos anos de 1981 a 1984, na microrregião do Salgado, do Estado do Pará; e *Cura com encantados no Centro de Umbanda São João Batista*, de Leonardo Lucas Britto, abrangendo o período de 2011 a 2013, em Porto Velho, capital do Estado de Rondônia. Além destes estudos se referirem a tempos diversos, também são sobre regiões distintas, com características culturais, sociais e econômicas próprias, que juntas, fazem parte de uma região denominada de “Amazônia”. Os três estudos discutem as crenças e práticas sobre espíritos denominados de “encantados”. Entendemos que os mitos a respeito da “encantaria”,

contém representações de certas formas do homem amazônico de lidar com o meio em que vive, tanto no campo, quanto na cidade, embora nem todos os moradores da região compartilhem essas representações. Por isso, ao articularmos conceitos como “cultura” e “religião”, procuramos refletir melhor sobre esses modos de lidar com a natureza e a cidade, que é peculiar de uma cultura amazônica. Desde modo, este artigo visa contribuir com mais uma reflexão acerca da Amazônia, do homem que a habita e da cultura que é criada e transformada a partir dessa relação e de processos vindos de fora.

FICÇÃO CIENTÍFICA E MITOLOGIA GRECO-ROMANA EM *JOGOS VORAZES*

Lucia de La Rocque (Orientadora)

Izabel de Rohan

A relação entre a mitologia greco-romana e a ficção científica tem sido bastante explorada, sendo que alguns até mesmo defendem a ideia de que a ficção científica corresponderia a uma espécie de mitologia dos tempos atuais. Neste trabalho, nosso objetivo consiste em analisar aspectos que podem ser relacionados com a mitologia grego-romana na ficção científica distópica da série *Jogos Vorazes*, tanto na linguagem literária, quanto na cinematográfica. É sabido que a ficção científica/utopia/distopia está entre os gêneros favoritos dos jovens apresentando, portanto, um impressionante potencial didático. Defendemos que nossa proposta está em sintonia com os tempos atuais e pode, para além de seu potencial didático tanto em termos das ciências *hard* quanto das humanidades, atrair os jovens para o campo da mitologia, que engloba formas atávicas do conhecimento e pensamento humanos que, de algum modo, ainda entre nós permanecem. Nossa metodologia envolve a leitura de, principalmente, livros da área de mitologia greco-romana, a fim de relacionar Katniss e outros personagens com os heróis antigos. Debruçar-nos-emos, também, tanto sobre os próprios romances da trilogia: *Jogos Vorazes*, *Em Chamas* (publicado no Brasil em maio e outubro de 2010) e *A Esperança* (outubro de 2011), quanto sobre os filmes correspondentes (até agora foram lançados somente os dois primeiros, apesar de o terceiro já ter sido concluído). Essas obras serão contempladas por trabalhos acadêmicos no campo dos Estudos Culturais tangenciando a ficção científica. Até o presente momento de desenvolvimento do projeto, vimos trabalhando relações entre nossa heroína e heróis como Espártaco, Hércules e Teseu; o Minotauro e o significado da arena; Katniss e a deusa da caça, Ártemis; o co-protagonista masculino, Peeta, e Afrodite; o símbolo da rebelião, o Tordo e governos ditatoriais. Como costuma acontecer nesse tipo de trabalho, nosso maior desafio está em encontrar nossos limites.

TRANSFIGURAÇÕES: AMÁLGAMAS SOCIOCULTURAIS FRONTEIRIÇOS

Lucineide Rodrigues Monteiro

Os seres míticos na região fronteira Rondônia/ Bolívia mais precisamente na região do Forte Príncipe da Beira constituíram-se num amálgama cultural que perpassa tempos variados de memórias interessadas e interesseiras, que se deu ao longo da colonização.

O processo é instigador uma vez alguns mitos tem como discurso fundador o mito do Jurupari e este ao entrar no espaço dos Ribeirinhos Extrativistas se metamorfoseia na persona do Boto Rosa, contudo seu extrato é o da Bruxa Amazônica Matita-Pereira. A discussão é fundamentada em pesquisa de recolha da oralidade com os pressupostos da Teoria da História Oral na Temática Cultural associada a recolha local com fundamentação na Memória Coletiva. Outro aspecto da fundamentação é de base antropológica sobre o interesse acadêmico ou outros em “inventar”, ou “dialogar” com as narrativas? Neste trabalho discute-se a ideia que se deve negociar com as categorias das narrativas em seus diferentes contextos. Lévi-Strauss (1952, p. 97), ao falar do duplo sentido do progresso: “A humanidade está constantemente em luta com dois processos contraditórios, um para instaurar a unificação, enquanto que o outro visa manter ou restabelecer a diversificação”. Ele afirma ainda que “todo progresso cultural é função de coligação entre as culturas de forma consciente ou inconsciente, procurado ou obrigado das possibilidades que cada cultura encontra no seu desenvolvimento histórico”. A formação do imaginário coletivo dessa localidade leva-nos a indagar sobre os motivos das metamorfoses míticas personificadas em animais.

FALSA INSENSIBILIDADE: VAIDADES, DESEJOS E DELÍRIOS NO JARDIM DE ASTRID CABRAL

Heloísa Helena Siqueira Correia (Orientadora)

Maíssa Pires Ramos

Objetiva-se analisar as falas e representações das personagens vegetais nos contos de Astrid Cabral reunidos em *Alameda*, no intento de compreender como o texto literário da escritora amazonense configura a perspectiva vegetal. Na obra, o reino vegetal, tradicionalmente julgado como pertencente a seres dotados de uma constante inércia e inegável insensibilidade, é apresentado de forma outra. Nela, a perspectiva é invertida e recai sobre as personagens vegetais de Astrid Cabral, que – para o nosso espanto – protestarão a imposição dessas errôneas adjetivações. Logo, ecoará no decorrer de cada conto, os protestos, confissões, desabafos, angústias, memórias e “recadinhos” de plantas, flores, frutos, sementes, grão de feijão e uma cerca que já foi árvore. Para esta pesquisa, a importância de tal abordagem revelar-se-á na produção do *questionamento* sobre o papel dessas personagens: afinal seu papel é o de refletir/repensar/depreender a dicotomia dos direitos/deveres do humano versus o não humano na partilha da Terra-terra? Para a resolução desse problema, retomaremos as discussões promovidas por Peter Tompkins e Christopher Bird (1976), Greg Garrard (2006), Maria Esther Maciel (2011), Friedrich Nietzsche (2001), Antonio Paulo Graça (1998) e Allison Leão (2011) em uma tentativa de decodificar as representações dessas personagens vegetais. Tal análise, além de fornecer material para a reflexão acerca da alteridade vegetal, aspecto da candente questão sobre as condições de partilha da Terra-terra por todos os seres vivos, propõe uma discussão que se insere no contexto de desconstrução e crítica do humanismo, antropocentrismo e biopolítica.

A AURORA DO COSMOS: SEMELHANÇAS E DESSEMELHANÇAS ENTRE O MITO GREGO E A NARRATIVA DESANA

Heloísa Helena Siqueira Correia (Orientadora)

Márcio Moreira Costa

Para a humanidade, de todos os tempos, entender como tudo teve início foi fundamental. As diversas culturas, das milenares às mais jovens, buscaram, a partir de sua fortuna epistemológica, explicar como surgiu o universo. Assim, fizeram os gregos arcaicos, com seus poetas, e também o fizeram os índios Desana da Amazônia brasileira. Homero e Hesíodo detêm o legado mitológico da Grécia Antiga e suas obras eternizaram toda uma tradição secular. A narrativa teogônica, de Hesíodo, apresenta a criação do cosmos a partir do caos sob a influência de Eros. Surgem os primeiros deuses caracterizados pelos instintos impetuosos e a monstruosidade. Nos relatos desanos, contidos na obra *Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana-Kehíripõrã*, da escuridão surge uma mulher (Yebá Buró), por si só, que cria cinco seres míticos (os Trovões) e depois um outro ser, este desprovido de corporeidade. Ambos os relatos, se aproximam ao descreverem, às vezes com mais ou menos intensidade, etapas evolutivas de um momento puramente instintivo para uma presença de racionalidade, além de traços antropomórficos. Assim, apesar de separados por distâncias significativas, apresentam semelhanças que merecem destaque em suas narrativas, entre elas, o uso inicial da oralidade e o caráter formador das duas narrativas. A presente pesquisa bibliográfica propõe-se confirmar estas e outras semelhanças existentes e também exibir as principais dessemelhanças encontradas nessa análise comparativa entre as duas narrativas míticas, sobre a aurora do cosmos, presentes na Teogonia de Hesíodo e na obra escrita por Umusi Pãrökumu e Tõrãmú Kehíri (Firmiano Arantes Lana e Luiz Gomes Lana).

DA ORDEM AO CAOS: O INSÓLITO MUNDO DOS VITIMADOS PELA CEGUEIRA BRANCA NA OBRA *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*, DE JOSÉ SARAMAGO

Maria da Saúde Gomes da Silva

O respectivo artigo tem como objetivo fazer uma análise de alguns fenômenos considerados insólitos, na obra *Ensaio sobre a cegueira*, do escritor português José Saramago, publicada em 1995. Dentre algumas questões levantadas, o fenômeno da cegueira branca será o mais relevante para os questionamentos propostos. O insólito como vertente do fantástico direcionará as abordagens estabelecidas nesta análise, porque a partir dele, compreendemos literariamente, que a narrativa saramaguiana pertence a um mundo completamente destoante da realidade empírica. Com base nas teorias insólitas ou fantásticas, falaremos do processo da cegueira branca que afeta as personagens da obra, e aniquila com o que até então era concebido como normal, sendo a linguagem, a engendradora de tais acontecimentos. A linguagem direcionada, falada e repetida de várias formas, abre um leque de possibilidades para que o elemento insólito se manifeste de diversas maneiras tornando-se cada vez mais incomum. Teóricos como

Tzvetan Todorov, Walter Benjamin, Bella Yosef e Flávio Garcia serão constantemente citados ao longo deste artigo, por proporcionarem bases fundamentais à compreensão de um universo que segue além da “realidade” ficcional. As personagens, abandonadas à própria sorte com o alastramento da cegueira branca, sentem com toda intensidade o poder de uma força misteriosa sobre elas, a cegueira que não se explica. Diante de uma obra com questões quase ilimitadas de investigação, ressaltamos mais uma vez, que neste trabalho, nosso olhar se voltará somente para a cegueira branca como manifestação insólita.

A INVENÇÃO DO MARAVILHOSO NA POESIA DE ANDRÉ CARNEIRO

Oswaldo Copertino Duarte

André Carneiro (1922-2014) é considerado o mais importante romancista brasileiro de ficção científica. Esse gênero, de regra, exclusivo da narrativa, tem em André Carneiro, também, um importante representante na poesia. Já em seus primeiros livros, surpreende o tratamento que dá às transformações tecnológicas, chamando a atenção para o mundo que irrompia dos destroços da Segunda Guerra. Transpondo as experiências nocionais, transubstancia a dor imediata pela invenção, problematizando a angústia, a insegurança, o medo, numa dominante de precariedades que nasce da razão prática e define o universo e o espírito sob o signo da dúvida. Nos livros que se seguem, chama-nos a atenção o enfoque psicossocial. Do mesmo modo como já vinha ocorrendo em sua narrativa, sua poesia investe num cenário futurista, às vezes sombrio, com uma espécie de sensibilidade que perscruta lirismo em relatórios científicos, procurando entender a aplicação de disciplinas como a física, a robótica, a genética, a partir das quais insiste em mostrar, com lente de aumento, o homem e a sociedade. Nesse universo, já é possível experimentar, sem desprezo aos temas ditos universais, a dissolução de fronteiras entre a imaginação e a realidade, entre as noções de tempo (passado, futuro, presente), num ambiente em que são possíveis as intervenções microbiônicas e a síntese entre homem e máquina. Há, ainda, como de início, uma celebração do mundo físico (o engenho atômico, os condutores cerâmicos, o universo da conquista espacial), a fim de realçá-lo até a dissolução. Emerge, então, entremado pela ciência e pelo simbólico, o interesse pela realidade virtual, num discurso em que as informações científicas transformam-se em estímulo para a criação poética. Assim, do interesse científico nos primeiros livros, chega, nos textos mais recentes ao que se poderia chamar de ficção científica consumada em versos.

A FRONTEIRA ENTRE O HUMANO E O ANIMAL: OS PERSONAGENS DE MURILO RUBIÃO

Heloísa Helena Siqueira Correia (Orientadora)
Regyvânia Alves Araújo

A partir das reflexões do estudioso Arrigucci Júnior (1981), Yves Stalloni (2007) e modos de abordagem colhidos dos estudos animais, com ênfase para as pesquisas de Benedito Nunes (2011) e Maria Esther Maciel (2011), o trabalho tem como objetivo realizar investigação acerca dos personagens animais no conto “Alfredo” de Murilo Rubião, refletindo sobre duas possibilidades de leitura: uma que toma as figuras animais como representações do humano e outra que percebe o que, no animal, não pode ser assemelhado ao humano e revelado pela linguagem humana. Ainda que os contos de Murilo Rubião sejam trabalhados pela crítica como vinculados ao realismo mágico e, desse modo, tomados como representativos de intensa crítica social, cultural e ideológica, e mesmo que neles seja possível encontrar a existência solitária e absurda do homem e a inquietação provocada por nosso contexto histórico desde a modernidade principalmente, seus contos redimensionam as relações entre humanos e animais por meio da vida de personagens imprevisíveis, que colocam em cheque a prática humana de antropomorfizar e humanizar a vida animal. Alfredo, que no exercício de não ser humano, passa por várias metamorfoses até chegar à forma de dromedário, e seu irmão Joaquim, que não se sabe exatamente se animal ou humano, vivem uma irmandade problemática que os reúne após vários anos de distanciamento.

Simpósio

O imaginário da Amazônia que institui fronteiras exóticas, tensas, perigosas, conflitivas e violentas

Coordenador(es): Prof.^a Dra. Maria do Socorro de Sousa Araújo (UNEMAT – Cárceres) e Prof. Dr. João Ivo Puhl (UNEMAT – Cárceres)

CONTEXTOS MITOLÓGICOS AMAZÔNICOS E SUAS CONEXÕES NA EDUCAÇÃO RIBEIRINHA DE PORTO VELHO: SABERES E PRÁTICAS DE APRENDIZAGEM

Clarides Henrich Barba

O objetivo deste artigo é o de analisar como os contextos mitológicos e os saberes locais contribuem para a formação educacional de alunos ribeirinhos nas *Escolas Municipais Santo Antônio (comunidade de Santo Antonio)*, *Escola Domingos Sávio (São Sebastião)* e na *Cachoeira do Teotônio (Escola Antonio Augusto de Moraes)* - Porto Velho. O referencial teórico teve como base a da educação intercultural. A educação torna-se necessária para que a consciência torne-se fundamental para a constituição dos elementos da emancipação evidenciada pelos saberes locais. A Fenomenologia foi adotada como processo metodológico que contribuiu para a análise dos dados. Além de observações e entrevistas realizadas com alunos e professores, os dados foram obtidos através de atividades a respeito da cultura amazônica, transcritas na forma de narrativas em *Escolas Municipais Santo Antônio (comunidade de Santo Antonio)*, *Escola Domingos Sávio (São Sebastião)* e na *Cachoeira do Teotônio (Escola Antonio Augusto*

de Moraes) - Porto Velho. Os resultados demonstram que os professores investigados das Escolas ribeirinhas desenvolvem conteúdos que permitem estabelecer conexões mitológicas dos saberes da cultura amazônica em uma perspectiva sócio-educativa que enfoca o ensinar e o aprender dos alunos ribeirinhos. Percebeu-se que a cultura amazônica presentes nos mitos e nas lendas amazônicas tem facilitado na Escola a formação cultural dos alunos com identidades e características locais. Compreende-se que o contexto mitológico é importante para o desenvolvimento da educação amazônica como um significado a para a aprendizagem de crianças. Assim, a identidade e a cultura ribeirinha nas práticas dos professores permitem que os alunos aprendam a trabalhar com os contextos mitológicos envolvendo o imaginário relacionado com o meio ambiente, a natureza constituindo o *habitus* da vida dos alunos ribeirinhos e dos professores.

AS RELAÇÕES CULTURAIS E SÓCIO-ECONÔMICAS DOS ASSENTAMENTOS RURAIS NA FRONTEIRA OESTE BRASIL/BOLÍVIA

Drielly Cristina Silva

Este texto apresenta como são as relações culturais e sociecômicas dos assentados da fronteira Oeste Brasil/Bolívia. O que eles cultivam em seus lotes, a renda de cada família, o perfil dos assentados, o grau de escolaridade e as perspectivas futuras. Também fazemos algumas discussões teóricas sobre assentamentos rurais.

A RELEITURA DO MITO NO ESPETÁCULO TEATRAL – PÁSSARO FORA DO AR

Éder Rodrigues

O processo de construção e estruturação dos mitos trata de um fenômeno de extremo interesse para estudos atentos à sua complexidade em que através do repertório das narrativas e matizes que lhe servem de suporte, busca-se formas de acesso ao universo humano de significações, aos sistemas de representação e às categorias de pensamento e arte. O mito é uma forma de se permear o prospecto historiográfico de reconstituição dos povos como um todo, visto que, a partir de seu conhecimento e interpretação, torna-se possível intermediar instâncias que atravessam os aspectos de formação dos povos em consonância com o universo natural, cultural, divino e ambíguo de suas fontes. Esta reflexão parte das colocações de Friedrich Schlegel sobre o caráter mutável e transformável do mito como forma de propulsionar sua vivência em outros contextos para dialogar com as releituras teatrais contemporâneas e suas concepções estéticas. Nesta perspectiva, analiso a montagem teatral *Pássaro fora do ar*, monólogo que teve estreia oficial no ano de 2014 em Porto Velho e que faz uma releitura performática de algumas fontes da mitologia amazônica e suas ressonâncias construídas a partir do olhar de um menino-pássaro. Ao articular corpo e performance, imaginário e circunstâncias sociais de impacto, procuro discutir as releituras espetaculares e dramatúrgicas como novas chaves de acesso à realidade, compactuadas com o leitor/espectador na reconstrução desta rede de significações e suas zonas de conflito.

O GOVERNO DE OTTOMAR DE SOUSA PINTO (1991-1994): UM CASO DE POPULISMO?

Alexandre Paxeco (Orientador)

Elen Patrícia da Silva Nogueira

O populismo é um objeto de estudo bastante complexo, portanto, muitos são os autores que tentam traçar suas características. Na história política de vários países registram-se desde a segunda metade do século XIX movimentos de massas, partidos políticos e governos que estudiosos de diferentes áreas denominam como populistas. Estas ideias foram levadas para diversas regiões do mundo, onde foram adotadas diferentes características. Durante a primeira metade do século XX os governos populistas de países como Brasil, México e Argentina, tiveram características autoritárias e desenvolvimentistas, além da prática comum da política paternalista. Este tipo de política também ocorreu em Estados brasileiros, onde ao decorrer do tempo a persuasão popular tornou-se o principal meio de se manter no poder. Um destes estados é Roraima, onde pontificou a figura política de Ottomar de Sousa Pinto, graças a suas ações assistencialistas e sua personalidade carismática demonstrada nos seus diversos mandatos como governante desde 1979. Como observa-se nas fontes pesquisadas a ampliação dessas ações políticas no primeiro governo do Estado (1991-1994) surgiu a inquietação quanto à possibilidade dele ter sido populista. Porém, um populismo com características “especiais”, devido algumas particularidades locais diferenciarem essa região Amazônica dos Estados que foram focalizados para a análise teórica deste assunto. A fim de analisar esta questão, foram utilizadas várias fontes bibliográficas e documentais, tais como jornais e entrevistas em áudio, que tornaram-se o principal meio para a conclusão da pesquisa.

CINCO TENHARIN – UMA NARRATIVA TRANSMÍDIA(?)

Joésér Alvares da Silva

Entre dezembro de 2013 e janeiro de 2014, duas tragédias abateram-se sobre os povos indígenas Tenharin que habitam a Rodovia Transamazônica ou BR-230 no sul do Estado do Amazonas na fronteira com Rondônia: a morte do último cacique tradicional, Ivan, e a criminalização da etnia como um todo, através da mídia, que os acusava do sequestro e morte de três homens em represália ao primeiro fato, apontando motivos de vingança selvagem, misturando tudo a relatos fantasiosos eivados de preconceito com ampla divulgação na imprensa televisiva e através da *internet*. Nos quase quarenta dias que passaram-se, entre o desaparecimento das três vítimas e o encontro de seus corpos, a ação midiática extrapolou as fronteiras da informação jornalística, acabando por condenar previamente toda uma etnia, incitando o ódio e o racismo, fato que acabou culminando com a depredação de prédios públicos e invasão das aldeias no final de dezembro de 2013, e, possivelmente influenciando de modo forte a investigação policial que seguiu-se no mês de janeiro de 2014, a qual, através de meios questionáveis, acabou por indiciar cinco indígenas Tenharin como prováveis autores do crime, sem provas cabais, os quais permanecem presos e alijados de seus lugares de

pertença desde então. Quase um ano depois, e, com o início do julgamento dos referidos indígenas, o fato está sendo levado à OEA, pela estrutura kafkaniana com que se desenvolveu o processo. Dessa forma, procura-se refletir, através desse estudo de caso, sobre as implicações e conseqüências da responsabilidade jornalística na incrementação do estigma étnico em tempos de ruralismo exacerbado em território nacional, a partir do conceito de Transmídia preconizado por Henry Jenkins em sua obra: *Convergence Culture - Where Old and New Media Collide* (2006), bem como, o papel das redes sociais e a contribuição do *cyberbullying* para a formação de uma “faixa de gaza” na Amazônia brasileira.

FOTOGRAFIA E RELATO ORAL: LINGUAGENS DA MEMÓRIA E PRODUÇÃO DA HISTÓRIA

Maria do Socorro de Sousa Araújo (Orientadora)

Ludmila Araújo Benvenuti

Este trabalho pretende estudar o cotidiano das populações típicas da faixa de fronteira Brasil/Bolívia, utilizando especialmente a fonte oral e a fotografia como suporte de pesquisa. O enfoque das reflexões é a invenção das práticas cotidianas percebidas como condições culturais que produzem as vivências individuais e coletivas por meio de alianças articuladas com outras comunidades (ou não). O registro fotográfico é a principal fonte documental tanto pelo valor das imagens, quanto pela relação estreita que há entre a fotografia e a história, e a fonte oral como memória humana enquanto testemunho vivido. Para Boris Kossoy (2001), a fotografia é uma forma de expressão cultural que produz aspectos singulares de um tempo que eternizam imagens e assim, incorporam significados sobre os eventos. Ana Mauad (2012), diz que a fotografia se constitui de espaços imagéticos onde se confluem o olhar do fotógrafo e um “‘dado do real” que captam conteúdos, expressões e simbologias. E a memória como presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, mas nunca em sua totalidade, mas parciais, em decorrência dos estímulos para sua seleção. Essas e outras leituras serão o suporte teórico para a pesquisa. A fotografia como registro de memórias das comunidades da fronteira, possibilita analisar e interpretar sentimentos e valores individuais e coletivos que permeiam as vivências das populações fronteiriças Brasil/Bolívia. Dessa forma, estudar imagens fotográficas e outras fontes documentais possibilita entender e explicar como as populações elaboram práticas sociais e culturais nesses territórios de fronteira, como lidam com os conflitos e tensões, com as adversidades do dia-a-dia, como criam formas para elaborar a sobrevivência diariamente, incluindo as lutas de resistências.

MORADORES DA FRONTEIRA: UM ESTUDO SOBRE A MIGRAÇÃO DE BOLIVIANOS EM GUAJARÁ-MIRIM

Odete Burgeile (Orientadora)

Magno Ferreira de Assis

Este trabalho tem como enfoque perceber a imigração boliviana, especialmente a que ocorre na região do Mamoré, entre as duas cidades gêmeas de Guayaramerín/Guajará-Mirim, evidenciando esta migração como um fator histórico no processo de constituição permanente da identidade das duas cidades, principalmente Guajará-Mirim, uma cidade que tem no seu contraponto boliviano uma importante fonte de mão de obra, cultura, e negócios, onde o imigrante boliviano é uma característica fundamental na sua formação sócio-econômica. A proposta deste artigo é analisar a imigração Boliviana para a região do Mamoré, mais especificamente a zona fronteira entre Guajará-Mirim e Guayaramerín. Buscando pelo prisma dos Estudos Culturais analisar o processo de imigração e suas implicações culturais, identitárias e sociais.

MASSACRE DE CORUMBIARA: UMA AÇÃO DA HISTÓRIA DO VAZIO E O VAZIO DA HISTÓRIA NAS FRONTEIRAS DA CULTURA AMAZÔNICA

Mauro Antônio dos Santos

O presente texto é uma análise reflexiva acerca das contradições do discurso oficial e dos discursos dos movimentos sociais como elementos constitutivos do massacre de Corumbiara ocorrido em 1995. O olhar dessa reflexão se faz sustentada pela concepção dos estudos culturais através do conceito de cultura de Hall e Boaventura, sistematizado pelas análises da sociologia rural com Martins. Sendo a terra e o camponês os protagonistas do conflito, ambos os discursos se mostram muito distante das práxis a que se propõem, pelo fato de desconhecerem os elementos fundantes da cultura dos camponeses no espaço Amazônico. Na primeira seção, uma breve análise da evolução constitucional do direito a terra tendo como base o princípio da separação entre costume e o direito como marco inicial de controle da propriedade da terra pelo poder dominante, bem como, a distância entre direito e o acesso ao direito a terra na contemporaneidade. Na segunda seção, abordamos os discursos oficiais do Estado na construção simbólica do imaginário como base para a colonização da Amazônia através das frases de efeito como “vazio amazônico” e “terras sem homem para homens sem terra”. Na terceira seção abordamos as bases ideológicas dos discursos dos supostos movimentos de suporte aos camponeses envolvidos no conflito em Corumbiara e sua relação com a cultura camponesa. Tal como, o discurso do judiciário representado nos autos através das sentenças do julgamento do Massacre.

RELAÇÃO ENTRE O IMAGINÁRIO MÍTICO E A INFÂNCIA EM ÓRFÃOS DO ELDORADO

Rafael Rodrigues da Cunha (UNIR)

Joziane Pinto Ferreira (UNIR)

Este resumo objetiva demonstrar e analisar sob a ótica da teoria literária as relações míticas e da infância presentes na novela *Órfãos do Eldorado* de Milton Hatoum. Explorando os conceitos de mito traçaremos uma linha de contato com o universo da imaginação que constitui um elemento de criação característico da infância. Seja de modo a expressar situações de ordem negativa ou traumática, seja para revigorar a

memória e valorizar a identidade. Trabalho justificado a partir da necessidade de se realizar mais estudos acerca da literatura produzida na Amazônia, ou utilizando a como cenário. Assim todas os valores estéticos e sociais da região amazônica são palcos de reveladores ambientes brasileiros. Com intuito de expandir e publicizar os autores e pesquisas realizadas com a temática amazônica. Utilizaremos a metodologia de leitura, estudo e análise crítica das obra em questão através de consultas a acervos físicos e virtuais. A fundamentação teórica para a análise crítica das obras terá como suporte Roland Barthes, Tzedan Todorov e Mielitinski. Buscaremos definir conceitos sobre mitologia, teorizando a presença desse elemento como parte da redoma criativa do imaginário infantil. É parte desse trabalho reconhecer e identificar a regularidade do discurso e/ou da construção literária mítica relacionada com a infância em outras obras da literatura. Espera-se com este trabalho contribuir com o debate em torno dos estudos e com a crítica literária sobre o tema amazônico e seus subtemas, ou seja, aqueles que estão ao redor da grande área de estudos que é a literatura produzida na Amazônia. Objetivamos especificamente a produção de um artigo científico para ser publicado nos anais do I Congresso - Métodos: objetos míticos, insólitos e imaginários, evento científico realizado na Universidade Federal de Rondônia, no período de 08 a 10 de Abril de 2015.

Simpósio

**Literatura, Representação e Resistência: Estratégias de Narrativas
como meio colonização e descolonização**

Coordenadores: Prof. Dr. Miguel Nenevé (UNIR) Prof.^a Dra. Simone Souza
Lima (UFAC)

**AMAZÔNIA PARA OS BRASILEIROS: ANÁLISE DO DISCURSO DE
INTEGRAÇÃO DA AMAZÔNIA AOS INTERESSES NACIONAIS
BRASILEIROS PRESENTE NA OBRA “A AMAZÔNIA E A COBIÇA
INTERNACIONAL” DE ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS.**

Alexandre Pacheco (Orientador)

João Lucas Proença da Silva

Este trabalho tem por objetivo analisar os escritos do historiador e ex-governador do estado do Amazonas Arthur Cezar Ferreira Reis, mais precisamente em sua obra A Amazônia e a cobiça internacional (1960), visando percebê-lo como mais um intelectual de sua época imbuído por um sentimento patriótico e nacionalista sobre a região do Amazonas, região esta que, no próprio discurso do autor, rica em potenciais econômicos para a própria “nação” brasileira. Para isso nos lançaremos em análise da obra já mencionada e de outros artigos que tratam dos discursos de intelectuais de sua época que, assim como ele, legitimam o processo de ocupação da Amazônia recente. Em sua obra, Arthur C. F. Reis chega mesmo a afirmar que caberia aos “brasileiros” continuarem o que os portugueses e depois luso-brasileiros fizeram, a saber, defendê-la

das forças “usurpadoras” e impulsioná-la para o desenvolvimento, tirá-la do esquecimento e integrá-la aos ideais nacional-desenvolvimentistas que ganhariam destaque no discurso político e nacionalista pós década de 1930. Neste sentido, observamos que Reis, ao defender em suas obras a necessidade de uma inserção da Amazônia ao restante do Brasil (nacionalizá-la), denuncia e alerta seus contemporâneos para as supostas generosidades das potências europeias (Inglaterra, Holanda e França) e EUA. Todavia, ao contextualizar os posicionamentos do referido intelectual com nossas reflexões nas décadas de 1950 e 1960, percebemos na recepção delas a sua devida apropriação aos vários mecanismos estatais que visavam a integração da região amazônica a uma economia capitalista mais intensa e eficaz, podendo fazer menção ao SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia), SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia), BASA (Banco da Amazônia) e Superintendência da Zona Franca de Manaus como algumas das medidas (de intervenção) estatais que visavam a efetiva inserção da mesma ao restante da economia nacional.

SOBRE O TRAÇADO DA ESCRITA LIBIDINOSA E TRANSGRESSORA EM CORONEL DE BARRANCO, CLAUDIO DE ARAÚJO LIMA

Simone de Souza Lima (Orientadora)

Adriano Araújo Pereira

Este trabalho apresenta uma breve discussão, com destaque às transgressões sexuais e a forma de vida que era submetida o seringueiro, lembrando sempre que tais transgressões sexuais são retratadas na ficção “Coronel de Barranco”, de Claudio de Araújo Lima. Sob *a perspectiva da sexualidade* na Amazônia abordada no livro *Coronel de Barrancos* descreveremos a vida do seringueiro condenado ao trabalho escravo nas isoladas estradas de seringa, na qual imperava a solidão e a carência sexual pela falaciosa ausência da mulher no ambiente do seringal. Através de uma escrita de certa forma focada em relatos de seringueiros e seringalistas sobre aspectos da intimidade dos homens no mundo dos seringais, o narrador Matias Albuquerque consegue retratar esta territorialidade de forma a mostrar a vida sofrida e a solidão dos homens que lá viviam escravizados pelos seringalistas; coronéis da borracha, que apesar de tudo também eram, em alguns casos, submetidos á abstinência feminina forçada, visto que, também ficavam reclusos nos seus domínios de seringa, esperando o batelão (navio) de cada nova cheia que traziam os aviamentos, oportunidade em que podiam ir para Manaus, cidade que vivia sua *belle époque* transsubstanciada pela luxúria eloquente advinda dos ganhos da exportação da borracha, que possibilitava aos coronéis os mais diversos requintes. O romance “Coronel de Barranco” (1970), e uma obra literária dividida em três partes – denominadas, as sementes, as árvores e as cinzas. Os fatos narrados no romance ocorrem entre 1876 a 1926. Matias Albuquerque, o personagem e narrador é quem nos conta a história do mundo dos seringais e suas redes internacionais, através da sua empreitada aventureira pelo mundo movindo pela ganância da extração do borracha.

A REPRESENTAÇÃO DOS MONSTROS NA LITERATURA DE MASSA – UMA LEITURA DE SANGUE QUENTE E DEIXA ELA ENTRAR À MARGEM DO CÂNONE

Simone de Souza Lima (Orientadora)

Aldeir Paiva de Oliveira

Com o trabalho *A Representação dos monstros na literatura de massa – uma leitura de Sangue Quente e Deixa Ela Entrar à margem do cânone* partimos da seguinte indagação – porque a literatura de massa atrai os jovens no contemporâneo? A nosso ver, um dos principais motivos que atraem os jovens à literatura de massa é a facilidade de leitura. Queiramos ou não, a literatura erudita exige de seu público certo nível de competência para uma boa e compreensiva leitura. A literatura popular se utiliza de um vocabulário mais simples que condiz com a realidade dos jovens de hoje, numa postura nitidamente à margem do cânone. Não que nossos jovens não tenham a capacidade de aventurar-se em leituras mais complexas, mas o “complexo” nem sempre é tido como forma de entretenimento, e é isso que a literatura de massa é para os seus leitores no contemporâneo. Examinaremos aspectos da literatura de massa nas obras *Sangue Quente*, de Isaac Marion, e *Deixa Ela Entrar*, de John Ajvide Lindqvist. Para realizar este trabalho foi fundamental a contribuição de Daiane da Silva Lourenço, com sua pesquisa sobre *Literatura e mercado de consumo de narrativas em língua inglesa por jovens brasileiros*. Em relação ao aporte teórico/metodológico, nos foi importante a contribuição de teóricos da Teoria Pós-Colonial, na abordagem que fizemos das obras analisadas. Existem, além dessas, várias outras contribuições à margem teórica do cânone, como dicionários de literatura e dicionários de símbolos.

AS MÁSCARAS DA COLONIZAÇÃO E AS ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA E DESCOLONIZAÇÃO NO POEMA “MANUELZINHO” DE ELIZABETH BISHOP

Miguel Nenevé (Orientador)

Alex Santana Costa

Neste estudo, disponibilizamos uma análise pós-colonial do poema “Manuelzinho”, de autoria da poeta estadunidense Elizabeth Bishop. Como suporte teórico à referida análise, utilizamos cinco de suas cartas alusivas a esse poema e escritas no período de 1956 a 1970, bem como alguns críticos pós-coloniais tais como Frantz Fanon, Aimé Césaire, Edward Said, Albert Memmi, entre outros. A partir dessa perspectiva pós-colonialista, observamos que Bishop transfere seu olhar da natureza para direcioná-lo ao ser humano, Manuelzinho, homem simples que morava de favor junto com sua família no sítio de Maria Carlota (Lota, identificada no poema como uma amiga da poeta), em Petrópolis. A poeta estadunidense utiliza a fala de sua amiga como uma espécie de máscara, a ser utilizada como recurso de colonização explícita, para poder extravasar de modo claro num poema os sentimentos contraditórios que lhe inspira o “atraso” brasileiro. Trata-se de uma mistura de apreço, afeto, condescendência e irritação. A máscara utilizada por Bishop para pintar o retrato do posseiro apenas embasa a nossa

ideia de que a colonização tem múltiplas facetas e que o leitor precisa estar consciente a respeito disso para que seja possível criar estratégias de descolonização. Diante desse cenário, acreditamos ser necessária uma crítica à postura colonizadora de Bishop em relação a Manuelzinho, uma vez que o discurso da poeta não aponta apenas a pessoa dele, mas o povo brasileiro de uma forma geral, representado pela figura do posseiro. Seria uma espécie de reinterpretação do discurso colonial, com a finalidade de descolonizar a mente dos leitores; promovendo transformações na forma como eles interpretam obras do cânone europeu. Na verdade, muitos brasileiros que residem nas grandes metrópoles do sul e sudeste do Brasil corroboram esse jargão colonialista de que a Amazônia, por exemplo, é repleta de “Manuelzinhos”, quando afirmam que “é tudo desse jeito, feio e inóspito”, ou “isso não muda nunca nessa terra de selvagens”.

FRONTEIRAS INTERCULTURAIS, LIMIARES PLURAIS – FRICÇÕES DO LOCAL E GLOBAL EM DOIS IRMÃOS, DE MILTON HATOUM

Amilton José Freire de Queiroz

Ezilda Maciel da Silva

Palco de produção, recepção e circulação de contatos interculturais, *o romance Dois irmãos (2000)* estampa a travessia do narrador mediador Nael, cartografando os vestígios da poética da relação entre Ásia, Europa e América. O olhar desse narrador multifacetado dirige-se para os horizontes culturais do Líbano, Brasil, Índia e França, pátrias imaginárias interconectadas e friccionadas no encontro entre os libaneses Galib, Halim e Zana, o indiano Rochiram, o francês Antenor Laval, os brasileiros Omar, Yaqub e Domingas. O suporte teórico-metodológico que baliza a proposta assenta-se na direção das reflexões de Boaventura de Sousa Santos, Walter Dignolo, Edward Said, Homi Bhabha, Tania Carvalhal, Benjamin Abdala Junior e Hugo Achugar. Tendo em mira a concepção de que as fronteiras do saber não precisam ser de separação, mas sim de aproximação, tensão e diferença reveladora de pontos de intersecção, coteja-se, finalmente, sobrelevar a feição transnacional das cartografias narrativas hatouniana - lugares móveis por onde transitam vidas, imaginários e experiências reveladoras de diálogos e fricções interculturais que apontam para o fortalecimento do cenário crítico da (geo)grafia das identidades transculturais.

RESISTÊNCIA EM NARRATIVAS PÓS-COLONIAIS: O FEMININO EM MIA COUTO E JOSÉ POTYGUARA

Simone de Souza Lima (Orientadora)

Ana Beatriz Santos dos Anjos

O que há de comum entre a produção literária/cultural africana e a produção literária/cultural amazônica? Ancorados na literatura comparada e no comparatismo solidário - termo cunhado por Benjamin Abdala Júnior - nos debruçamos a traçar linhas imaginárias de semelhanças e dessemelhanças entre a literatura africana e a amazônica. Na tentativa de responder esse questionamento acima, fizemos uma análise da obra *A confissão da leoa* do escritor africano contemporâneo Mia Couto, seguida de uma análise da obra *Terra Caída* do escritor José Potyguara. Na obra miacoutiana

mergulhamos no universo africano, e assim, conhecemos os imaginários desse povo tão plural e heterogêneo. Identificamos que na narrativa a sociedade e a família são predominantemente patriarcais, somado a força da religião à mulher africana é severamente subjugada, pois, as personagens dependem da figura masculina para terem sua identidade afirmada, ou seja, só são consideradas pessoas no seio familiar. Por conseguinte, a literatura amazônica de José Potyguara, denuncia a exploração sexual das mulheres amazônicas a partir do segundo ciclo da borracha. Nessa obra, as personagens são objetos de satisfação sexual dos homens e consideradas mercadorias de troca, sendo, comercializadas pelo patrão do seringal. Na tentativa de estabelecer semelhanças, percebemos que em ambas as narrativas a representação da mulher é colocada de maneira estereotipada, ou seja, tanto a mulher africana como a mulher amazônica são representadas como símbolo da maternidade, relegadas aos afazeres domésticos e subjugadas pelo pai ou marido numa sociedade predominantemente patriarcal. Ademais, em ambas as narrativas as mulheres são vítimas de exploração sexual, encontramos, pois, cenas de incestos e estupros que as personagens sofrem ao decorrer das narrativas de Couto e Potyguara. Portanto, a partir dessas considerações, cabe problematizarmos as representações da mulher em ambas as literaturas com base na contribuição das teorias de gênero e feministas.

OS RESQUÍCIOS DO COLONIALISMO NO ROMANCE *GALILEIA*

Milena Cláudia Magalhães Santos Guidio (Orientadora)

Carla Piovezan da Silva

O propósito deste trabalho é analisar o último romance do escritor contemporâneo Ronaldo Correia de Brito intitulado *Galileia* (2009), a partir das passagens que abordam tematicamente a questão do pós-colonialismo, tendo como foco as personagens: Adonias, Ismael e Davi. A cena literária contemporânea apresenta uma continuidade dos traços específicos das décadas anteriores que vem chamando atenção por meio da retomada inovadora de certas formas e temas, como por exemplo, a sobrevivência do realismo regionalista (SCHOLLHAMMER, 2009). Nesse sentido, em algumas das obras consideradas regionalistas, podemos verificar a problematização em torno do pós-colonialismo. No romance *Galileia*, tem-se a tensão ainda sobre o olhar do colonizador ao colonizado. O sertão criado por Brito dá espaço à história de três primos que reconstruíram suas vidas no exterior, distante de Galileia, e se veem visitando o avô à beira da morte. Nesse retorno a Galileia, são obrigados a rememorar suas aflições do passado, revivenciar os segredos e as traições familiares e a refletir sobre suas vidas no exterior. Dessa forma, o romance permeia em torno da “quase” morte de Raimundo Caetano, o patriarca da família. As personagens se (re)descobrem através de novas perspectivas, se observam a partir de um lugar incomodo, pois presenciam uma tradição em ruínas que desmistifica a noção do espaço. Logo, observamos que no romance o espaço sertanejo é difundido pela globalização, porém o pós-colonialismo é assunto de discussão na narrativa, sendo assim, os mecanismos estéticos dão viabilidade a uma análise mais atenta sobre essa vertente.

**PAULINE MELVILLE E A VOZ AMERÍNDIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES
SOBRE A MITOLOGIA AMERÍNDIA NA OBRA *A HISTÓRIA DO
VENTRÍLOQUO***

*Miguel Nenevê (Orientador)
Chirlane Nobre Belo Amorim*

O objetivo deste estudo é analisar a oralidade e os mitos inseridos na tessitura do romance *A História do Ventríloquo* da escritora Pauline Melville, sob o viés dos teóricos da linguagem – Walter Benjamin, Mikhail Bakhtin, Giorgio Agamben entre outros e das teorias do pós colonialismo como Frantz Fanon, Albert Memmi, Louise Pratt, Homi Bhaba. Sugerimos que a forma como os mitos são apresentados traz uma fenda de luz – o contra discurso – ao discurso do colonizador.

**POR UMA POÉTICA DESCOLONIAL: *SHE TRIES HER TONGUE, HER
SILENCE SOFTLY BREAKS* (1989) DE MARLENE NOURBESE PHILIP**

Cláudia Maria Fernandes Corrêa

Segundo a escritora afro-caribenho-canadense Marlene Nourbese Philip (1997, p. 131) um tema escolhe o autor e não o contrário. Se de fato a afirmação é verdadeira como acreditamos ser, podemos afirmar que a escrita de Philip é um exercício de descolonização. Inovando tanto na forma quanto no conteúdo, com poemas não lineares e espaços em branco usados com um propósito claro de subversão da lógica eurocêntrica, Philip dá luz às relações de colonialidade, isto é, a presença de um legado eurocêntrico, nos discursos das Ciências e do conhecimento. Escrevendo a partir do Canadá, porém um olhar voltado para o Caribe e para a diáspora africana, para a América e seus desdobramentos, Marlene Nourbese Philip, por meio de suas obras, instaura o seguinte questionamento: a partir de qual perspectiva os discursos de inferiorização e dominação são construídos? Nesse sentido, esta comunicação cartografará o labor literário da autora na obra *She tries her tongue, her silence softly breaks* (1989) como exemplo de uma obra política, que busca descolonizar a história da escravização, exibindo como a colonialidade do poder sustenta e ratifica os discursos eurocêntricos construídos a respeito dos sujeitos subalternos a partir da diferença que narra os silêncios impostos pelo poder eurocêntrico e que propicia visibilidade a parcela daqueles sem parcela.

RECUSA- POR UMA DRAMATURGIA “OUTRA”

Dhaniel Graziane Ruggio

Este trabalho apresentará as estratégias formais usadas pelo autor Luis Alberto de Abreu e pela Cia Balagan de teatro na criação do texto teatral Recusa. Recusa parte de uma notícia de jornal, publicada na Folha de São Paulo, que noticiava sobre dois índios isolados de uma quase extinta tribo indígena que recusavam qualquer contato com não índios, inclusive funcionários da FUNAI. Após isso a Cia mergulhou na cosmovisão ameríndia e através de diversos processos, dentre eles realizar uma pesquisa de campo em Rondônia com o povo indígena Suruí Paiter, estabelecendo com eles uma troca

cultural, chegou ao resultado literário que se transformou, obviamente, em uma encenação. Serão objetos do presente trabalho; os modos de narração, a sonoridade e outros modos de construção verbal (como a desestruturação da língua portuguesa, quando falada pelos indígenas). Esse olhar contará com o apoio teórico das “Dramáticas do Transumano” de Roberto Alvim que busca evocar uma escrita fora dos moldes convencionais e dos panoramas culturais hegemônicos

UMA REPAGINAÇÃO DA HISTÓRIA NA ESTRUTURA FICCIONAL EM O OUTRO PÉ DA SEREIA, DE MIA COUTO

Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina

O diálogo que Mia Couto estabelece entre a História e a ficção no seu projeto de escrita configura-se uma estratégia discursiva que marca significativamente sua produção literária, de forma mais específica na construção do romance *O outro pé da sereia*. Construído a partir desse diálogo, o romance se destaca devido à carga simbólica que traz na reconstrução ficcional da história da colonização portuguesa em Moçambique, por meio da recriação de cenários e da reconstrução das vozes que compõem a narrativa. Tal processo criativo se concretiza na elaboração de uma tessitura enviesada com elementos que evocam a História e que compõem o universo ficcional da obra. Nessa proposta de revisitação do passado, o autor reveste de significados o papel da literatura na reescrita poética da História. Considerando os diversos fios que se entrelaçam no recontar da história pela ficção, propõe-se fazer uma abordagem acerca do processo de criação da narrativa, a partir das estratégias utilizadas pelo autor na composição da estrutura do romance. Ao projetarmos o foco para a arquitetura temporal em *O outro pé da sereia*, visualizamos a execução de um tempo dinâmico capaz de revelar, por meio de suas diferentes manifestações, outros componentes da narrativa que para ele convergem. Emoldurada nessa configuração, a disposição temporal do romance processa-se por meio da alternância de duas narrativas paralelas que constituem sua estrutura formal, permitindo, ainda, que ao lado das histórias principais, o romance tenha outras secundárias. Organizadas nessa feitura, as narrativas são desenvolvidas a partir da alternância de dois planos temporais: o primeiro, o tempo presente, encena suas ações no século XXI, em dezembro de 2002; o segundo plano, encenado em 1560 retoma o passado histórico quando as ações recaem sobre o processo inicial da colonização de Moçambique no século XVI.

TASTEVIN E O LENDÁRIO AMAZÔNICO

Humberto de Freitas Espeleta (Orientador)

Glidia de Andrade Tojal

Este trabalho tem como objetivo principal relatar as pesquisas etnográficas do missionário Constant Tastevin pelas paragens amazônicas no período em que esteve na região amazônica entre os anos de 1905 – 1926. Nesse período, o missionário e também pesquisador trabalhou na prelazia de Tefé, também realizou pesquisas na região do

Purus, se detendo principalmente na descrição das línguas e em outros aspectos da rica cultura dos povos daquela bacia amazônica. Entretanto, a maior contribuição de Tastevin se deu no campo linguístico e na recuperação do lendário indígena dos Kaxinawás. Nesse aspecto, no recorte que fizemos do estudo da *lenda de Boiaçu* nos debruçamos na contribuição do missionário para a recuperação da versão doada pelos indígenas e ribeirinhos para o traçado visual dos rios, cujos leitos traçam desenhos sinuosos, segundo a lenda trabalhada por nós. Quanto ao aporte/teórico metodológico utilizado na elaboração do trabalho, é ele oriundo da área da etnografia, da teoria literária e dos estudos pós-coloniais. O aporte indicado funciona como importante base teórica nas discussões que estabelecemos sobre o colonialismo e os processos de descolonização das culturas indígenas e ribeirinhas. Ao contar a história da *Cobra Grande* segundo a recepção de Constant Tastevin, temos a oportunidade de refletir sobre uma narrativa repleta de mistérios que nos leva aos horizontes da cultura amazônica, temos a oportunidade de mergulhar nas profundezas das águas dos rios da Amazônia, revendo processos de fundação dos tortuosos rios de nossa região.

A INFLUÊNCIA DA CULTURA INGLESA NA LITERATURA NORTISTA EM CORONEL DE BARRANCO DE CLAUDIO DE ARAÚJO LIMA: COLONIALISMO E PATRIARCADO

Margarete Edul Prado de Souza Lopes (Orientadora)

Janaina Ribeiro Rodrigues

Nesta comunicação, apresentamos uma análise da influência da cultura inglesa e seus costumes na formação da elite nortista, as famílias de coronéis de barranco. Selecionamos como objeto de estudo o romance *Coronel de Barranco*, de Cláudio Araújo de Lima, que além de conter traços do romance tradicional burguês, apresenta também a força da influência do colonizador na vida dos seringais. Buscamos ler nessa narrativa qual foi o impacto das relações com o colonizador na economia da região e na sociedade. Como homens e mulheres se pautavam pelas modas europeias e pela cultura estrangeira, sem valorizar as tradições locais ou ao menos olhar a cultura cabocla e indígena. Como viés teórico, foi adotado Edward Said, Helena Hirata e Lucia Ozana Rolin.

O FEMININO NAS FRONTEIRAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Simone de Souza Lima (Orientadora)

Jeissyane Furtado da Silva

A voz e a presença da mulher indígena na literatura traduz a situação na realidade latino-americana (e Amazônica, em particular). Um ser duplamente marginalizado – por sua condição e gênero, a mulher indígena é silenciada em sua função social, que a subjulga pela figura paterna desde o ambiente familiar. Entretanto, apesar do forte patriarcalismo peculiar às culturas latino-americanas, que a reduz ao cenário doméstico e à misticidade, a História a põe como mito fundador de um lugar dado como sem história, mesmo que nele já vivesse um povo fincado em sua ancestralidade. É o que tentaremos mostrar analisando recortes de percursos das personagens *Pachamama*,

Pocahontas, Malinche, Iracema e Corina. Retiradas de narrativas literárias, estas personagens não são apenas alguns nomes femininos que originam releituras da figura da mulher na América Latina. Elas se configuram como mulheres que em suas histórias, seja no âmbito cultural ou histórico, tomaram decisões que exigiam inteligência e resistência para determinar o futuro de seu povo e de sua nação, na medida em que a maioria é mãe dos primeiros mestiços, no plano simbólico. No entanto, aqui nos fixaremos na trajetória de Iracema (num contexto brasileiro mais amplo), e à personagem Corina (no contexto amazônico). Os textos em tela foram abordados a partir de um ponto de vista teórico/metodológico oriundo dos postulados pós-coloniais, especialmente a partir da leitura de *Resistência e Intervenção nas literaturas pós-coloniais* de Thomas Bonnici; de termos pós-coloniais organizados por Zilá Bernd, em *Dicionário de Figuras e Mitos Literários da América*; e das considerações de Tzvetan Todorov, que tece a representação da mulher indígena no primeiro contato entre colonizador/colonizado em *A Conquista da América*.

O CRIME DO TAPUIO: O FEMINISMO E A ALTERIDADE RACIAL

Ezilda Maciel da Silva (Orientadora)

Simone de Souza Lima (Orientadora)

Joyce Marcela de Souza Soares

O conto “O crime de Tapuio” faz parte do livro *Cenas da vida amazônica* de 1886, que retrata os costumes, a identidade amazônica e a exploração dos índios, os quais não foram beneficiados com a lei do ventre livre de 1871. Caso Benedita, a criança extremamente explorada fosse negra estaria “liberta” pela lei áurea que “libertou” os escravos negros em 1888, isso porque, segundo Santos e Menezes o legal e o ilegal são para os que estão dentro da lei, os que estão fora dela são sub-humanos que são inexistentes como ser humanos, mas crucial como mercadoria-objeto e usufruídos pela sociedade, é isso que retrata a obra de José Veríssimo. Na maioria das sociedades as mulheres são desvalorizadas e correspondem a objeto de prazer do homem, porém, não é apenas isso que esse trabalho quer mostrar, mais aprofundar o “subalterno” em consideração a raça, etnia, colonizador e nativo. É mostrar que a mulher é subjugada, porém, por trás dela, acarreta todo um discurso de alteridade decorrente da valorização racial perante a raça/etnia e colonizador/nativo. As personagens Bertrana, Benedita, a rapariga que convivia com Felipe Arauacu e a índia Tapuia de meia idade, o que todas elas têm em comum é o fato de ser mulher, Bonnici afirma que se o homem foi colonizado, a mulher, nas sociedades pós-coloniais, foi duplamente colonizada. Dessa forma a mulher sempre esteve subjugada a um poder moral idealizado pelo dominador, o homem, Duplessis afirma que uma mulher da colônia é uma metáfora da mulher como colônia. Portanto, a mulher é subjugada, porém, ela carrega a alteridade de sua classe dominante, representado na sua forma de contato com o outro inferior a ela

**À EXPERIÊNCIA DA REDE BANZEIRO: LINGUAGENS MUSICAL E
POÉTICA, EVIDENCIANDO POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIAS NAS
IDENTIDADES DA ARTE ACREANA**

Kelen Pinto Mendes

Vivemos em um mundo onde as fronteiras foram derrubadas, pela velocidade tecnológica, pelo desenvolvimento das redes e pela globalização cultural. Novas identidades são necessárias, em um cenário de inseguranças, onde as identidades, fixas e imutáveis, já não servem as atuais sociedades. Nesse contexto, o cenário é propício para a observação, da experiência desenvolvida pela “Rede Banzeiro”, um coletivo de artistas, prioritariamente, músicos, que se agrupam a priori, para buscar meios de impulsionar a produção musical do lugar. Formado por quatro grupos: Baques do Acre, Baquiry, Marujada do Brig Esperança e Jabuti Bumbá Marupiara; no ano de 2012, iniciou um processo de conversas sobre a criação de uma rede não virtual, orgânica, de artistas dispostos a trabalhar integradamente, promovendo uma potencialização, de parte da produção musical do local. A proposta inclui oficinas artísticas para estudo e ensaios do material dos grupos, cuja apresentação principal, acontece no encontro anual, que iniciou em 2013, durante o carnaval brasileiro, festa conhecida mundialmente, por apresentar as manifestações populares do país. Propomos uma reflexão sobre a experiência da “rede banzeiro”. A rede pode dar forma e conteúdo para discussões acerca de aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais. A rede como espaço de construção de identidades de resistência. Pretendemos conhecer melhor a relação entre as linguagens (música e língua – falada e escrita) estudando os grupos da Rede, analisando os contextos sociais das comunidades envolvidas e suas identidades; descrevendo detalhes sobre os grupos; analisando os meios de produção e difusão e chamando atenção para a necessidade de políticas públicas para a produção cultural, com foco em identidades de resistência. Teóricos como Cassells, Bhabha, Bazerman e Hall, dão o suporte teórico inicial para o diálogo. A Rede pode ainda, servir como inspiração, aos movimentos sociais culturais.

**UM PASSEIO PELAS FRONTEIRAS IMAGINÁRIAS DO INFERNO – UMA
LEITURA PÓS-COLONIAL DO CONTO *O DIABO QUE ASSOVIAVA* DE JOÃO
UBALDO RIBEIRO**

Simone de Souza Lima (Orientadora)

Kelvin Willians Vale da Silva

Este trabalho tem por objetivo principal efetivar um passeio pelas infindas fronteiras imaginárias da satírica temática do inferno presente no conto *O Diabo que Assoviava*, do escritor, jornalista, roteirista e professor brasileiro João Ubaldo Ribeiro. Antes de discutir o referido conto a partir do aporte teórico/metodológico pós-colonial utilizado na construção deste trabalho, discutiremos de forma breve alguns dos percursos que constituem todo o processo de evolução da literatura brasileira, com maior destaque para sua diversidade cultural/social desde seu processo de colonização – retomando, para tanto, a carta de Pero Vaz de Caminha, considerada a certidão de nascimento do

Brasil. Dando sequência ao nosso trabalho, dialogaremos com a obra *Macunaíma*, importante Romance de um dos maiores influenciadores da literatura moderna brasileira, Mário de Andrade, com a intenção de estabelecer pontos de ligação entre a visão de inferno tecida pela cultura judaico-cristã, retratada de forma irônica e divertida no conto estudado. Além desse passeio pelos caminhos que constituem a história da literatura brasileira com seus principais escritores fundadores, nos servimos também deste trabalho como forma de homenagear por sua irreverência, talento único, e por sua excelência, um dos grandes escritores romancistas brasileiros, recentemente falecido – João Ubaldo Ribeiro e seu expressivo *O Diabo que Assoviava*.

AS REPRESENTAÇÕES LINGÜÍSTICO-CULTURAIS DA COMUNIDADE SURDA NA NARRATIVA ADAPTADA ADÃO E EVA

Wany Bernadete de Araújo Sampaio (Orientadora)

Larissa Gotti Pissinatti

O reconhecimento da Língua brasileira de Sinais foi um dos acontecimentos no século XIX que contribuiu para o fortalecimento das expressões lingüístico-culturais da comunidade surda, dentre elas, as narrativas traduzidas, criadas e/ou adaptadas. A narrativa adaptada *Adão e Eva*, de Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa (2011), apresenta traços lingüístico-culturais da comunidade surda: os personagens falam em sinais, Deus cria o mundo tendo como língua a Língua Brasileira de Sinais e conversa em LIBRAS com os personagens. O pecado original é iniciado quando Adão e Eva passam a esconder as partes íntimas com as próprias mãos e, impedidos de usarem as mãos, precisam usar a boca para se comunicar por meio da língua falada. Sob a perspectiva da literatura pós-colonial, o presente trabalho apresenta uma análise da narrativa adaptada para surdos *Adão e Eva*, observando as representações lingüístico-culturais presentes no texto; a análise proposta se baseia nos pressupostos teóricos de Homi K. Bhabha, o qual compreende a cultura como espaço de relações de poder, de forma que a literatura se torna um terceiro espaço, revelando as ambivalências culturais e se tornando uma forma de apropriação lingüística. Além disso, o trabalho traz um estudo topoanalítico do texto, o que permite perceber a caracterização dos personagens e do ambiente, assim como aspectos culturais valorizados no espaço da narrativa.

A MULHER SEM PAR: REPRESENTAÇÕES FEMININAS DE SUBMISSÃO X RESISTÊNCIA, EM ANGELES MASTRETA, ROBÉLIA FERNANDES E FLORENTINA ESTEVES

Margarete Edul Prado de Souza Lopes

Neste artigo, o objetivo foi descrever e analisar personagens femininas símbolos da submissão nos tempos do patriarcado, nas décadas de cinquenta, versus o comportamento das “mulheres sem par” nos últimos anos do século XX e nestas primeiras décadas do século XXI. Elas saíram da situação de subordinadas aos mandos e desmandos dos pais e maridos, para a conquista da autonomia financeira e de estado civil. Aqui denominadas de “mulheres sem par”, termo criado por Elaine Showater,

autora que foi adotada também como viés teórico. Além dela, utilizamos também Salete Rosa Santos e Ivia Alves como teóricas dos estudos de gênero e literatura. São estudadas três narrativas curtas de escritoras acreanas: um conto do livro *Conversa Afiada*, de Robélia Fernandes de Souza, publicado em Rio Branco, em 1996; duas narrativas de Florentina Esteves, do livro *Enredos da Memória*, de 1993; comparados a um conto de Angeles Mastreta, escritora mexicana, no livro *Mulheres de Olhos grandes*. As autoras conduzem a/o leitor(a) a refletir que a sociedade vive e se organiza através de encontros e desencontros nas relações de gênero, que a família nuclear burguesa continua tendo peso de status na vida das mulheres sejam brasileira ou mexicanas. Apesar de muitas conquistas pelos direitos da mulher e promoção da igualdade de gênero, entramos o século XXI ainda subjugadas nos grilhões do patriarcado, do sexismo e do machismo, as desigualdades ainda predominam e as mulheres da atualidade criam resistências e buscam novas estratégias de autonomia e empoderamento.

FEMINIZAÇÃO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM XAPURI: MEMÓRIAS DE EXCLUSÃO E RESISTÊNCIA

Margarete Edul Prado de Souza Lopes (Orientadora)

Maria de Nazaré Uchoa Barroso

No meu trabalho de pesquisa de iniciação científica, para o período de 2014/2015, sob a orientação da professora doutora Margarete Lopes, fazemos o resgate das histórias de vida das professoras que marcaram, época na História da Educação no Acre, na cidade de Xapuri, tais como a Madre Gabriela Nardi, Rita Maia, Joana Amorim, e outras, cujos nomes batizaram algumas das escolas na cidade e na zona rural. Nosso objetivo, para além de colaborar para enriquecer a história da educação acreana, é descobrir as biografias, revelar a trajetória destas educadoras, sua contribuição e produção intelectual, resgatando as memórias dessas mulheres e tirando suas relevantes ações do anonimato. Muitas delas gostavam de escrever e mantiveram relações afinadas com a literatura ao longo de sua silenciada existência. Enquanto estivemos fazendo o levantamento dos dados, nos deparamos com a história das servas de Maria, no Colégio mais antigo de Xapuri: o Divina Providência, fundado em 1928 e esta história de resistência, bravura, determinação e exclusão das irmãs católicas descrevemos e analisamos nesta comunicação, pelo viés da teoria dos estudos de Gênero, utilizando textos de Margarete Lopes, Ivia Alves e Guacira Lopes Louro. O livro do falecido autor e senador Jorge Kalume, primeiro a historiar o Divina Providência, nos anos 1970, foi também fundamental para este artigo.

MITOLOGIA MADIJAS – UMA BREVE LEITURA DO TEXTO QUANDO FIZERAM O JACU GRASNAR

Margarete Edul Prado de Souza Lopes (Orientadora)

Maria Nalrizete da Silva Costa

Com o presente trabalho intentamos discutir um texto literário da cultura *Madija* intitulado *Quando fizeram o Jacu grasnar*, resultado de algumas reflexões feitas durante nosso mestrado. Antes, mostraremos o contexto de produção da cultura *Madija*, enfatizando que esse povo emerge a partir do processo de extração da borracha na Amazônia Sul ocidental que, como sabemos, tornou-se mais intenso por volta do século XVIII, e meados do século XIX, com a comercialização da borracha. A atividade exploratória desse produto natural tornou-se um laço estreito da ação civilizatória branca: marreteiros, ribeirinhos, caucheiros e os próprios seringueiros que faziam oposição ao contato com os povos indígenas. Os *Madija* eram obrigados a migrarem para outras regiões por serem considerados, segundo os padrões de algumas empresas seringalistas, pouco produtivos. Nesta narrativa os sentimentos de pertencimento estão expressos no desejo e na maneira como os fatos são conduzidos poder, desejo, posse, o momento histórico, bem como o desejo de manter o grupo coeso. A narrativa em questão nos permite observar situações, que sem ela, estariam esquecidas. Eles posicionam-se como moradores da floresta. Dessa maneira, deixam registrada a sabedoria que trazem ao longo da existência, uma sabedoria milenar. Na narrativa examinada estar em evidência às particularidades do grupo, os costumes, hábitos, as vivências diárias, historicidades. Ela fala da etnia em questão como moradores da mata daquilo que promove a unidade do grupo.

PROJETO PORONGA (ACRE): ENTRE O FRACASSO ESCOLAR E OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

Maria Regiana Araújo da Costa

Esta proposta de comunicação é um estudo de caso, em que apontamos algumas discussões sobre os processos de escolarização e letramento dos alunos egressos das classes do Projeto Poronga (Acre). Nessa discussão, damos um destaque as questões do fracasso escolar, como fenômeno contribuinte para a implantação das classes de aceleração da aprendizagem no Estado do Acre. Para a realização desta pesquisa tivemos como principal objeto de análise as entrevistas individuais de três alunos oriundos das turmas de aceleração da aprendizagem dos Anos Finais do Ensino Fundamental do Projeto Poronga, na cidade de Rio Branco (Acre). Trata-se de uma análise dos relatos de experiências produzidos pelos ex-alunos do Projeto Poronga desde os fatores que contribuíram para seu ingresso nas classes de aceleração às aprendizagens formais e informais, ocorridas dentro e fora da escola. Trazemos para o debate os aspectos socioeconômicos dos ex-alunos, os processos de escolarização obtidos nas práticas formais de ensino, num âmbito escolar e individual, e os eventos de letramento como uma prática social, constituída não necessariamente a partir de uma instrução formal, mas produzido continuamente pela sociedade como um todo, não sendo a escola a única fomentadora da produção de letramento. Como interlocutores para as reflexões teóricas acerca das práticas de letramento e os processos de escolarização, foram utilizados os trabalhos de Kleiman (1995), Rojo (2009), Tfouni (2010) e Marcuschi (2010). Nas questões do fracasso escolar tivemos contribuições de

Patto (1990) e Marchesi e Pérez (2004). Tais reflexões contribuíram para promover debates educacionais e sociais quanto a problemática da produção do fracasso escolar, dos eventos de letramento e escolarização vivenciados por esses sujeitos.

OS NOMES DE ORIGEM NORTE-AMERICANA EM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE RIO BRANCO

Antonietta Buriti de Souza Hosokawa (Orientadora)

Michely de Souza Lira

Esta pesquisa tem como objetivo estudar a influência da cultura norte-americana nos nomes próprios de crianças que estudam nas primeiras séries do Ensino Fundamental, no município de Rio Branco /Acre. Para conhecermos essa influência norte-americana faremos uma análise contrastiva, em um estudo posterior, com os nomes de pessoas com idade acima de 50 anos. Pretendemos fazer essa pesquisa com os avós dos alunos que tiverem nomes estrangeiros. Fizemos um breve levantamento estatístico em três escolas de ensino médio, assim constatamos um número bastante elevado de nomes de origem norte-americana. Para desenvolvermos essa pesquisa, estudaremos a motivação para essas nomeações, pois se percebe que a influência da cultura norte-americana tem uma forte presença na atual nomeação, ao passo que os nomes mais antigos apresentam origens diversas, como: Floripes (agradável) de origem latina, Rita (alegre, radiante) do hebraico, Odília (tocha, luz) do árabe. Através dessa pesquisa, aprofundaremos nossos conhecimentos sobre a Onomástica e a Antroponímia, porque através do estudo dessas ciências, é possível detectar fatos e motivos superpostos durante os séculos, proporcionando um resgate de memória coletiva, pois, segundo Carvalhinhos (2007, p. 1) usar a língua e sua significação simbólica para apropriar-se do mundo tem sido uma constante desde os primórdios humanos. Analisar as origens dos nomes próprios é uma forma científica de resgatar fatos sociais, culturais e religiosos, aparentemente perdidos, mas devidamente registrados nos fragmentos de significação intactos nos nomes.

PRÁTICAS DE ENSINO E CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE NA AMAZÔNICA: UM ESTUDO REFLEXIVO COM BASE NO PERSONAGEM PRINCIPAL TOINHO DA OBRA *SERINGAL* DE MIGUEL JERONYMO FERRANTE

Lusinilda Carla Pinto Martins (Orientadora)

Myslla Alves da Silveira

Este artigo trata de assuntos relacionados a constituição da identidade dentro de processo colonizador realizado na região acreana no 2º período do ciclo da borracha. Esta reflexão está baseada na obra *Seringal* de Miguel Jeronymo Ferrante cujo os fatos narrativos datam de meados do século XX. Aspectos marcantes associados à constituição da identidade e da cultura amazônica são apresentados ao longo da narrativa. No contexto em que se processou a implantação da escola no seringal Santa

Rita percebemos algumas dicotomias quanto a concepção de escola, aquisição da leitura e da escrita. Demonstraremos a prática da professora evidenciando os efeitos de sua atuação na vida dos filhos e dos moradores desta colocação e para melhor compreensão, fundamentamos esta reflexão nos postulados teóricos de Fanon, Bauman Todorov, Tardiff e Bakhtin por tratarem e defenderem a importância dos princípios da alteridade, da linguagem, do discurso como mecanismo de poder bem como, do papel da escola e do professor como fatores determinantes na constituição da identidade e da Cultura. Acreditamos que a escola e a prática docente podem ser mecanismo determinantes na construção identitária do sujeito com o meio e com o outro com quem se relacionada e vive.

A PRÁXIS POÉTICA DE MARY GRUESO ROMERO

Maria Helena Valentim Duca Oyama (Orientadora)

Ricardo Luiz de Souza

Mary Grueso Romero, como outras tantas escritoras negras do Pacífico Colombiano, vem se dedicando ao longo dos últimos anos com seu trabalho poético a dar voz às histórias das mulheres “ignoradas”, “apagadas” pelo silêncio e pelas injustiças sócias no seu país. Pela literatura, a escritora nos apresenta um panorama de como vivem os habitantes de comunidades negras no Litoral do Pacífico Colombiano, as tradições culturais e ancestrais, vozes que dialogam na sua escrita, e lhe servem de inspiração para efetivação da sua poesia. À luz de teóricos pós-modernos, o objetivo deste estudo é analisar as relações entre literatura, cultura e identidade em comunidades periféricas, onde o fazer poético, ainda pouco reconhecido, nasce como uma proposta a mais de emancipação. Tomando como base trechos de poemas desta escritora afro-colombiana, pretende-se aqui analisar os temas recorrentes nos seus versos a partir do contexto local, as construções de sentidos e a afirmação da mulher negra que se forma entre o espaço cultural, o social e histórico. É um olhar sobre o eu-poético da escritora, se reafirmando e se reelaborando, ambientado em espaços onde se expressam seus anseios e dilemas individuais na condição de porta-voz do povo negro. Assim, o presente trabalho procura mostrar a poesia de Mary Grueso Romero, os desafios de ser mulher afro-descendente na sociedade colombiana e as dificuldades enfrentadas por ela para levar adiante seu projeto literário.

A METÁFORA DO SÊMEN DE DEUS NO POEMA CÂNTICO V DE JESUS PAES LOUREIRO

Simone de Souza Lima (Orientadora)

Samila Calixto Silveira

Este trabalho tem por objetivo apresentar a poesia contemporânea de Jesus Paes Loureiro, que nos leva à uma compreensão sensível do mundo pelo olhar amazônico, destacando sua vasta e significativa contribuição para a poesia Amazônica e nacional. Para tanto, destacaremos o poema “*Cântico V*” retirado do primeiro livro de sua trilogia poética *Cantares Amazônicos*, que fala dentre seus vários poemas a vida dos

ribeirinhos, assim também como a fluidez das águas e suas constantes oscilações, usando da sua sofisticada e infindável veia poética inspirada na Amazônia. A partir do aporte teórico/metodológico pós-colonial discutiremos conceitos presentes no poema, tais como a *Metáfora*, possibilitando uma rica compreensão da relação que o autor cria entre a pureza da água e o *sêmen de Deus*. Trataremos também dos caminhos que sua poesia percorre, assim como as ligações que faz do universo mítico amazônico à subsistência humana, que nos leva a uma série de indagações ao que realmente somos e até mesmo a relação que temos com o fantástico meio amazônico. Por fim, objetivamos ainda com esse trabalho, valorizar este escritor regional que usa sua escrita imponente para transmitir a riqueza e a importância de sua terra fantástica.

A AVENTURA DESCOLONIZADORA DE HERÓIS RIBEIRINHOS

Simone Norberto

A trajetória histórica da Amazônia de opressão dos povos existentes e exploração aos que vinham em busca de uma vida melhor obedeceu o mesmo ciclo na localidade ribeirinha de Nazaré/RO. Como nas demais empreitadas coloniais, o modelo econômico de semiescravidão do extrativismo foi reproduzido. Por meio da análise de narrativas orais colhidas na comunidade é possível perceber a configuração desse processo colonizador. Ao mesmo tempo as narrativas revelam uma ressignificação da condição de sulbaterno do beiradeiro, para uma nova atitude em face do discurso do colonizador. A estratégia é a própria cultura, rica em mitos e lendas. As diferentes faces desse imaginário permeiam o universo ribeirinho, traduzindo costumes, crenças e práticas e ainda configurando uma saga heroica de homens que se rebelam e empreendem o que Franz Fanon chama de “combate”. A vitória decisiva contra o colonialismo é alcançada, mediante jornada, que analogicamente à dos heróis, seguem as mesmas motivações e percalços do arquétipo comum nos mitos de todos os povos.

PROCESSOS DIASPÓRICOS NAS FRONTEIRAS AMAZÔNICAS – UMA LEITURA DOS DESLOCAMENTOS HAITIANOS PELO VIÉS POÉTICO

Simone de Souza Lima (Orientadora)

Thirson Rodrigues de Medina

Com o trabalho *Processos diaspóricos nas fronteiras amazônicas – uma leitura dos deslocamentos haitianos pelo viés poético* – pretendemos enveredar nas nuances músico-literária personificado na trajetória dos Africanos descendendo do Haiti, Senegal, Nigéria e República Dominicana em sua diáspora no Brasil, especialmente entrando pela Amazônia acreana. Nossa observação parte da contribuição brasileira do processo de auxílio sofrido pelo povo haitiano quando da tragédia por eles vivenciada em 2010. Nesse processo, a Amazônia acreana foi o *lócus* de recepção desses emigrantes que aportaram trazendo em suas vidas novas vivências culturais, novas línguas e outros modos de codificação simbólica. Para analisar a contribuição e a relação estabelecida entre haitianos e amazônidas, com seus processos de deslocamentos historicamente constituídos, partiremos da análise do poema do haitiano

René Depestre chamado *Minério Negro (Minerai noir)*, de 1956, e da letra da música de Caetano Veloso *Haiti*. Neste eixo semiótico captaremos a analogia da materialização simbólica da impressão dos “espaços”, aqui, referindo-se a “espaços socialmente produzidos” (Santos) aonde a valorização da hermenêutica do decodificador (autor), salta a simples revisão, configurando o espaço sensorialmente captado, do ponto de vista teórico/metodológico. Elementos culturais, simbolizando a saga dos povos imigrantes, ganham deferência, antes de serem fustigados pelo advento do tremor sísmico, tiveram papel de insuflar seu caminho, hoje materializado em sua trajetória de imigração até o solo brasileiro. A análise dos (con)textos literários e a conjunção multidisciplinar revelam oportunidades significativas de constatar a riqueza e pluralidade do saber cultural, associado à visão literária com a interpretação dos espaços sociais em geografia.

SIMPÓSIO

Crise econômica mundial e respostas da literatura contemporânea

Coordenador: Prof. Dr. Thiago Martins Prado (UNEB-Seabra)

SUJEITOS DE INADEQUAÇÃO NO LIVRO *BAQUE* DO POETA FABIO WEINTRAUB

Milena Cláudia Magalhães Santos Guidio (Orientadora)

Mislene de Oliveira

Esta comunicação objetiva realizar uma análise de poemas selecionados do livro *Baque* (2007) do poeta paulistano Fabio Weintraub, de modo a problematizar a relação do sujeito contemporâneo com o seu espaço. Os personagens presentes nos poemas representam aqueles que vivem à margem dos centros urbanos, pois estão condicionados a espaços cuja instituição descende de uma época pós-moderna, marcada pelo processo de globalização e pela ideologia consumista, que criam, por outro lado, sujeitos de inadequação. Portanto, o enfoque que pretendo dar a esta análise será de cunho sociológico e antropológico, indicando a relação da poesia de Fabio Weintraub com a vida social contemporânea. Desse modo, considere relevantes e pertinentes os estudos do antropólogo Marc Augé e do sociólogo Zygmunt Bauman. A partir de Augé, destacarei a ideia de “não lugar”, do livro *Não lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade* (2012), que fica dentro do conceito de supermodernidade, a realizadora de não lugares, espaço do efêmero, de compromissos temporários. Sob o viés de Bauman, focarei as noções de espaços da cidade contemporânea que se encontra no livro *Modernidade Líquida* (2001). Ao apresentar quatro categorias de espaço, “Lugares êmicos, lugares fágicos, não-lugares, espaços vazios”, o sociólogo explica que o primeiro diz respeito a expelir, ou “vomitar” aqueles irreversivelmente impróprios, segregando os espaços. O segundo, a “ingerir” ou “devorar” certas particularidades dos sujeitos de forma a apagar a diferença do outro. Sobre o conceito de “não lugares”, Bauman reporta à Georges Benko, que segue Marc

Augé: espaços que só devem ser atravessados. E, por fim, os “espaços vazios”, aqueles que estão fora do grande centro, portanto, desconsiderados, e correspondem aos espaços de miséria e escassez. Em razão disso, vê-se em Fabio Weintraub uma poesia construída a partir de fragmentos, de resíduos, que leva em questão uma das situações da poesia contemporânea.

CRISE, CEGUEIRA E IDENTIDADE: UMA LEITURA DO “ENSAIO SOBRE CEGUEIRA” DE SARAMAGO

Vítor Westhelle (Orientador)

Everton Nery Carneiro

“Ensaio Sobre a Cegueira”, lança um olhar buscando nos fazer ver, trabalhando uma narrativa no campo da imprevisibilidade das relações humanas, que na modernidade, na seara da construção da identidade, esta entrou em crise, juntamente com o modelo econômico. Esta obra faz parte do mosaico que é a literatura contemporânea, tal qual a identidade na perspectiva de Hall, situando-se na fronteira, nos interstícios, entre certezas e incertezas, abandonando a primeira e aproximando-se da segunda. A partir de uma imprevista e misteriosa epidemia de cegueira, Saramago mostra, em meio à desordem, personagens cegos e egoístas. Toda a narrativa inicial é rápida: várias personagens vão ficando cegas, são anônimas, numa cidade sem nome, num tempo sem tempo, numa narrativa aberta, num mundo carregado de irregularidades e cenário imprevisto. Diante da epidemia, que não resguarda fronteiras, o medo e instintos vem a superfície. Que posições tomam as autoridades diante da crise? Questão impactante, pois perante os cegos encarcerados num hospício por ordem das autoridades, há a mulher do médico que enxerga. Ela não sabe se é santa ou maldita por enxergar em um mundo de cegos. Eis a literatura contemporânea abordando o fenômeno do improvável/imprevisto que faz desmoronar certezas. Enquanto a mulher do médico enxerga o mundo externo, outra personagem de Saramago, Blimunda, de “Memorial do Convento”, tinha a capacidade de enxergar o mundo do interior das pessoas. Ambas veem o que muitas vezes não querem ver. Saramago busca abrir os olhos do leitor para a realidade do mundo, a desordem que pode chegar, de maneira imprevisível, a qualquer instante, despedaçando princípios e fundamentos. Os mais fortes abusam do poder e o instinto de sobrevivência vai assumindo as relações. Saramago busca anunciar/ambientar /explicar um mundo e um homem em crise de identidade, que passa do sujeito centrado iluminista ao descentrado pós-moderno. Temos a literatura contemporânea de Saramago visitada pelo olhar de Stuart Hall em “A identidade cultural na pós-modernidade”.

CRISE ECONÔMICA MUNDIAL E RESPOSTAS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Partindo da análise da alegoria da Madlântida e da religião do rudismo descritas no romance *Maldita (volume 2)*, de Chuck Palahniuk, escritor que ironiza o elogio inconsequente do consumismo contemporâneo, a comunicação propõe discutir as principais narrativas científicas sobre a recente crise econômica mundial. Nesse intuito, a primeira consideração a ser colocada é a do fenômeno dos cisnes negros, de Nassim Nicholas Taleb, com a sua carga deslegitimadora dos previsores econômicos e das projeções corporativas e governamentais de larga escala. A segunda interpretação sobre a crise econômica a ser investigada pertence a Hyman Minsky, com as suas devidas conceituações acerca das unidades de finança hedges, especulativas e Ponzi e de como elas podem gestar regimes de financiamento que tornam a economia estável ou instável. O terceiro momento da apresentação levará em conta as declarações de dois polemistas sobre a política econômica norte-americana nesta contemporaneidade: William T. Still e Peter Joseph. Mesmo guardadas as devidas diferenças entre Still e Joseph sobre como indicam soluções para reconfigurar o padrão da ordem econômica estadunidense e mundial, importante notar de que maneira os anteriores estudos de Milton Friedman sobre inflação e estoque monetário, considerados atualmente conservadores ou ultrapassados na área de Economia, foram revistos sob um prisma não regulador (mas contestador) pelos dois polemistas à luz do agigantamento do débito socioeconômico das nações pelo sistema do mercado bancário de reserva fracionada.

Simpósio

Imaginário e Ensino de História

Coordenadores: Prof.^a Ms. Veronica Aparecida Silveira Aguiar (UNIR) e Prof. Ms. Mauro Henrique Miranda de Alcântara (IFRO-Colorado do Oeste)

URUPÁ: UMA FRONTEIRA ABERTA

Alexandre Pacheco (Orientador)

Adelto Rodrigues Barbosa

Este trabalho tem a intenção de analisar a colonização da região de Urupá, à luz de alguns conceitos utilizados na Antropologia, a partir do método de fronteira. Para desenvolver as análises serão usadas a primeira tese de Oliveira Filho e a primeira tese de BECKER. A partir destes autores, a fronteira é uma área em conflito que teve como mediador o Estado. Este conceito também é utilizado na Geografia e História. Para este trabalho, foram entrevistados três ex-seringueiro que trabalharam na região. O senhor Antonio, o senhor Sebastião e o senhor Assis. Foram gravadas entrevistas abertas, com perguntas que surgiram no decorrer da conversa. A colonização de Rondônia é parte da política brasileira de ocupação da Amazônia, implantada a partir dos anos de 1950, e dos projetos de assentamento que ganharam notoriedade a partir dos anos de 1970. Por um período, a colonização foi uma estratégia de política nacional para a solução de

alguns conflitos em áreas rurais e urbanas, como no centro sul e nordeste brasileiro. Com a propaganda “terra sem homens, para homens sem terra”, o governo capitaneou a atenção de uma parcela da população que tornou mão de obra excedente nestas regiões.

REGISTRO E REFLEXÕES: PERCEPÇÕES A PARTIR DO PIBID

Maurício Silva de Souza (Orientador)

João Maurício Gomes Neto (Orientador)

Alana Alencar Souza Teixeira

Ana Caroline Morandi Gonçalves

Thays Souza dos Santos

O presente artigo pretende investigar a feitura de cadernos de registros pelos bolsistas dentro do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e sua contribuição à formação de educadores reflexivos. O referencial teórico utilizado abordará autores que trabalham com a prática do registro enquanto criação de memória e identidade profissional. Considerando a atividade de narrar uma ação como um ato significativo do ofício do educador que lhe possibilita rever e repensar sua prática cotidianamente. Dentro do PIBID, essa prática se torna crucial, o “ver, ouvir e anotar” que fazem parte de nosso ofício nesse processo está diretamente relacionado à nossa construção profissional enquanto futuros educadores. O material coletado e analisado se compõe dos cadernos de registros dos vinte e dois bolsistas do subprojeto de História da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) *campus* de Rolim de Moura. Tais registros tem início a partir de março de dois mil e quatorze, mês de ingresso dos acadêmicos no programa e início das observações na escola estadual de ensino fundamental e médio Cândido Portinari. A proposta consiste em problematizar os olhares, os temas, as questões que despertam ou não os pibidianos ao observarem os desafios vivenciados em sala no processo de ensino-aprendizagem da disciplina história.

RELIGIOSIDADES NA ÍNDIA: UM OLHAR SOBRE AS ABORDAGENS DO LIVRO DIDÁTICO

Maurício Silva de Souza (Orientador)

João Maurício Gomes Neto (Orientador)

Ana Luísa Oliveira Fraga

É comum o uso dos termos “mundo globalizado” e “multicultural” na perspectiva pedagógica. O livro didático também irá se adequar-se a esse cenário. Porém explicar aquilo que é geograficamente e filosoficamente distante, como por exemplo, a cultura indiana, é sempre um desafio. Sabe-se que aquele que escreve o livro didático não irá simplesmente tirar o peso da sua tradição e valores de seus ombros e escrever de um ponto de vista neutro. As religiões da Índia também estarão carregadas desses valores quando colocadas no livro didático. O foco dessa discussão é o livro didático intitulado: *Conexões com a História*, direcionado ao primeiro ano do Ensino Médio, destacando os temas que abordam a Índia no “capítulo três”. Este artigo é uma reflexão sobre como o

currículo escolar é construído diante da necessidade de pensar na diversidade cultural em nosso país. Ante ao fato do Brasil ser constituído por diversos povos, há uma impressão que todos estão preparados para entender o outrem, mas na prática existe um preconceito em relação ao diferente. Entender a função desse currículo na construção da prática pedagógica é essencial para compreender quais demandas são atribuídas como necessárias na formação de um discente, porém refletir sobre as carências de certa turma também é tão importante quanto.

PERCEPÇÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DOS DISCENTES CONCLUINTES

Maurício Silva de Souza (Orientador)

João Maurício Gomes Neto (Orientador)

Cleya Monteiro Pacheco Sehnem

Erni José Gottselig Junior

Essa proposta tem como objetivo investigar como os educandos concluintes da Escola Estadual Cândido Portinari de Rolim de Moura percebem a disciplina de História, levando em consideração a sua formação. A metodologia adotada constitui-se de entrevistas semidirigidas com os educandos e fontes bibliográficas pertinentes ao assunto. O interesse foi observar em que medida o professor de História contribuiu para a formação desses discentes, a partir da perspectiva desses sujeitos; assim como discutir o papel que a disciplina de História teve na formação escolar dos estudantes concluintes. Busca-se investigar também as possíveis defasagens e êxitos que o ensino da disciplina enfrenta no que se refere ao desenvolvimento do senso crítico do estudante, o qual passou por ela em diversos momentos da educação básica. Durante a pesquisa percebeu-se ainda alguns dos sentidos que os educandos atribuem a disciplina de História. Um deles é que a maneira como se percebem enquanto sujeitos está relacionado diretamente à atuação docente em sala de aula. Considerando que o processo de ensino-aprendizagem em História está relacionado com a habilidade do docente em traçar estratégias para que a disciplina se torne atrativa e possa fomentar o debate, observou-se que não necessariamente é preciso “Super Aulas” no sentido de variadas técnicas pedagógicas, para que o conhecimento histórico e o desenvolvimento de senso crítico por parte dos educandos, contudo é sempre um desafio o processo de ensino-aprendizagem de uma geração que está habituada a receber informações prontas e já processadas, sem uma reflexão crítica.

DESAFIOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: “O EDUCANDO COMO SUJEITO HISTÓRICO”

Maurício Silva de Souza (Orientador)

João Maurício Gomes Neto (Orientador)
Denise Pereira Rodrigues
Janiny Kélvia Pisoler Hell

A disciplina de História é geralmente vista como matéria de difícil entendimento por parte dos educandos. Tal constatação decorre do fato de que uma significativa parcela dos educandos não reconhece a relevância do estudo do passado num tempo presente repleto de informações e novidades. Para alguns analistas, esta situação decorre da falta de diálogo em sala entre docente e discente, bem como da ausência de conexão e problematização entre o passado estudado e o presente vivido, que influencia negativamente o processo de ensino-aprendizagem da história, visto que os estudantes continuam a percebê-la como uma grande linha do tempo, na qual os fatos são narrados em ordem cronológica e evolutiva. Para pensar possíveis abordagens metodológicas que transformem a percepção dos educando em relação à História ensinada, a presente comunicação visa problematizar as questões observadas durante as atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID, realizadas no 7º ano do ensino fundamental da Escola E. E. F. e M. Cândido Portinari, no município de Rolim de Moura/RO, e, a partir dos dados levantados, tais como entrevistas e observações empíricas, refletir acerca da chamada abordagem tradicional e das “novas” possibilidades metodológicas no fazer histórico em sala de aula, na perspectiva de pensá-las como posturas que valorizem a relação entre passado e presente por meio da história local e, conseqüentemente, possibilite aos educandos se verem como sujeitos históricos.

**OLHAR SOBRE RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO: INDAGAÇÕES A
RESPEITO DOS IMPACTOS QUE ELA ACARRETA NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA**

Maurício Silva de Souza (Orientador)
João Maurício Gomes Neto (Orientador)
Ediane Moreira Cipriano
Eliane Teodoro Gomes

O presente trabalho tem como foco a relação professor/aluno na prática docente dos professores de História no processo de ensino aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental, a partir de observação em sala e dos dizeres dos professores da disciplina de História e dos alunos em uma escola Estadual no município de Rolim de Moura-RO. Para uma boa aprendizagem é necessário um bom relacionamento entre o professor e aluno na sala de aula, mediante esse fator surgiu a seguinte problemática: Como a relação professor-aluno pode influenciar o aprendizado da disciplina de História. O trabalho tem por objetivo verificar a importância da relação professor-aluno no processo de ensino aprendizagem, assim como, analisar os fatores que influenciam na relação professor-aluno e compreender o que professores e alunos pensam a respeito da importância da relação professor e aluno. Para fins de análise, utilizaremos questionamentos junto aos alunos e professores, que para nosso entendimento é a forma

mais adequada. Realizaremos na fase inicial a pesquisa bibliográfica, explicitando as concepções de diferentes autores sobre o tema. Para a coleta de dados utilizaremos observação em sala e questionários. Observamos que por muito tempo e ainda hoje, o modo de agir dos professores que não fazem uso do diálogo pode retrair o interesse do aluno pela disciplina de História. O aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção de conhecimento. Assumindo o educador um papel fundamental nesse processo, como um indivíduo mais experiente. Por essa razão cabe ao professor considerar também, o que o aluno já sabe e sua bagagem cultural e intelectual, para a construção da aprendizagem.

A IMAGEM DA IDADE MÉDIA NOS LIVROS DIDÁTICOS

Veronica Aparecida Silveira Aguiar (Orientadora)
Francine Machado

A comunicação tem o propósito de fazer uma análise comparativa da maneira que os livros didáticos reportam à Idade Média. Geralmente, o Medieval é demonstrado de forma negativa, deixando de lado os avanços culturais, filosóficos, artísticos, entre outros. Para fazer tal exercício de análise, esta comunicação pretende investigar como é representada a Idade Média nos livros didáticos “*História Sempre Presente*” de autoria de Lizânia de Souza Lima e Antônio Pedro; “*História*” de autoria de Gislane Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi. Além de levantar questões em relação à imagem representada do período nos livros didáticos utilizados na sala de aula, se faz necessário superar a historiografia tradicional e trazer as contribuições das pesquisas de Jacques Le Goff, Jérôme Baschet e Jean-Claude Schmitt. Enfim, o conceito de “Imagem” medieval deve contemplar além dos valores estéticos, questões sobre o funcionamento social, as funções ideológicas, o poder das imagens do passado, entre outros elementos fundamentais para o tema, muito diferente daquilo que é representado no material escolar.

O USO DA MÍDIA NO ENSINO DA HISTÓRIA

Maurício Silva de Souza (Orientador)
João Maurício Gomes Neto (Orientador)
Hinglidy Nayara Marques Souza
Daniele Pereira Coelho

Trabalhar recursos em linguagem audiovisual em sala de aula para ampliar os recursos de ensino e melhorar o desempenho do aluno em sala, no que diz respeito a aprendizagem, é uma discussão bastante recorrente quando se propõe inovar o ensino de história. A televisão, um recurso audiovisual, é de fato um excelente mecanismo de manuseio para o ensino de história, já utilizado há muito tempo, resistindo até mesmo as tecnologias ditas mais avançadas ou atuais. O ato de “passar” filmes para alunos geralmente divide opiniões a respeito dos resultados obtidos, posto que se para alguns a narrativa fílmica amplia a capacidade de imaginação história do discente, para outros, a

força das combinação discursiva entre texto, imagem e argumento é tamanha que torna praticamente impossível sua desconstrução pelo professor, de forma que o estudante é levado a perceber tal narrativa como reprodução fiel, tal e qual se fez o processo histórico. Neste sentido, o objetivo desse trabalho é tentar problematizar as práticas pedagógicas que lançam mão da exploração de recursos em linguagem audiovisual, de forma a compreender como os estudantes se apropriam e aprendem história por meio dessas narrativas, levando em considerações materiais e experiências que teremos em mãos.

OS ESPAÇOS DE MEMÓRIA E SUAS REPRESENTAÇÕES NO ENSINO DE HISTÓRIA

Flávia Rodrigues Lima da Rocha (Orientadora)

Letícia Mendes da Silva

Neuda Larissa Dias Perdigão

O presente trabalho nos apresenta os meios pelos quais o uso da memória se torna atrativo para o ensino de história, de maneira que se torne uma nova busca de possibilidades para o professor da área, onde o livro didático passaria a ser apenas uma base para o ensino, pois o uso dos museus de maneira correta como meio de ensino pode aguçar ainda mais a construção do conhecimento histórico nos alunos. Identificar as maneiras que o Ensino de História possa ser aprendido através do uso dos espaços de memória da cidade de Rio Branco-Acre, de maneira que o processo de ensino-aprendizagem se torne atrativo. A metodologia desta pesquisa baseou-se na pesquisa bibliográfica, bem como visita de campo aos espaços de memória selecionados. Na escolha deste tema tive como motivação mostrar, através da minha pesquisa a importância que esses espaços de memória possuem, a fim de viabilizar o entendimento da maneira como educadores podem estar utilizando-os mesmos para o processo de ensino-aprendizagem da educação escolar. Tendo em vista que o objetivo final de uma aula no museu não é somente o da visita guiada para os alunos, mas que a partir de todo este processo de visitas e retorno à escola a dimensão da ampliação da cultura e da educação pelo e para o patrimônio passe a ser algo introduzido na educação escolar dos mesmos, aonde os museus sendo parte desta história pública, passe a ser olhado com um olhar de contemplação e oportunidades de interação para o ensino e aprendizagem.

CHARLES DARWIN NOS LIVROS DIDÁTICOS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE LIVROS DE HISTÓRIA E BIOLOGIA

Mauro Henrique Miranda de Alcântara (Orientador)

Charles Darwin é um personagem frequente nos livros didáticos, principalmente nos de biologia, e podem-se verificar às vezes nos de história. No entanto, como ele é representado em tais obras? Buscamos neste trabalho realizar uma análise comparativa da representação de Darwin nos livros didáticos de História (VAINFAS; FARIA; FERREIRA; SANTOS, 2013) e Biologia (AMABIS; MARTHO, 2013). Nitidamente as representações de Darwin diferenciam-se nestes livros, sendo: o livro de Biologia ampara-se nas ideias/teses de Darwin e não faz referência a sua biografia e seu tempo histórico. Apesar de mencionar a incompreensão de algumas de suas teses, não é compressível a razão para tais. Já o livro de História retrata-o como uma influência e um influenciador por suas teses serem responsáveis por várias mudanças no século XIX. Este século foi caracterizado por uma verdadeira revolução no conhecimento humano, e a ciência pode triunfar mesmo com a resistência de teorias religiosas. Boaventura diz “que todo conhecimento científico-natural é científico-social” (ANO 1988, P. 60), ou seja, o meio natural foi o objeto de estudo do meio social. O homem depende da natureza para fazer suas descobertas e lançar suas ideias, e constituir o que convencionalmente chamamos de ciência. Tomando por empréstimo essa ideia do Boaventura, podemos pensar que Darwin e suas teses foram tanto um constructo do seu tempo histórico, como grande influenciador e modificador dele. Portanto, visualizar como os livros didáticos remetem o “homem” Darwin, é tentarmos aproximar a ciência-natural da ciência-social, desmistificando alguns desses personagens históricos da ciência.

A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE HISTÓRIA: ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA, O DESAFIO DE ENSINAR E APRENDER HISTÓRIA NUMA PERSPECTIVA DIFERENCIADA

Maurício Silva de Souza (Orientador)

João Maurício Gomes Neto (Orientador)

Marlene Gabriel Ferreira

Rodrigo Mistrello

A inquietação que tem nos instigado quanto ao ensino de história, se situa no âmbito de uma educação diferenciada, em que a prática docente possibilite provocar nos educandos o encantamento necessário a construção do conhecimento histórico em sala de aula, sem que este venha a negar a importância da participação protagonista dos educandos como sujeitos ativos no processo de ensino aprendizagem da disciplina de história. Porém, para que possamos corresponder a esta provocante inquietação, a qual tem nos mobilizado a sair de nossa zona de conforto, fruto da busca por um olhar reflexivo e participativo, nascido do envolvimento com o mundo acadêmico, em especial no Projeto de Iniciação à Docência – PIBID, das disciplinas de estágio e, da participação em sala de aula como acadêmicos do curso de história. Faz-se necessário percorrer os caminhos que conduzem ao processo da formação docente, por creditar que esta é de fundamental importância na busca por um aperfeiçoamento profissional que

possibilite ao educador uma perspectiva coerente na relação de ensino-aprendizado almejada. Para tanto deveremos problematizar a formação docente, como aquela que norteará a prática do futuro professor, quando este estiver atuando em sala de aula, capacitando-o com habilidades necessárias para o enfrentamento dos desafios impostos pela realidade escolar. Outro aspecto importante a se ressaltar e que é nascido dessa experiência participativa, a qual também passa pelos preâmbulos da formação docente, está relacionada ao fato de que para além das múltiplas técnicas pedagógicas, disponível ao professor quando se propõe a trabalhar o ensino de história em sala de aula numa perspectiva diferenciada, em contraponto ao que se chama costumeiramente de “prática tradicional”, faz-se necessário também, que este profissional assuma um posicionamento comprometido com a perspectiva teórica por ele assumida.

A ESCRAVIDÃO NO BRASIL NO “IMAGINÁRIO” DE DARWIN: A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DOS SUJEITOS COMO POSSIBILIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA

Mauro Henrique Miranda de Alcântara

Charles Darwin, segundo Hobsbawm (1977) apresentou ao mundo do século XIX a teoria que, provavelmente, represente as mudanças, inovações e avanços (em vários sentidos) desse período histórico: a Evolução. No entanto, muito além de uma figura mítica como é representado por diversas vezes, o cientista britânico era um humano que acabava por disseminar e representar o seu mundo, através dos aspectos sócio histórico do seu tempo. Ao analisarmos, em seu diário, as representações que o mesmo faz sobre o Rio de Janeiro, ou melhor, sobre a escravidão neste lugar, quando de sua visita por essas terras, é possível verificar o que Rüsen (2006) descreve como consciência do tempo histórico, que os sujeitos acabam por materializar em sua vivência, através dos escritos, relatos, retratos, etc. Dessa forma, este trabalho buscou verificar através dos escritos de Darwin, quando de sua visita ao Rio de Janeiro, suas percepções da escravidão no Brasil, contrapondo ao seu tempo histórico, a fim de perceber a consciência histórica que esse personagem histórico apresenta. É possível verificar nas palavras do inglês tanto a defesa pelo fim da escravidão, algo que vinha sendo debatido e incentivado pelo seu país natal, quanto defesa da submissão dos negros aos seus senhores, apontando, inclusive, a possibilidade de “serem felizes” (DARWIN, 1970). A partir de tal análise, acreditamos que seja possível utilizar de tal mecanismo como um instrumento para o ensino de história, demonstrando para os estudantes como há a consciência histórica, e como podemos pensar e repensar a história por esses olhares singulares. Possivelmente essa abordagem poderá descrever e narrar os fatos históricos com uma qualidade que faça com que os discentes verifiquem a consciência histórica como um processo dialético, e não como estruturas separadas. Portanto, o imaginário pode nos ajudar a levar a consciência dos alunos(as) como sujeitos históricos.

O GÊNERO FEMININO NA PERSPECTIVA DO LIVRO DIDÁTICO: NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Renata Honório Barbosa Lima

A proposta do trabalho é analisar pelo livro didático, a presença e o papel das mulheres durante a primeira República, pois entendemos assim ser possível problematizar questões relacionadas a participação da mulher no cenário social do início do século XX, através da imprensa será possível mapear o pensamento da época sobre a mulher e identificar qual o papel que lhes era definido, refletindo as rupturas e continuidades em dias atuais.

A UTILIZAÇÃO DE MULTIMÍDIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Maurício Silva de Souza (Orientador)

João Maurício Gomes Neto (Orientador)

Ronaldo Scher Bahia

Estamos vivendo em uma era em que são introduzidas novas ferramentas tecnológicas de acessibilidade a todo instante. Vemos em todas as categorias sociais, a utilização de multimídias como ferramenta de lazer, trabalho e para a educação, mas também se vê casos em que sua utilização é precária ou praticamente nula. Assim parte-se nesse trabalho a ideia segundo a qual os educandos devem ser percebidos como agentes ativos na construção dos conhecimentos históricos na escola e cabe ao professor em formação, desenvolver concepções e práticas, pois por meio destas, o professor pode entender e encontrar a melhor forma de abordar construir tais conhecimentos no ensino de História com os estudantes. A partir das observações e leituras feitas no decorrer do PIBID, pode-se acompanhar e descobrir que em muitas vezes, poucos educandos parecem entender o significado de algo do presente, como decorrência de acontecimentos do passado, por exemplo: características de uma sociedade, bases econômicas, comportamentos sociais e religiosos. Essa dificuldade de desenvolver estas relações pode estar vinculada em alguma medida ao fato de os estudantes perceberem pouco significado no que estão a aprender ou no que se esperar que eles aprendam a partir de leitura dos livros didáticos. Nesse sentido, entendemos o uso, a problematização do olhar a partir do uso de multimídias, assim abrem perspectivas para se construir o conhecimento histórico escolar de maneira que se coloque o estudante como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, de forma não apenas possa ver os textos verbais e imagéticos presentes na obra, mas que sobretudo, possa lê-los, posicionar-se e reposicionar-se sobre eles.

IMAGINÁRIO MEDIEVAL E O ENSINO DE HISTÓRIA

Veronica Aparecida Silveira Aguiar

O objetivo desta comunicação é discutir o conceito de “Imaginário medieval” e como este concebia a mulher e seus paradoxos: Eva e Maria, mulher pecadora ou redentora.

Para isso, faremos uma análise das figuras femininas de Clara de Assis e Isolda. A Idade Média colocou no centro de sua reflexão antropológica a diferença dos sexos e tomou a categoria feminina como instrumento conceitual. Sendo assim, o desequilíbrio entre os sexos e uma tendência a favor do masculino, assim como a constituição do feminino em conceito abstrato, marcaram o pensamento do Ocidente medieval. Desta forma, o feminino/masculino resultou numa imagem negativa e inferior do feminino na sua relação com o masculino, imagem ambivalente, uma classificação binária e horizontal, fundamentada na oposição, e uma interdependência vertical entre categorias. Para fazer a análise das nossas fontes, partiremos dos pressupostos elencados por Christiane Klapisch-Zuber, Jacques Le Goff, Jérôme Baschet, Jean-Claude Schmitt, entre outros, que colocam a imagem do feminino da Idade Média como representativa da misoginia particular àquela época. Ao trabalhar com o tema na sala de aula, o professor tem um papel fundamental para discutir as representações e realidades históricas, que mesmo distintas da nossa sociedade, possibilitam reflexões interessantes sobre o discurso de modelos de conduta, do sexo frágil e secundário.

Simpósio
**Diálogos sobre paisagens insólitas em cidades
e florestas amazônicas**

Coordenadores: Prof. Dr. Gerson Rodrigues de Albuquerque (UFAC) e Prof.
Dr. Francisco Bento da Silva (UFAC)

**“IMAGENS”, “DISCURSOS” E “SÍMBOLOS”: REPRESENTAÇÕES DE
PROSTITUIÇÃO NA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA ACREANA**

Francisco Bento da Silva (Orientador)
Altaíza Liane Marinho

Questionar o discurso historiográfico, que se articula com um lugar de produção socioeconômica, político e cultural, implica diretamente em questionar a *produção histórica*. Inspirada em reflexões propostas por Michel de Certeau (2013), acerca das dimensões simbólicas que envolvem os relatos e narrativas históricas, concomitantemente, de múltiplos significados e permeadas por diversas “representações”, “símbolos”, “signos”, “imagens” e “discursos”, que esta comunicação propõe estabelecer um diálogo com as narrativas históricas dos livros organizados pela Universidade Federal do Acre, *Damas da Noite: Sexualidade e prazer como estratégia de sobrevivência (2001)*, de autoria de Maria José Bezerra, e *Bairro do Papouco: Espaço de vida, prazer e sonho (1993)*, de Auricélia Neves de Moraes. Esta comunicação é um fragmento da dissertação em andamento, intitulada “*Entre “papôcos”, “siribolos”, e “pontapés”: Prostituição nos periódicos da Amazônia acreana*”. Pensando, portanto, a partir da *produção histórica*, que se produzem de acordo com ideais, interesses, intencionalidades e pontos de vista, que fabricam, constroem e reconstroem uma “identidade” a “seres imagéticos”, “construídos” e “narrados”, que propomos uma discussão acerca dos relatos e narrativas ora citadas, que

comumente trazem em seu bojo, um discurso “cristalizado” sobre a prostituição na cidade de Rio Branco, Acre. É nesse sentido de compreensão que em nossas considerações parciais apontamos algumas dimensões aproximando-se a Stuart Hall (2003), com intuito de aplicar conceitualmente as questões que permeiam as questões sobre identidades, pensando-as como identidades híbridas, longe de uma perspectiva de uma identidade “única”, “pura” e “legítima”. Vale frisar que nosso ponto de partida analítico é o conceito de *representação* de Roger Chartier, em seu livro *A História Cultural: Entre práticas e representações* (1988).

O RETRATO AMAZÔNICO PINTADO PELAS TINTAS DE EUCLIDES DA CUNHA E LEANDRO TOCANTINS

Vera Lúcia de Magalhães Bamberra (Orientadora)

Ana Cláudia de Souza Garcia

O presente trabalho faz uma abordagem acerca da temática tratada nas obras *À margem da história*, de Euclides da Cunha (1967), e *O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia*, de Leandro Tocantins (1973). O propósito desse texto é apresentar algumas reflexões a partir das leituras dessas obras, cujo foco se manteve em torno do olhar sobre a Amazônia. São as alusões, inferências, deduções que, muitas vezes, levaram os cronistas a cometerem equívocos, criando estereótipos, de forma superficial e reducionista. Dessa forma, a partir dessas primeiras narrativas, percebe-se que os discursos contemporâneos sobre o clima, a fauna, a flora, os habitantes e as condições de vida na Amazônia incorporaram essa visão, que, por constar na história oficial e nos cânones da literatura, foi naturalizada e se tornou a tradução desse lugar. Euclides da Cunha, considerado uma referência na descrição sobre a Amazônia, apresenta em seu livro uma imagem pintada por palavras recheadas de poesia e conotações, mas não deixando de lado a visão do homem republicano, que analisa e critica as condições de vida dos que habitam essa região. Na narrativa de Leandro Tocantins, também estão muito presentes os aspectos poético, romântico e fantástico para se referir à Amazônia, reproduzindo o discurso de muitos autores que se empenharam em narrar sobre a Hileia brasileira. Assim, expressões como “deserto de clorofila”, “verdes solidões”, “mundo à parte”, “não civilizado” são utilizadas para significar esse espaço do Brasil, distante de tudo, já que o ponto de referência é onde há “civilização”. Com isso, as narrativas sobre a Amazônia se fixam no antagonismo Inferno X Paraíso, pois, ao passo que retratam suas mazelas decorrentes das peculiaridades do lugar e da ausência do poder público, além da distância do mundo “civilizado”, também enaltecem sua exuberância, destacando sua fauna e flora.

CIDADES DO POVO: NOVAS PROPOSTAS DE URBANIZAÇÃO E O RETORNO DO DISCURSO DA “NATUREZA PERVERSA” NO ACRE

Armstrong da Silva Santos

A presente ponência visa analisar alguns dos discursos proferidos a respeito do projeto urbanístico/habitacional intitulado “Cidade do povo” em Rio Branco e suas interfaces com a ocorrência de alagações em diversos municípios acrianos no ano de 2015. Neste sentido, analisamos a recorrência a enunciados que difundem discursos que culpabilizam a natureza pelos prejuízos ocasionados aos moradores de áreas alagadiças e que, ao mesmo tempo, visam produzir um espaço urbano supostamente livre desses problemas e habitantes também transformados pela intervenção político/técnica prontos para praticarem esses espaços. Dessa forma identificamos a utilização da intervenção técnica sobre as cidades acrianas como instrumentos de produção discursiva tanto do espaço urbano quanto de seus praticantes. Neste intuito discutiremos três pontos que, em nossa compreensão, figuram como eixo de elaboração discursiva na interface entre uma natureza perversa a ser controlada e uma modernidade cujo destino reside na superação dos problemas ocasionados pela proximidade do “mundo natural”: 1.º A “cidade do Povo” como proposta de futuro já realizado; 2.º o discurso de uma natureza rebelde e ingovernável nos homens e nos rios e 3.º as propostas de novas cidades e novos humanos para habitá-las. Temas completamente integrados que figuram separadamente neste estudo como opção metodológica. Obras de FOUCAULT (2004) e PERROT (1988) entre outros permeiam toda nossa escrita pelas interessantes análises que fazem sobre as técnicas disciplinares e as relações entre saber e poder, pertinentes ao estudo em questão.

DISCURSOS DE INTERVENÇÃO PARA UM TEATRO NA AMAZÔNIA

Carlos André Alexandre de Melo

O cenário artístico na Amazônia Ocidental, durante os anos 1970 até o começo dos 1980, vivenciou um momento único no sentido de seu florescimento que não encontrou eco nas gerações que o seguiram. Paradoxalmente, concomitante com o momento mais cruel da ditadura brasileira, as experiências de grupos teatrais se pautaram por grande liberdade temática e estética sob olhar cerceador dos militares. Estudos como os efetuados por Marques (2005) e Melo (2008), ou mesmo os relatos de Azancoth e Souza, dão conta da fertilidade do cenário artístico e dos intercâmbios que se estabeleceram entre vários estados amazônicos, especialmente Acre, Amazonas e Pará. Uma forte tendência que se observou na produção daquele período foi um teatro que perseguia uma estética de intervenção social, que buscava refletir sobre as questões que atingiam o cotidiano daquela população. O objetivo deste trabalho é o de investigar essa produção pautada por esta estética em peças produzidas na Amazônia Sul-Ocidental, com foco para aquelas produzidas no Estado do Acre, e fazer o levantamento da rede de contatos que interligava grupos amazônicos, realizando pesquisa descritiva e exploratória, através de levantamento bibliográfico e pesquisa de campo, com produtores artísticos da época. Tais estudos podem se mostrar fundamentais para traçar o momento histórico da produção artística amazônica, empreendimento que ainda carece em pesquisas.

O DAIME, AS PESSOAS, O ESTADO E OS DISCURSOS

Gerson Rodrigues de Albuquerque (Orientador)

Fernanda Cougo Mendonça

Tecer uma pesquisa inserida na pluralidade de saberes, fazeres e seres presentes na doutrina do Daime é uma experiência desafiadora. A presente comunicação constitui um exercício de desnaturalização de discursos instituídos. Devido a preconceitos e perseguições por parte da sociedade, da mídia e do Estado, surge uma necessidade de institucionalização de grupos daimistas/hoasqueiros. Funda-se, pois, um diálogo entre tais grupos, pesquisadores e o Estado. Diálogo este que estabelece uma luta de poder na linguagem e, muitas vezes, acirra ou enfatiza demasiadamente cisões internas; silencia vozes e coisifica pessoas; folcloriza práticas. Isto porque à necessidade de institucionalização soma-se a de “inventariar” ou “cartografar” a “cultura” e/ou a história da referida doutrina. Cria-se uma espécie de “cartografia ayahuasqueira”; um discurso que tende a essencializar tanto a “Amazônia” ou o “Brasil” e seus habitantes, quanto as ditas “religiões” ou “tradições ayahuasqueiras” e seus praticantes, se distanciando das múltiplas vivências de homens, mulheres e crianças em situações específicas. A questão é que pesquisas acadêmicas geram textos escritos, fixos, que, em diálogos com o Estado, se tornam instrumentos de poder. Portanto há que se desnaturalizar os tons que se pretendem absolutos. Diante do perigo de esvaziamento da quase inexprimível experiência com o daime/hoasca; da “lógica xamânica” da Ayahuasca; estabelecer uma aproximação com aqueles que vivenciam a dita doutrina é um caminho. Nesse sentido propõe-se deslocar o foco do estudo de uma possível “cultura daimista” para as pessoas que a constituem cotidianamente. No caso, especificamente para a pessoa de Luiz Mendes: suas experiências de vida, seus saberes aprendidos com a ayahuasca, com o daime de Mestre Irineu em contextos histórico-sociais específicos; as memórias gravadas em seu corpo. Saberes e memórias que é possível apreender a partir de sua rica performance oral.

ARQUITETURAS DA “CIDADE MODERNA” NA AMAZÔNIA ACREANA: IMAGENS DE UMA INSÓLITA “PRINCESA” ENTRE O RIO E A FLORESTA

Gerson Rodrigues de Albuquerque

Desde o final do século XIX e, principalmente, nas primeiras décadas do século XX, Xapuri passou a ser conhecida como a “Princesinha do Acre”, pela opulência econômica de seus seringais, expressa na arquitetura da cidade, com seus casarões de madeira, que, desde a década de 20, conviveu com o aparecimento das casas de alvenaria, erguidas com base em um novo discurso de técnicas e arquitetura moderna. A modernidade enquanto discurso, inserindo padrões de vida “civilizada” entre a floresta e o rio Acre, teceu esses processos de “fazer-se” da cidade, em desafio aos ambientes naturais e aos modos de vida das populações menos favorecidas, dos distintos grupos de seringueiros (indígenas e não indígenas). A modernidade enquanto discurso de um novo que requer sempre um mais novo, ou de um moderno que requer sempre um mais

moderno. Com a presente comunicação, objetiva-se articular os sentidos desses discursos e seus contrastes com a paisagem de abandono em que se encontram as edificações de diferentes “modernidades” no itinerário histórico da “princesa” do alto Acre, espelhando a ruína física e simbólica de uma cidade “esvaziada” em muitos aspectos. No trânsito de artefatos, mercadorias, matérias primas, mercados e discursos de desenvolvimento regional, a modernidade do urbano xapuriense conflita, fantasmagoricamente, com a voragem de um rio secularmente “oprimido por suas margens”.

CARTAS AO “PAI DO ACRE”: SACRALIZAÇÃO DE UMA MEMÓRIA IDEALIZADA

Gerson Rodrigues de Albuquerque (Orientador)

Ítala Oliveira da Silva

Este estudo se dá a partir de fragmentos da dissertação “Representações Políticas e sociais nas cartas de José Guiomar Santos”, apresentada no mestrado em Letras: Linguagem e Identidades - UFAC. O foco central deste estudo é a partir de cartas enviadas e recebidas no período de 1946 a 1962 ao/para político José Guiomard dos Santos, que foi governador do Território Federal do Acre e autor do Projeto de Lei nº 2654/57, que foi aprovado e sancionado pelo presidente da república João Goulart, por intermédio do Decreto Federal nº 4070/62 aprovado em 15 de Junho de 1962, que deu direito ao Acre tornar-se estado autônomo da federação brasileira, bem como jornais, discursos e textos que abordam o mesmo tema. O referencial teórico-metodológico constitui-se, basicamente, dos apontamentos de Walter Benjamin (1994) buscando uma “concepção de história afastada do historicismo”, Stuart Hall (2008), aonde dialogamos com as fontes como memória e representação de um tempo passado re-significado no tempo presente. Nessa expectativa de representações de realidades vividas, compreendemos que não existe uma verdade histórica e, muito menos, discurso neutro e que as cartas enviadas para Guiomard Santos, que se encontram no Museu Universitário da Universidade Federal do Acre foram guardadas em busca da preservação de uma memória, sacralizando deste modo a imagem que o político e militar queria, de “pai do Acre”.

QUANDO A CIVILIZAÇÃO CAMINHA SOBRE A FLORESTA: MARCAS DISCURSIVAS DE COLONILIDADE NO RELATO DE VIAGEM DE UM VIAJANTE LITERÁRIO DO SÉCULO XXI

Marcos Fábio Freire Montysuma (Orientador)

João José Veras de Souza

Os espaços geográfico e epistêmico da região amazônica têm sido descritos como lugares distantes do mundo (senão fora dele) de que se tem notícias, as mais variadas, desde os primórdios da sua ocupação pelos europeus. São relatos de um mundo fantástico da imaginação, de um local paradisíaco, de um ambiente infernal, de uma

terra de riquezas/reservas de recursos naturais. Essa Amazônia plural tem sido desenhada por aqueles que detém o poder de difundir, em nome de certos ganhos, impressões e discursos como esquemas interpretativos que a buscam modelizar epistêmica e ontologicamente. Todos interessados em seu uso pelas vias dos campos literário, sociológico, científico/tecnológico e, sobretudo, econômico. É predominante em todas essas visões externas, que têm sido reproduzidas também internamente, a confecção de uma percepção discursiva, posta pelos narradores, de caráter eminentemente colonial. Sob este prisma, a Amazônia – espaço tido por tais esquemas interpretativos como originalmente selvagem e atrasado - será sempre um lugar a ser explorado, colonizado e, mais que tudo, modernizado. Por esta leitura histórica, mesmo sentido se mantém se trocarmos Amazônia por América Latina. Pelos relatos de viajantes contemporâneos, a exemplo do produzido por Afonso Romano de Sant’Anna – em sua crônica “*No Caminho da Floresta*” (2013) - podemos facilmente colocar a palavra Acre no lugar de Amazônia/América Latina (e assim o literato procede). O presente trabalho objetiva apontar e problematizar as marcas/epistemes - reproduzidas pelo poeta e escritor brasileiro - do sentimento da modernidade eurocêntrica historicamente construído para a manutenção do padrão colonial de poder (ou colonialidade, no dizer de Aníbal Quijano) que ainda vigora fortemente nestes espaços de vidas e de sentidos latino americanos, amazônicos e acreanos.

HIDRELÉTRICAS NO RIO MADEIRA: DISCURSOS, SUJEITOS E TERRITORIALIDADES NA AMAZÔNIA DO SÉCULO XXI

Gerson Rodrigues de Albuquerque (Orientador)

Julia Lobato Pinto de Moura

Esta comunicação é uma experiência de reflexão sobre a historicidade das produções discursivas e relações poder-saber na transformação do espaço amazônico. São analisados alguns discursos sobre os empreendimentos hidroenergéticos no rio Madeira, e considerando que há diferentes sujeitos em questão, enfocamos nos representantes do Estado e dos consórcios como legitimadores dos empreendimentos, porta vozes do discurso hegemônico, e nos sujeitos impactados pela construção das barragens e especialistas independentes, que contradizem o discurso oficial. Propõe-se uma experiência de análise a partir das falas do documentário “Entre a Cheia e o Vazio”, dirigido e escrito pelo sociólogo e professor Luiz F. N. Garzon da UNIR, e de alguns trechos memorados das conversas que ocorreram na Usina Hidroelétrica Santo Antônio e no Reassentamento Santa Rita durante uma visita do PET- Geografia - UFAC. Vimos que a produção dos discursos sobre a identidade nacional, pelo menos desde o fim do século XIX, determina que o projeto de desenvolvimento, sob a ótica da modernidade, passa pela desterritorialização de populações tradicionais e incorporação da natureza aos ditames da civilidade. Opta-se por dialogar com algumas perspectivas teórico-metodológicas propostas por Foucault (1996, 2008) por entender que ele fornece contribuições significativas para pensar uma teoria do discurso enquanto relações de saberes e poderes que produzem um ordenamento social – e, portanto territorial - na

modernidade. A partir de uma abordagem transdisciplinar e do diálogo com outros teóricos e ensaístas observou-se a função das instituições sociais na produção do ordenamento desenvolvimentista na Amazônia, e como exercem poder sobre os sujeitos e seus territórios. As relações entre o discurso e a produção de uma ordem social e cultural dita moderna dão 'novos' sentidos aos territórios e sujeitos, ressignificam suas identidades, impõem deslocamentos, produzindo e reproduzindo o espaço amazônico a partir de interesses externos que se tornam hegemônicos, normatizados, instituídos.

ERRÂNCIA, MEMÓRIA E ARTE: NARRATIVAS DO TEATRO NA CIDADE DE RIO BRANCO - ACRE (1970-1990)

Gerson Rodrigues de Albuquerque (Orientador)

Juliana Feitosa Albuquerque

Durante as décadas de 1970-1990, ocorreu uma grande efervescência artístico-cultural no Acre, especialmente, na cidade de Rio Branco, capital desse estado amazônico. Nesse contexto, ao passo em que os trabalhadores rurais passaram a desenvolver uma série de lutas e de processos organizativos no sentido de assegurar sua permanência na floresta ou em áreas próximas às principais cidades acreanas, estudantes, professores, artistas e profissionais liberais constituíram importante apoio às lutas desses trabalhadores da floresta e de populações indígenas. Nesse rico contexto ressurgiu o teatro no Acre, incorporando a temática da floresta e da luta das populações que a habitavam. O presente estudo tem como foco central refletir sobre esse processo histórico, a partir de pesquisas e leituras sobre o teatro amador no “Aquiry”. Pensar os caminhos percorridos por aqueles que partilharam experiências com as artes cênicas, em fins da década de 1970, inserindo-se como sujeitos políticos de suas próprias histórias, num momento crucial de reordenamento da cidade de Rio Branco e de seu entorno, marcado pela presença da floresta e do rio, implicou em lançar mão de uma perspectiva de abordagem teórico-metodológica cuja inspiração encontra ressonância nos postulados de Argan (1993), Benjamin (1994), Portelli (2010), Sarlo (2005) e Glissant (2005). A partir dessas referências, tomadas como fonte de inspiração para a abordagem, articulamos no foco de nossa análise, simultaneamente, as trajetórias históricas de artistas da cidade de Rio Branco e de trabalhadores rurais na cidade: mulheres e homens expropriados da floresta. Dois distintos grupos de sujeitos sociais invisibilizados pela historiografia oficial, isto é, tratados como se não existissem ou como errantes “Judas asvherus” (CUNHA, 1967), “fantasmagóricos” na cidade e na floresta.

PROCESSO DE MIGRAÇÃO DE CEARENSES AO ACRE: RUMO À VITÓRIA!?

Alexandre Melo de Sousa (Orientador)

Mayra Raelly da Costa Silva Saar

É comum ouvirmos o discurso de que os cearenses foram os formadores de nossa cultura e costumes, entretanto, reduzir a vinda de cearenses ao Acre a formadores da cultura acriana, significa, além de apagar a existência dos que aqui já vivem, negar a condição histórica e política desses sujeitos. Com base nisso, este estudo tem como objetivo discorrer acerca da migração de nordestinos para a Amazônia durante a Segunda Guerra Mundial impulsionados pelo discurso ideológico de vitória e riqueza, e que acabaram contribuindo com a formação histórica e política desse estado. Através da Análise do discurso, ancorado nos estudos de Foucault (2013) e Orlandi (1990), analisa-se cartazes de propagandas, discutindo-se o poder persuasivo da palavra que, aliada ao contexto histórico, incitaram cearenses a se “embrenharem” na floresta amazônica para trabalharem na extração do látex, abastecendo o mercado americano. Com base nesse estudo, pode-se apreender que: a expatriação dos cearenses ao universo amazônico no período da Segunda Guerra Mundial decorre, essencialmente, de uma ação política-estatal, desprovida de um olhar fraterno, possibilitando uma intensa exploração de riquezas descompromissada com o desenvolvimento do Acre; o título de soldado da borracha não resultou em qualquer galardão e tão pouco reconhecimento do Estado aos cearenses; fugindo da falta de perspectiva em seu lugar nativo, os cearenses, resignificaram suas vidas, acreditando que no Acre experimentariam o sabor da vitória, da honra e da glória, porém, re-experimentaram o descaso, a marginalidade, a eles restaram apenas o apagamento, o abandono, o silenciamento.

A FESTA POPULAR EM CONTRASTE COM O CÍRIO NA OBRA O “CARRO DOS MILAGRES” DE BENEDICTO MONTEIRO

Lindinalva Messias (Orientadora)

Odson Lopes Moreira

O Carro dos Milagres é um conto de Benedicto Monteiro, obra que pode ser lida a partir de vários pontos de vista e na qual se evidencia um forte contraste entre o Círio de Nazaré, festa religiosa oficial, e a festa popular vivida nesse mesmo momento na cidade de Belém do Pará. Encontram-se no texto elementos como o grotesco, o cômico, o riso e o carnavalesco sobre os quais escreveu Mikhail Bakhtin em seu livro *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Acompanhar o Círio seria como passar por um processo de catarse, uma liberação de emoções e tensões reprimidas. As festas permitem essa renovação do ser, algo que, segundo Bakhtin, está relacionado à existência humana, o reino utópico da universalidade, liberdade, igualdade e abundância. O Círio não tem começo nem fim, como se fosse uma grandeza muito além da procissão, muito além da solenidade religiosa. Nele o carnaval e o religioso acontecem ao mesmo tempo. Enquanto se vive o momento sagrado, religioso, da piedade e da contemplação, vive-se também o momento festivo, de danças, de profanação do próprio Círio, de muita bebedeira, de barulho alto noites afora. As diferenças entre o formal e institucional e o popular estão vivas nesse conto. A disparidade entre o que a instituição ensina e o comportamento que ela mesma

adota. Em contraste, a alegria em desfrutar as coisas simples da vida, um gole de cachaça, um pedaço de peixe frito, soltar balões coloridos no ar. A alegria da vida em comunidade, em que as pessoas, simples, não precisam de muita explicação para entender os problemas alheios. Enfim, o problema de ter valorar e valorizar demais aquilo que não vale tanto. A qualquer hora, simples balões coloridos, de gás, podem sair levando esses valores pelo ar.

CIDADES E PAISAGENS INSÓLITAS EM RELATOS DE VIAJANTES DO SÉCULO XIX

*Gerson Rodrigues de Albuquerque
Raquel Alves Ishii*

Bates, Wallace, Ave-Lallemant, Luis e Elizabeth Agassiz, e tantos outros viajantes registraram em seus relatos de viagem o aspecto insólito das cidades e paisagens amazônicas, durante o século XIX. O objetivo dessa comunicação é analisar como a paisagem de cidades amazônicas no século XIX é descrita por viajantes exploradores, observando, especialmente, os aspectos considerados pelos viajantes como raros e excepcionais, como os contrastes entre o que consideravam como urbano e não urbano nas cidades, bem como o comportamento moral de habitantes locais. Manaus, Cametá, Óbidos, Tefé, dentre outras, são cidades descritas em sua urbanidade “incomum”, ao mesmo tempo em que homens e mulheres negras, indígenas e “meninos fuscões” adicionam cores variadas a essa paisagem com seus hábitos contrários aos costumes dos viajantes. A literatura de viagem ocupa-se em narrar e (re)criar ambientes e pessoas a partir do que é comum, costumeiro e ordinário ao narrador-viajante. O insólito ou o extraordinário emergem nas páginas dos relatos por meio do conflito entre o que se conhece e o que se desconhece, entre o que não se sabe e o que se quer saber. A paisagem amazônica, desenhada insolitamente por naturalistas, cientistas, exploradores e aventureiros, ganha contornos contrastantes, compõe um quadro pitoresco e retrata formas de vida avessas ao conhecido, de modo a (re)produzir uma visão sobre a região que (re)afirma a indolência de pessoas e da natureza.

PODER PÚBLICO, SABERES MÉDICOS E MEDICINA POPULAR NO TERRITÓRIO DO ACRE (1904 A 1930)

Sérgio Roberto Gomes de Souza

A presente proposta objetiva explicitar alguns dos posicionamentos assumidos pelo poder público e parte da imprensa do Território do Acre, em relação a curandeiros e feiticeiros que, entre os anos de 1904 a 1930, desenvolviam práticas de medicina popular. Interessa-nos ressaltar, neste contexto, possíveis ineficiências dos serviços de saúde pública no Acre, no período anteriormente mencionado, expressas em queixas e pedidos de auxílio por parte da população, publicados em jornais e documentos produzidos por prefeitos departamentais e, posteriormente, governadores. As diversas evidências encontradas sugerem que as dificuldades de acesso a médicos e medicamentos, terminaram por se constituir em importante fator para a expansão de

outras artes de curar na região. O Estado, como dito anteriormente, parece ter assumido, em meio a este processo, uma postura dúbia. Por um lado, instituindo diversas normas e regulamentos, que tinham por objetivo restringir o exercício de ofícios nas áreas de saúde aos que fossem portadores de diplomas, comprobatórios da formação acadêmica exigida para tanto, prevendo, inclusive, um conjunto de sanções aos que rompessem com as regras criadas. Por outro, as pesquisas realizadas demonstraram evidências de que diversos empecilhos impossibilitavam a implementação do que fora normatizado, o que pode ter contribuído para que não se constituísse em rotina, ações mais rigorosas contra os que cometiam tais “delitos”.

Simpósio

Traços do imaginário: o fantástico e o maravilhoso nas Literaturas de Língua Portuguesa

Coordenadores: Prof. Dr. Pedro Manoel Monteiro (UNIR) e Prof.^a Ms.
Raquel Aparecida Dal Cortivo (UFAM)

O IMAGINÁRIO MARAVILHOSO CABO-VERDIANO NO CONTO *CAPOTÓNA*, DE IVONE AIDA

Pedro Manoel Monteiro

Esta comunicação tem por base a análise do conto *Capotóna*, da escritora cabo-verdiana Ivone Ramos Aida Fernandes. *Capotóna* aparece inserido na coletânea **Futcera ta cendê na Rotcha** que foi publicado no ano 2000 em Cabo Verde. *Capotóna* aparece na coletânea em duas formas justapostas: vem, no primeiro momento em Língua Cabo-verdiana (das relações familiares), na sua vertente da ilha de Santiago, mais especificamente, da cidade de São Vicente, local onde nasceu Ivone Aida e também na versão editada em Língua Portuguesa (das relações oficiais). O conto *Capotóna*, para além de sua falsa impressão inicial, que o situa, enganosamente, no universo fabular da literatura infantil, pertence a outra categoria, pois, numa leitura mais apurada, percebe-se que está alçada ao nível da discussão histórica e cultural do imaginário infantil popular, traço imanente da cultura cabo-verdiana. Em muitos aspectos o conto se aproxima da história do “homem do saco-preto”, contada pelos adultos no Brasil, com a finalidade de induzir as crianças à obediência e ao controle. Em *Capotóna*, Ivone Aida deslinda e fixa a origem histórica e social dessa personagem “O Capotóna”, evidenciando que sua influência alimenta o imaginário popular, assim como ocorre no Brasil com o boto, ou com o curupira, entre outros seres mágicos/maravilhosos que pertencem ao mundo do sobrenatural

O FANTÁSTICO COMO EXPLICITAÇÃO DO SENTIDO DO ABSURDO NO ROMANCE “NO INFERNO”, DE ARMÊNIO VIEIRA

Raquel Aparecida Dal Cortivo

Este trabalho visa à análise dos aspectos fantásticos no romance *No inferno* (2001), do escritor cabo-verdiano Arménio Vieira, a partir da definição dada por Todorov pautada no critério de indecidibilidade entre o real e o imaginário. Entendemos que os elementos fantásticos assumem na contemporaneidade traços existenciais e, no referido romance, atuam na explicitação do sentido de absurdo, conforme desenvolvido por Albert Camus. A confluência do fantástico e do absurdo no romance advém da aproximação e alternância do que Sartre denominou “mundo às avessas” e “personagem às avessas”, uma vez que o protagonista, confrontado com a própria identidade, se encontra mergulhado num mundo insólito marcado pela fragmentação espacial e temporal. Com isso, pretende-se rastrear os traços do fantástico, que segundo Camarani (2014, p. 93), são contraditórios e seguem “uma coerência e complementaridade próprias”, associando-os às manifestações do absurdo, imagem da condição humana que se dá na representação da repetição, da reiteração do mesmo e da ausência do fim; de modo que fique evidenciado, nesse sentido, outro aspecto da narrativa fantástica: a atribuição da “mesma inconsistência ao real e ao sobrenatural” (Camarani, 20014, p. 93). Tudo isso perpassado por um tom irônico possibilita a percepção de temas e formas do que se convencionou chamar de romance pós-moderno.

REAL COMO DELÍRIO NO VIÉS DO INSÓLITO E FANTÁSTICO NO CONTO: O HOMEM QUE NÃO PODIA OLHAR PARA TRÁS DE NELSON SAÚTE

Pedro Manoel Monteiro (Orientador)

Ana Yanca da Costa Maciel

Este trabalho insere-se no campo dos estudos de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, é resultado dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos no âmbito do grupo de pesquisas LILIPO. Neste trabalho buscamos analisar o elemento fantástico como recurso de construção da obra ficcional contemporânea, tendo também como enfoque de análise a perspectiva de insólito como elemento estruturador do conto *o homem que não podia olhar para trás*, obra do escritor moçambicano Nelson Saúte. O homem que não podia olhar para trás foi publicado no Brasil em 2006 e é uma obra voltada para o público infanto-juvenil, apesar de seu enredo apresentar uma complexidade invulgar, geralmente divulgada para um público leitor mais maduro. Para a análise que propomos, entendemos que a fundamentação teórica, deve partir da perspectiva da contraposição de um processo fabular que leve em conta uma diegese realista versus uma diegese baseada no mundo fantástico, puramente ficcional, invocando a participação do leitor que, neste processo de recepção e interação com a obra será alçado para o universo da perplexidade, do deslocamento espaço-temporal que o homem que não podia olhar para trás, de Nelson Saúte propicia, assim teremos o efeito de indecidibilidade que tanto

caracteriza a base ideológica da teorização do fantástico na literatura. E neste sentido tomamos como linha teórica as definições de Todorov (1968). Nosso trabalho de análise será pautado pela busca desse instante ficcional que busca ultrapassar a realidade tangível através de uma tradição fabular erradicada na escrita Neorrealista, para atingir desta forma um processo diegético totalmente ficcional, que representa uma espécie de transgressão ou bloqueio de passividade, ou submissão atuando assim num novo paradigma quando se unem elementos que incomuns, que por definição instauram o conceito de literatura como sendo o do estado desperto que só pode ser fomentado como sendo avesso ao processo de repetição da realidade ou dos objetos observáveis, inseridos com elementos comuns, portanto revelando em seu bojo características a que entendemos como elementos insólitos.

“O RAPAZ E O CRÂNIO” EM UMA PERSPECTIVA SOBRENATURAL, DE ACORDO COM TODOROV

Pedro Manoel Monteiro (Orientador)
Andressa Viana da Silva

Objetiva-se analisar a construção do conto popular africano “o rapaz e o crânio”, no devir sobrenatural. O conto que trata sobre aspectos lendários trás adaptado a narrativa do folclore quimbundo, na história de um rapaz que se depara com um crânio que fala: “Aproximou-se, bateu-lhe com um pau e disse: — Deves a morte à tua estupidez. O crânio respondeu: — A estupidez me matou, a tua esperteza também te matará.”(MOUTINHO,39-1978). A partir daí podemos perceber os aspectos inverossímeis que o classifica em fantástico-sobrenatural, de acordo com as perspectivas de Todorov (1969), que engloba o “sobrenatural” na literatura fantástica. Tendo ainda, uma breve reflexão a cerca dos aspectos de contos africanos, de acordo com a concepção de Laura Padilha, que leva em consideração as crenças populares, que por sua vez influência na escrita literária. Atenta-se também que no conto há uma relação entre a morte e a vida, como fica claro no diálogo que é narrado entre o crânio e o rapaz e, posteriormente, entre o crânio e a população. E que é ratificado por Padilha: “a morte não corta a comunicação com os vivos” (PADILHA, 1995, p.39). O que pontua uma das características da cultura africana. Logo, será estabelecida uma análise a fim de se refletir sobre a classificação do fantástico-sobrenatural dentro do conto exposto.

O FANTÁSTICO GATO NO ESCURO

Pedro Manoel Monteiro (Orientador)
Doane Braga de Carvalho

Para esta comunicação, analisaremos o fantástico em uma obra da série literária moçambicana contemporânea. Nossa visada recai sobre a forma conto da literatura infanto-juvenil, dada a facilidade de leitura pelo público a que se destina. Para tanto, faremos uso da teoria do fantástico definida por Tzvetan Todorov em sua obra seminal

Introdução à Literatura Fantástica (1975) na qual o teórico postula que o fantástico não pode ser explicado pelo estranho puro. Pelo contrário, ele “ocupa o tempo desta incerteza” (p. 15). Mundos com seres animais falantes, instantes de indecidibilidade, ou seja, de acordo com Jacques Derrida, adentramos ao mundo do fantástico pela insinuação de que tudo se passava apenas no campo da ilusão, mas quem viveu essa ilusão não tem a certeza do ocorrido. Tais elementos são encontrados em obras do gênero fantástico. Neste sentido, a obra *O Gato e o Escuro* (2008) do moçambicano Mia Couto dedicada ao público infantil está inserida neste gênero. O sonho, a transfiguração da ausência de luz, o Escuro, em um gato trazem para a narrativa elementos que, ao causar o estranhamento, envolvem o leitor, convidando-o a compactuar da fantasia. Esta comunicação dialoga com a proposição do simpósio *Traços do imaginário: o fantástico e o maravilhoso nas Literaturas de Língua Portuguesa* ao nos debruçarmos sobre o fantástico a partir da perspectiva do estudo das literaturas de Língua Oficial Portuguesa que busca não apenas envolver o leitor infantil, mas também transmitir um ensinamento.

O INSÓLITO NOS CONTOS: “A MENINA SEM PALAVRAS” E “O NÃO DESAPARECIMENTO DE MARIA SOMBRINHA” DE MIA COUTO

Edinaldo Flauzino de Matos

Na presente comunicação discutiremos os limites entre o real e o fantástico em dois contos do autor moçambicano Mia Couto: “A menina sem palavras” e “O não desaparecimento de Maria Sombrinha”. Então, à luz dos estudos de Tzvetan Todorov em *Introdução à literatura fantástica* (2004), apreenderemos que nos contos em proposta surgem fatos insólitos, ou seja, que não se originam propriamente das leis da natureza tais como são conhecidas. No primeiro conto: há uma hesitação em que o fantástico pode ser a solução possível entre a ilusão dos sentidos ou produto da imaginação; há no conto um desfecho incomum em que a razão não mais pode explicar. No segundo conto proposto, discutiremos o texto como metáfora da realidade contemporânea regida por leis naturais em face de acontecimentos sobrenaturais, ou seja, que a ciência não conseguiria elucidar. Em ambos os contos há a manifestação da incoerência discursiva frente à racionalidade. Os desfechos e personagens semiotizam o incomum dando margem à subjetividade. Observamos que partes dos textos pertencem ao real enquanto que a conjuntura da hesitação diante do insólito, advindo do fantástico, suaviza os fatos narrados cuja ampliação do caráter incoerente advém da linguagem metafórica, da lógica racional introduzida na realidade em que a perspectiva fantástica aponta para a possibilidade de alterar, por meio da fantasia, a legalidade cotidiana.

O FILHO DO VENTO, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA: O MARAVILHOSO EM FAVOR DA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE

Pedro Manoel Monteiro (Orientador)
Emanuelly Mariana Trindade Guimarães

A obra *O filho do vento*, de José Eduardo Agualusa, é o objeto de estudo dessa pesquisa. Agualusa, um dos mais celebrados entre os escritores contemporâneos de Angola, utiliza-se, frequentemente, de aspectos e temas retirados do universo fabular folclórico angolano, aproveitando assim o conhecimento popular e a oralidade como fonte de inspiração para a criação de suas obras. Para este trabalho destacamos a obra *O filho do vento*, analisada com o olhar voltado para um único aspecto que tange ao processo diegético: o fantástico/maravilhoso como elemento estruturador da narrativa. O objetivo do trabalho é verificar na obra de Agualusa, especificamente, no Conto *O filho do vento*, os traços do imaginário e a simbologia do vento, como fatores de valorização da identidade no processo de amadurecimento do ser, enfatizados por José Eduardo Agualusa neste conto. Essa comunicação tem como centro de análise a identificação dos aspectos fantásticos que irrompem numa linha de indecidibilidade (“Um dos aspectos mais importantes da desconstrução que corresponde ao pensamento que não se apoia em qualquer critério exterior para formar juízos. [segundo o] pensamento de Jacques Derrida”: disponível em http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtre&link_id=422:indecidibilidade&task=viewlink) entre o real e o que escapa a ordem desse real e/ou as formas do maravilhoso (do mundo claramente sobrenatural), conforme rezam as teorias do fantástico apresentada por Todorov (Introdução à Literatura Fantástica, 1980) e muito sintetizado pela professora Selma Calasans (O Fantástico, 1988). Portanto, a pesquisa em questão se justifica devido à escassez de estudos sobre a sua obra, visando contribuir às investigações sobre a literatura africana de língua portuguesa contemporânea.

A NORMALIDADE DO MUNDO DE ANDRÉ CARNEIRO: ENTRE O FANTÁSTICO E O REAL

Oswaldo Copertino Duarte (Orientador)
Joama Silva Diniz

O presente estudo busca abordar o fantástico no fazer literário de André Carneiro (1922-2014), autor que é considerado referência do gênero no Brasil, responsável pela introdução da moderna ficção científica com contos publicados e reconhecidos em diversos países. Recorrendo ao fundamento estruturalista para uma leitura de “*a normalidade do mundo*”, um dos contos do livro de Ficção Científica *Confissões do Inexplicável* usando como suporte a teoria do fantástico enquanto gênero, de Tzvetan Todorov, debruçando-se sobre a narrativa e os elementos que a compõe descortinamos o cotidiano ficcional onde é possível predizer o fantástico em que o leitor tende a perceber o análogo entre ficção científica e o real ante a ambientação do conto.

AS MARAVILHOSAS MULHERES DO FANTÁSTICO!

*Pedro Manoel Monteiro (Orientador)
Julcy Emanuella da Silva*

Este trabalho tem por objetivo analisar o fantástico presente nos contos moçambicanos: Princesa insubmissa, retirado do romance Nicketche, de Paulina Chiziane e O beijo da palavrinha, de Mia Couto. O fantástico rompe com a questão do real trabalhando no campo da indecidibilidade, atuando entre a certeza e a incerteza, alçando o leitor ao mundo da incerteza. Neste trabalho iremos também analisar o papel das mulheres distintas presentes nestas narrativas. No primeiro conto, de Paulina Chiziane, dentro do romance Nicketche temos a estória de Vuyaze, uma mulher que não se curvava ao poder patriarcal, sob o qual nasceu e cresceu, por ser tão a frente de seu tempo, e estar em oposição ao poder estabelecido, recebeu como punição de seu pai o castigo de que um dragão a levasse até a lua e que lá permanecesse para servir de exemplo às outras mulheres. Já no segundo conto, O beijo da Palavrinha, o escritor Mia Couto traz a estória de Maria Poeirinha, uma menina de família humilde que diferente de Vuyaze não conhecia nada, nem mesmo o mar, até que um dia seu irmão com apenas papel e lápis, conseguiu com que Poeirinha pudesse ter a sensação de admirar o mar sem estar nele, escrevendo a palavra mar, depois guiando o dedo de Poeirinha sobre a palavra, a narrativa termina com a Poeirinha sendo levada, não se sabe se foi por “remoinhos de areia branca” ou se era a própria Poeirinha que levantara voo. Ambas as protagonistas dos contos analisados, representam dentro de uma perspectiva do fantástico uma abordagem do universo feminino na literatura africana na contemporaneidade.

O FANTÁSTICO PRESENTE NA PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA DE NELSON SAÚTE: O HOMEM QUE NÃO PODIA OLHAR PARA TRÁS

*Pedro Manoel Monteiro (Orientador)
Laíssa Pereira de Almeida*

Nesta comunicação analisamos a presença do fantástico na recriação de um conto tradicional do Norte de Moçambique: *O homem chamado Namarasotha*, de autoria desconhecida, comparando-o com a produção contemporânea de Nelson Saúte: *O homem que não podia olhar para trás*. No conto tradicional encontramos um homem pobre que buscando uma vida melhor e uma esposa, caminha ao léu, e neste processo encontra dois pássaros que o aconselham, ele segue até encontrar uma bela mulher com quem se casa, no entanto, mais tarde, ao desobedecer a ordem da esposa para não olhar para trás, acaba perdendo seu “posto de marido”. No conto contemporâneo há também um homem pobre, porém que se confunde com sua sombra, cansado de carregá-la sobre os ombros exaustos de tantos caminhos já percorridos, não deixa de caminhar, encontrando também uma esposa, a partir desse momento sua vida mudará, entretanto, também não pode olhar para trás, assim como no conto tradicional também recebe um aviso por parte de sua esposa, para não olhar o passado, mas apesar da advertência,

também acaba desobedecendo, e ao olhar para trás, tudo retorna ao estado inicial, como já fora um dia. Assim penetramos o universo da indecidibilidade, a que remete Derrida, adentramos ao mundo do fantástico pela insinuação de que tudo se passava apenas no campo da ilusão, mas quem viveu essa ilusão: ele ou sua sombra? “[...] ele estava na condição daqueles que tinham fugido de tudo e de si próprio. Muitos moçambicanos perderam as suas sombras nas tortuosas caminhadas em busca de um lugar [...]” (SAÚTE, 2006, p. 8). Portanto, Saúte reestiliza o mesmo mote da literatura tradicional em aspecto do fantástico, em sua releitura. Também buscaremos analisar o papel social das mulheres nestas narrativas, focando o olhar na personagem Halima, além de uma impala e uma gazela, como símbolos dessa mundivivência moçambicana.

O MARAVILHOSO E O FANTÁSTICO NO CONTO A MORTA, DE FLORBELA ESPANCA

*Arlene Leite de Almeida
Manuella Nogueira da Silva*

O trabalho tem por objetivo identificar como se dá o fantástico no conto “A morta”, de Florbela Espanca. Neste conto podemos encontrar alguns elementos sobrenaturais que, de certa forma, infringem as leis naturais, criando rupturas no que se refere aos limites entre o real e o imaginário. Tais características são encontradas logo no início do conto, pois uma mulher já morta levanta a tampa do caixão e sai do cemitério em busca do amado. Esta é a primeira de outras situações em que o fantástico aparece. A partir desta cena seguem-se novos acontecimentos que fogem do real e do entendimento racional dos fatos relatados. Observam-se, assim, tanto a descrição do que Todorov denomina como maravilhoso na manifestação inconteste do sobrenatural, como a dúvida ou tentativa de explicação racional do relato, despontando elementos do fantástico, ou seja, da hesitação entre a realidade e a irrealidade. Todorov discorre em “Introdução à Literatura Fantástica”, que o fantástico é um gênero que depende da hesitação entre o real e o sobrenatural, inserindo a narrativa no terreno inexplicável, ou estranho, devido não existir uma explicação racional para o evento ocorrido na história. Nesse sentido, será traçada análise voltada para a evidenciação desses momentos e dos elementos de suspense, de terror, a presença do gótico que inscrevem o “verdadeiro tempo fantástico, [...] do terror absoluto” (CAMARANI, 2014, p. 51) indicado pela morta.

CONTRADIÇÃO ENTRE O REAL E O FANTÁSTICO NO CONTO “A MANCHA” DE MIA COUTO

*Pedro Manoel Monteiro (Orientador)
Michelle Cechin da Silveira*

Esta comunicação centra-se na análise do conto “A Mancha” de Mia Couto, que se constitui no modo fabular do entrelaçamento de alguns aspectos da literatura fantástica, perpassa também a crítica feita ao período da guerra civil em Moçambique. Mia Couto

inicia o conto de maneira tradicional, inserindo o leitor na realidade ao descrever o cenário em que o personagem está. Em meados da narrativa, insere-se o elemento fantástico quando o personagem e o leitor entram em uma dualidade entre o real e o imaginário, a razão e a desrazão, que lançam a narrativa para o campo teórico definido por Tzvetan Todorov (1939, p. 31): “o fantástico ocorre nesta incerteza (...) é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento sobrenatural”. Ou seja, a possibilidade de transitar entre os universos do real e do irreal, questionando a razão pela qual aconteceu, ambiguidade do absurdo que houve na cena. Ainda que haja a alternativa pela ordem natural, é tão superficial, que pouco supri a necessidade de resposta; retrocedendo então ao questionamento inicial. Reiterando Thémastique Tomachevski (1965, apud RODRIGUES, S.C. 1988), “no verdadeiro fantástico, guarda-se sempre a possibilidade exterior formal de uma explicação simples dos fenômenos, mas ao mesmo tempo essa explicação é completamente privada de probabilidade interna. Todos os detalhes devem ter um caráter cotidiano, mas considerados em seu conjunto eles devem indicar outro tipo de causalidade”. Buscamos classificar o tipo de fantástico utilizado pelo autor para referir-se à violenta e trágica guerra civil moçambicana, conceitualizando o estilo literário; nossa visada recai na análise do jogo entre: verossimilhança *versus* inverossimilhança, a alegoria utilizada ao interceder pelo contexto em que vivera e as ferramentas do discurso utilizadas para a construção do desfecho da obra.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O FANTÁSTICO EM A CONFISSÃO DE LÚCIO

Heloísa Helena Siqueira Correia (Orientadora)

Zeno Germano

Originalmente classificada como um romance, a obra *A confissão de Lúcio* do português Mario de Sá Carneiro, originalmente escrita em 1914, é atravessada por nuances tão específicas que podem nos levar muito além do rótulo de romance e pensar que, enquanto ficção, esta obra modernista nos coloca na condição de aproximações interessantes com o que a literatura denominou “O Fantástico”. A dicotomia entre o que é realidade e o que não é real, provavelmente está representada nos relatos do narrador/protagonista Lúcio quanto a personagem Marta, assim como no discurso enlouquecido do personagem Ricardo na parte final da obra ou ainda na descrição que Lúcio faz da cena do suposto assassinato, um discurso extremamente fragmentado que se cala antes mesmo de poder oferecer outra possibilidade ao leitor, ao mesmo tempo em que várias interpretações passaram a ser possíveis. Por este caminho da intensidade fragmentada destes Eus de Lúcio e Ricardo e a hesitação que a obra causa no leitor a coloca na condição de figurar no gênero Fantástico, em que a identidade narrativa é constantemente revisada pelo próprio protagonista, vemos um caminho de reflexão sobre a presença do Fantástico neste livro de Mario de Sá Carneiro. Ao tomarmos contato com a leitura de *A confissão de Lúcio* podemos perceber que o Fantástico se encontra ali presente por meio do cenário inusitado de questionamentos provindos do narrador – protagonista, principalmente quando se refere ao seu relacionamento com a personagem Marta.

Realização



Grupo de Pesquisa em Estudos Literários
Centro de Estudos Interdisciplinares sobre o Imaginário Social
Programa de Mestrado em Estudos Literários
Programa de Mestrado em História e Estudos Culturais
Grupo de Pesquisas Mapa Cultural - Centro Interdisciplinar de Estudos em Cultura e Artes

Apoio

Departamento de História
Departamento de Línguas Vernáculas
Departamento de Línguas Estrangeiras
Núcleo de Ciências Humanas
Paróquia Sagrado Coração de Jesus—Catedral de Porto Velho/RO
Biblioteca Municipal Francisco Meirelles



Ministério da
Educação



PROPesq

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa



